

ECONOMIA BAIANA

NEC



2025.1



RECONHECIMENTO

NÚCLEO DE ESTUDOS CONJUNTURAIS | ECONOMIA BAIANA

Participantes

Abhel Abreu dos Santos

Alanna Souza dos Santos Silva

**Ana Carolina de Carvalho Pereira
Freixo**

Douglas Quirino de Oliveira Mota

Eduardo Maynard

Luiza Souza Brandão

Rafael Carvalho Caires de Lima

Orientadora

Kaiza Correia

Elaboração Textual

Luiza Souza Brandão

Douglas Quirino de Oliveira Mota

**Ana Carolina de Carvalho Pereira
Freixo**

Alanna Souza dos Santos Silva

Eduardo Maynard

Fiscal

Alanna Souza dos Santos Silva

Eduardo Maynard

Commodities

Pietro

Indústria

Luiza Souza Brandão

Comércio Exterior

Douglas Quirino de Oliveira Mota

**Ana Carolina de Carvalho Pereira
Freixo**

Trabalho e Rendimento

Abhel dos Santos

Douglas Quirino de Oliveira Mota

SUMÁRIO

1- Apresentação

2- Política Fiscal

3- Commodities

4- Indústria

5- Comércio Exterior

**6- Trabalho e
Rendimento**

**7- Considerações
Finais**



1

Apresentação

1

Apresentação| Luiza Souza Brandão

A Pasta de Economia Baiana do Núcleo de Estudos Conjunturais (NEC) da Faculdade de Economia da UFBA tem como propósito central analisar e divulgar os principais aspectos da dinâmica econômica do estado da Bahia. Por meio de uma abordagem voltada para a economia regional, o grupo desenvolve pesquisas sistemáticas nas áreas de política fiscal, commodities, indústria, comércio exterior, trabalho e rendimento, objetivando compreender as especificidades e os desafios particulares da economia baiana.

Através do monitoramento de indicadores, da análise crítica de conjuntura e do levantamento de dados regionais, a pasta contribui para o debate sobre o desenvolvimento econômico da Bahia. Nosso foco é evidenciar como os fenômenos macroeconômicos se manifestam no território baiano e quais são seus impactos sobre o cotidiano da população, a estrutura produtiva e as perspectivas de crescimento sustentável no estado. Sob essa ótica, escolher por um olhar regionalizado não é apenas metodológica: é também política e estratégica. A Bahia, apesar de sua relevância econômica, histórica e social, ainda é frequentemente negligenciada no cenário da pesquisa econômica nacional, que tende a se concentrar no eixo Sul-Sudeste. Pensar a economia regional baiana é, portanto, uma forma de enfrentar esse desequilíbrio, valorizando a produção de conhecimento comprometida com a realidade local e com o fortalecimento das capacidades internas de análise e formulação de políticas públicas.

A partir dessa abordagem, o NEC reafirma o seu compromisso com a Universidade Federal e com a construção de uma economia mais equitativa, diversa e territorialmente equilibrada e, para nós, estudantes e pesquisadores baianos que integram esta pasta, pensar a economia do nosso estado é também um ato de identificação e responsabilidade. Nossa investigação é pautada em uma análise concreta, buscando entender as contradições, potencialidades e caminhos possíveis, a partir de nossa inserção no território e, sobretudo, de uma perspectiva científica. Acreditamos que produzir conhecimento sobre a Bahia, a partir da Bahia, é uma forma de afirmar que o nosso estado merece estar no centro do debate econômico — com voz, com análise qualificada e com horizonte crítico.

2

Política Fiscal

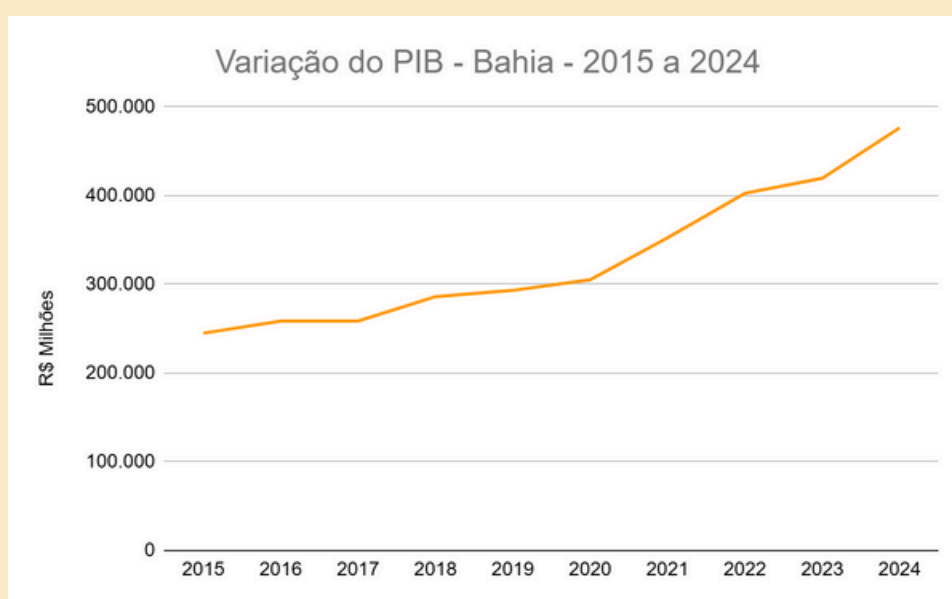
2

Fiscal | Eduardo Maynard e Alanna Souza

A Bahia representa um dos maiores estados do Brasil, tanto em extensão territorial quanto em relevância econômica e social, especialmente no contexto do Nordeste. O estudo aprofundado do seu desempenho econômico e da gestão fiscal torna-se crucial para compreender os desafios estruturais e as potencialidades regionais dentro da dinâmica econômica nacional.

Historicamente, a economia baiana passou por transformações significativas, desde uma base agrária tradicional até a diversificação econômica contemporânea, caracterizada pelo fortalecimento dos setores industrial e de serviços. Tal evolução reflete não apenas mudanças internas, como urbanização acelerada e expansão do mercado consumidor, mas também as influências das políticas econômicas federais, investimentos públicos e privados, e a integração aos mercados nacionais e globais.

No cenário fiscal, a Bahia enfrenta desafios comuns a muitos estados brasileiros, como a restrição de receitas próprias, forte dependência das transferências federais, aumento das despesas obrigatórias, e a necessidade de cumprir limites estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). A gestão eficiente das finanças públicas é, portanto, indispensável para viabilizar investimentos em infraestrutura, saúde, educação e segurança, setores fundamentais para a melhoria da qualidade de vida e para a competitividade do estado.

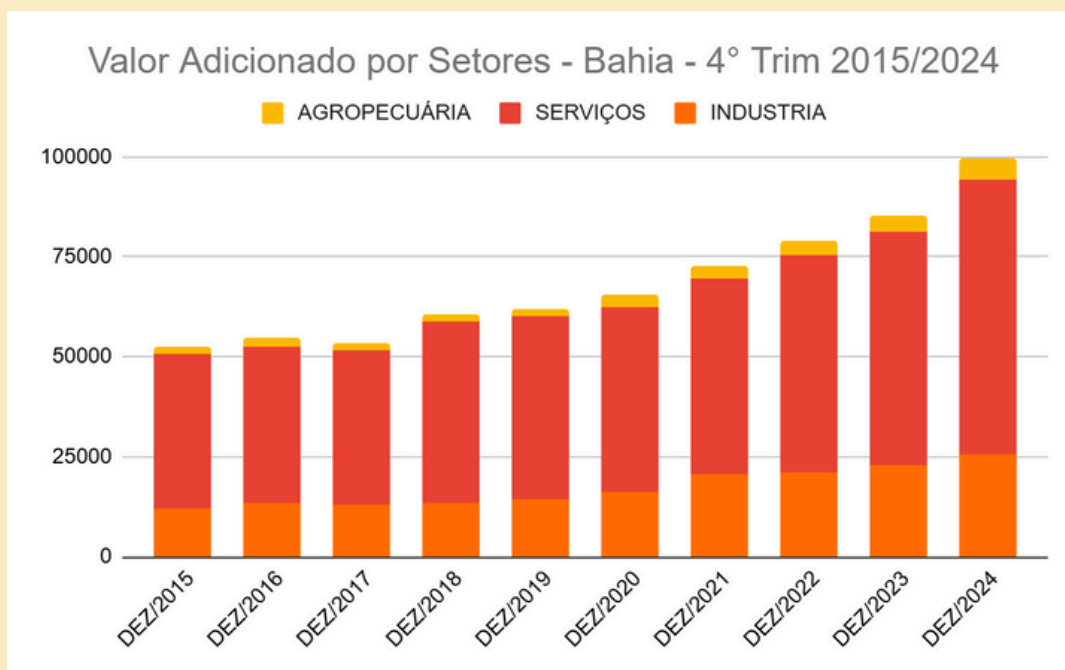


Fonte: SEI/IBGE

O Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia apresentou um crescimento contínuo e significativo entre o final de 2015 e o início de 2024, praticamente dobrando seu valor ao passar de R\$ 245 bilhões para R\$ 476 bilhões. Esse crescimento foi especialmente acelerado a partir de 2020, período marcado pela recuperação econômica após os impactos da pandemia da COVID-19. A retomada gradual das atividades, aliada a uma série de investimentos em infraestrutura e setores produtivos do estado, impulsionou a economia baiana, refletindo-se nos números apresentados.

Além da recuperação pós-pandemia, a economia da Bahia foi beneficiada por um desempenho sólido de setores como a indústria de transformação, a agropecuária e o turismo, que têm contribuído de maneira significativa para o aumento do PIB estadual. A expansão do consumo interno, favorecida pelo aumento da renda da população, e a maior inserção da Bahia em mercados externos também foram fatores importantes para a dinâmica positiva da economia local. Esses elementos, combinados, fortaleceram a base econômica do estado e promoveram um ambiente favorável para o desenvolvimento sustentável.

O contexto macroeconômico mais estável e as políticas públicas de incentivo à economia regional também tiveram papel fundamental nesse crescimento. Mesmo diante de desafios globais, a Bahia conseguiu manter um ritmo constante de avanço econômico, apoiado por investimentos estratégicos e pela capacidade de adaptação às mudanças do cenário nacional e internacional. Assim, o desempenho robusto do PIB ao longo desse período reflete não apenas a recuperação, mas também o fortalecimento da economia baiana rumo a uma trajetória sustentável de desenvolvimento.



Fonte: SEI/IBGE

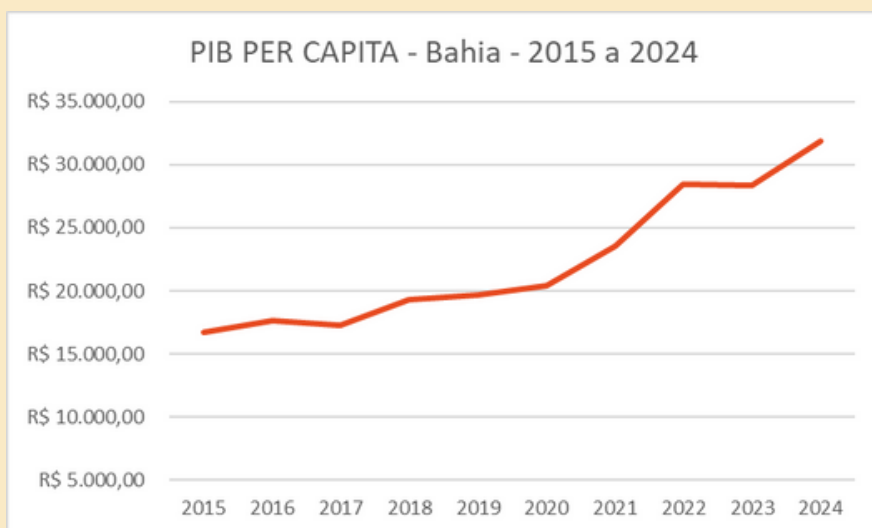
Com base nos dados apresentados sobre o Valor Adicionado (VA) dos setores da indústria, serviços e agropecuária no PIB da Bahia entre dezembro de 2015 e dezembro de 2024, podemos realizar a seguinte análise da composição setorial e as tendências observadas:

O setor de serviços representa a maior parcela do valor adicionado na Bahia, com um crescimento consistente ao longo do período. Em 2015, o setor de serviços tinha um valor aproximado de 38.634 milhões, crescendo para quase 69.000 milhões em 2024. Esse crescimento pode ser atribuído à expansão de atividades como comércio, serviços financeiros, turismo e tecnologia, que vêm ganhando maior peso na economia baiana, refletindo uma diversificação econômica e aumento da demanda interna.

A indústria também apresenta crescimento significativo, passando de cerca de 12.000 milhões em 2015 para quase 26.000 milhões em 2024. Esse aumento pode ser resultado da expansão dos setores industrial e de transformação, possivelmente impulsionado por investimentos em infraestrutura, melhorias tecnológicas, aumento da produção local e maior integração com mercados nacionais e internacionais.

Por outro lado, a agropecuária mantém uma participação relativamente pequena e estável, com leves variações ao longo dos anos, passando de aproximadamente 2.000 milhões para cerca de 5.500 milhões em 2024. Embora tenha crescido em termos absolutos, seu peso percentual no PIB tende a ser menor devido ao crescimento mais acelerado dos outros setores. Isso pode indicar uma transição econômica em que o estado se distancia da dependência agrícola tradicional para uma economia mais voltada a serviços e indústria.

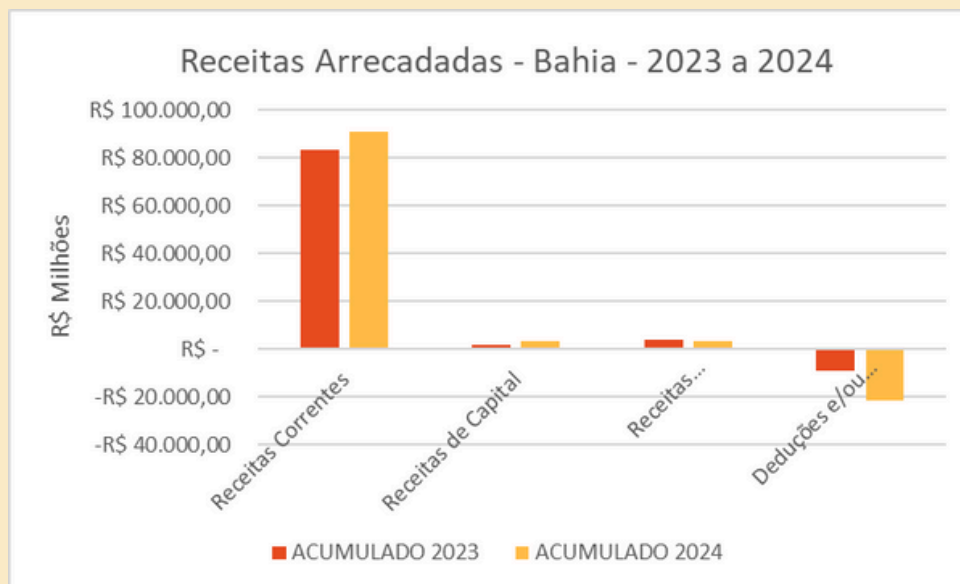
Em suma, o aumento do PIB da Bahia é puxado principalmente pelo crescimento robusto dos setores de serviços e indústria, refletindo mudanças estruturais na economia estadual, enquanto a agropecuária, embora crescente, perde proporcionalmente importância relativa no conjunto do valor adicionado.



Fonte: SEI/TRANSPARENCIA.BA

O PIB per capita do estado da Bahia apresentou um crescimento constante e significativo entre os anos de 2015 e 2024. Nesse período, o valor passou de R\$ 16.750,50 para R\$ 31.913,42, praticamente dobrando, o que indica um aumento expressivo na produção econômica média por habitante. Até 2019, o crescimento foi mais moderado, com o PIB per capita variando entre R\$ 16.750,50 e R\$ 19.716,49, mas a partir de 2020 houve uma aceleração importante, com o índice chegando a quase R\$ 32 mil em 2024.

Esse movimento pode estar relacionado à recuperação econômica após os impactos iniciais da pandemia de COVID-19, além de investimentos públicos e privados e a retomada das atividades econômicas no estado. Durante esse mesmo período, a população da Bahia manteve um crescimento bastante estável, aumentando apenas de cerca de 14,6 milhões para 15,1 milhões, o que significa que o crescimento do PIB não foi diluído por um aumento populacional, contribuindo diretamente para o aumento do PIB per capita. Essa evolução pode ser explicada por uma maior diversificação e expansão da economia local, que tem se beneficiado de investimentos em infraestrutura e de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento econômico. A combinação entre a expansão econômica e a estabilidade demográfica resultou em uma melhora da capacidade produtiva do estado e em uma elevação do padrão econômico médio dos seus habitantes. Assim, o aumento do PIB per capita da Bahia ao longo desses anos reflete avanços importantes na economia regional e indica um cenário mais favorável para a população.



Fonte: SEI/FIPLAN

A análise dos dados apresentados na imagem sobre o crescimento das receitas do estado da Bahia nos anos de 2023 e 2024 mostra variações significativas na composição das receitas acumuladas, revelando diferentes dinâmicas para cada tipo de receita.

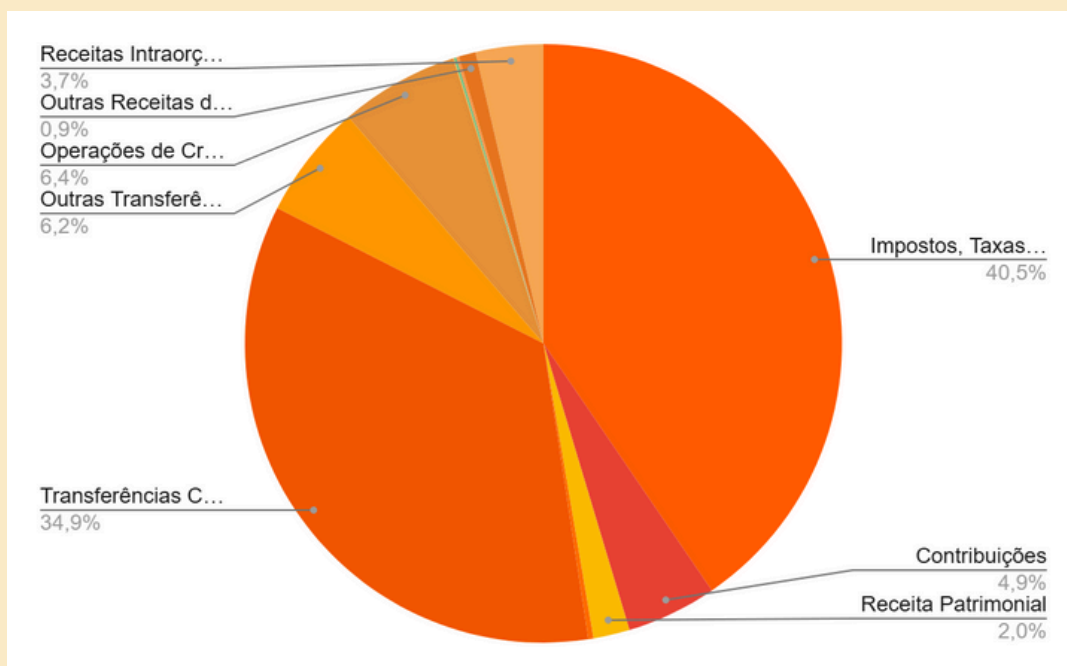
Observa-se que a receita corrente total cresceu 8,60% de 2023 para 2024, passando de aproximadamente R\$ 83,45 bilhões para R\$ 90,63 bilhões. Esse crescimento indica um aumento geral na capacidade do estado de arrecadar recursos através das receitas correntes, o que pode refletir uma melhoria na economia local, maior eficiência na arrecadação ou expansão da base tributária. Porém, ao analisar a receita corrente líquida, que desconsidera deduções e restituições, houve uma queda de 4,90%, reduzindo o valor de cerca de R\$ 80,06 bilhões para R\$ 76,13 bilhões. Isso sinaliza que as deduções e restituições aumentaram de forma expressiva, impactando negativamente a receita efetiva disponível.

De maneira mais detalhada, a receita de capital apresentou um crescimento expressivo de 103,61%, saindo de R\$ 1,76 bilhão em 2023 para R\$ 3,59 bilhões em 2024. Este salto indica um incremento significativo em receitas provenientes de operações de capital, que podem incluir venda de ativos, transferências de capital ou outras fontes não correntes. Esse aumento pode estar relacionado a políticas específicas do governo do estado focadas em investimentos ou desinvestimentos.

Por outro lado, as receitas intraorçamentárias tiveram uma queda expressiva de 20,11%, passando de R\$ 4,04 bilhões para R\$ 3,23 bilhões. Essa redução pode indicar uma menor transferência entre órgãos públicos ou uma redução em receitas internas que não afetam diretamente o caixa do estado, influenciando o orçamento de forma negativa.

Por fim, as deduções e/ou restituições de receita cresceram 131,71%, de R\$ 9,19 bilhões para R\$ 21,31 bilhões, o que explica a queda da receita corrente líquida. Esse aumento tão significativo em deduções sugere que uma parcela maior das receitas foi devolvida ou cancelada, podendo refletir maiores restituições tributárias, ajustes contábeis ou devoluções de valores, impactando a receita líquida real do estado.

Em resumo, apesar do crescimento nominal das receitas correntes e de capital, o aumento extraordinário das deduções comprometeu o resultado líquido das receitas da Bahia, mostrando que, para além do crescimento bruto, a gestão das deduções é um fator crítico para a sustentabilidade financeira do estado. A composição revela um cenário complexo, onde o crescimento em algumas fontes é contrabalançado por grandes variações negativas em outras, requerendo atenção estratégica para controlar deduções e potencializar receitas líquidas.



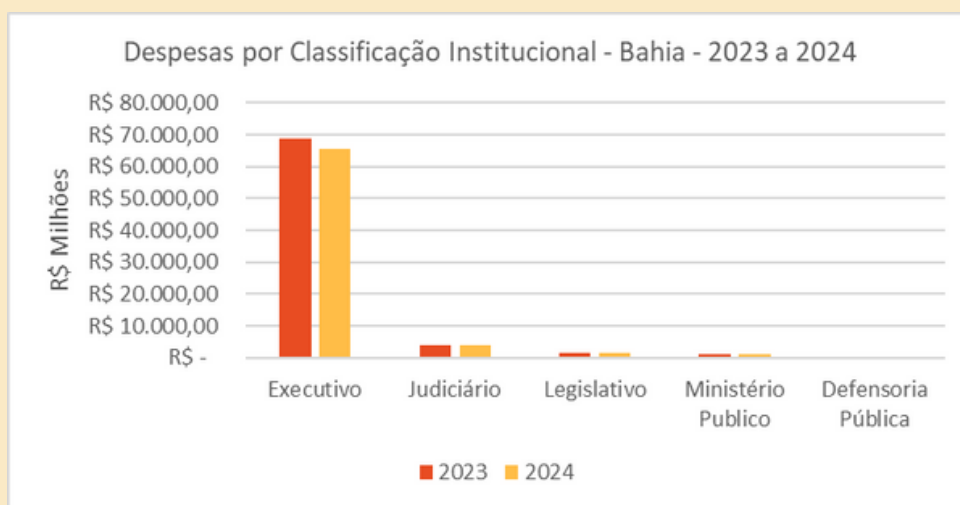
Fonte: SEI/FIPLAN

A estrutura da arrecadação do Estado da Bahia nos dois primeiros meses de 2025 revela elementos centrais para a compreensão do financiamento público subnacional no contexto do federalismo fiscal brasileiro. Com um total arrecadado de R\$ 14.341.531.251,76, observa-se que as receitas correntes respondem por R\$ 12.444.048.247,58, o que representa aproximadamente 86,8% da arrecadação total no período. Esse predomínio é típico da dinâmica fiscal brasileira, em que os entes federativos, especialmente os estados, sustentam suas atividades sobretudo por meio de receitas correntes voltadas ao custeio da máquina pública e à manutenção de políticas sociais básicas.

Dentre essas receitas correntes, os impostos, taxas e contribuições de melhoria totalizaram R\$ 5.669.761.668,22, configurando-se como a principal fonte de receita própria do Estado e representando 45,6% dessa categoria. Tal valor expressa a dependência do Estado de tributos como ICMS, IPVA e ITCMD. No entanto, chama atenção o peso expressivo das transferências correntes — que somaram R\$ 4.886.631.856,90, ou 39,3% das receitas correntes — indicando a contínua e estrutural dependência do Estado da Bahia em relação aos repasses intergovernamentais, como o Fundo de Participação dos Estados (FPE) e transferências vinculadas a políticas públicas federais descentralizadas. As demais fontes de receita corrente, como contribuições (R\$ 685.257.031,48), receita patrimonial (R\$ 275.748.116,45), receitas de serviços (R\$ 38.933.107,18) e agropecuária (R\$ 29.755,00), apresentam participações marginais, o que evidencia a baixa diversificação da base arrecadatória estadual.

As receitas de capital, que somaram R\$ 1.383.968.801,29 (cerca de 9,6% da arrecadação total), refletem a capacidade de captação de recursos voltados prioritariamente ao investimento público e à gestão do endividamento. Destaca-se o volume de operações de crédito, que atingiu R\$ 902.410.213,61, correspondendo a 65,2% das receitas de capital. Esse dado revela uma forte inclinação à utilização de instrumentos de endividamento como mecanismo de financiamento das despesas de capital, o que levanta questões sobre a sustentabilidade fiscal a médio e longo prazo e sobre a eficiência na alocação desses recursos. As transferências de capital, por sua vez, somaram R\$ 330.834.452,10 e correspondem a recursos recebidos para investimento, geralmente oriundos de convênios com a União. As demais rubricas de receitas de capital — alienação de bens, amortização de empréstimos e outras receitas de capital — tiveram participações menos expressivas.

Por fim, as receitas intraorçamentárias alcançaram R\$ 513.514.202,89, representando 3,6% do total arrecadado. Essas receitas referem-se a transferências internas entre órgãos da própria administração pública estadual, não implicando, portanto, ingresso de novos recursos financeiros ao caixa estadual, mas apenas movimentações entre entidades do mesmo ente federativo.

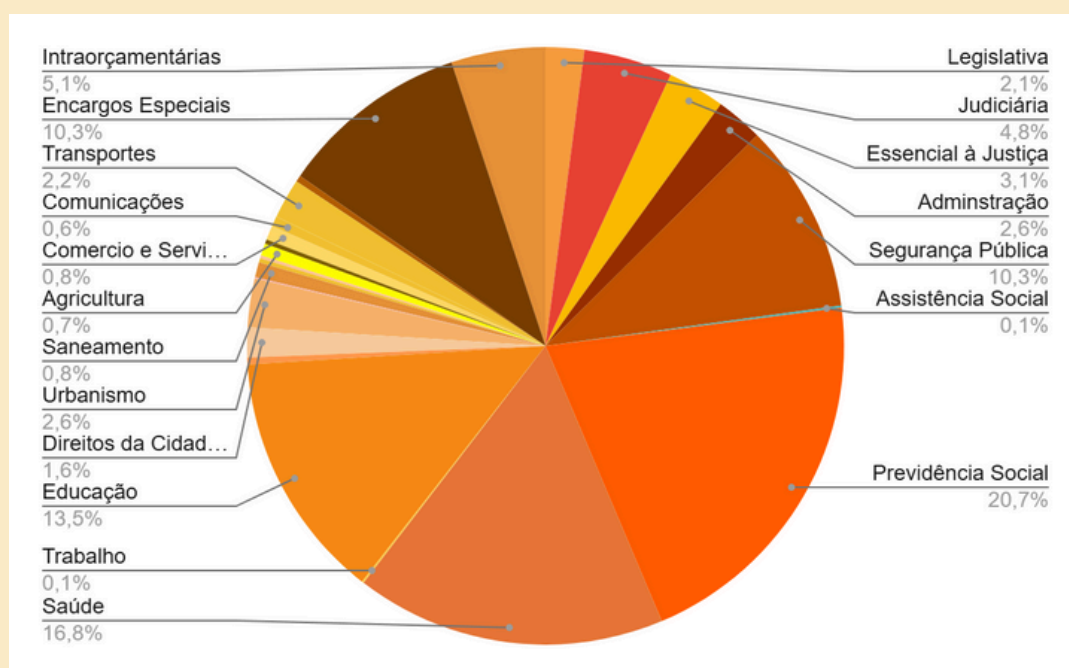


Fonte: FIPLAN - SEFAZ/SAF

As despesas do estado da Bahia entre 2023 e 2024 mostram uma mudança significativa em sua composição e crescimento. O Poder Executivo, que representa a maior parcela do orçamento, teve uma redução de 5,03% nas suas despesas, passando de aproximadamente 69 bilhões para 65,5 bilhões de reais. Essa queda pode indicar uma política de contenção de gastos ou um ajuste nas prioridades do governo estadual. Por outro lado, os demais poderes apresentaram crescimento nas suas despesas. O Judiciário teve um aumento de 3,54%, enquanto o Legislativo cresceu 10,12%, refletindo um incremento relevante para o funcionamento dessas instituições.

O Ministério Público apresentou o maior crescimento percentual, com um aumento de 15,45%, passando para mais de 1,1 bilhão de reais, e a Defensoria Pública também teve aumento expressivo de 11,61%, alcançando quase 400 milhões de reais em despesas. Essa elevação nas despesas das áreas relacionadas à justiça e assistência jurídica sugere uma maior atenção do governo para fortalecer essas instituições.

No geral, o gráfico ilustra que, embora o Executivo detenha a maior parte das despesas, sua redução faz com que a participação relativa dos demais poderes aumente, modificando a composição orçamentária do estado. Isso pode refletir um redirecionamento das prioridades fiscais do estado da Bahia, equilibrando a necessidade de contenção de gastos com o fortalecimento dos órgãos de controle e justiça.



Fonte: FIPLAN - SEFAZ/SAF

A análise das despesas executadas pelo governo do Estado da Bahia nos dois primeiros meses de 2025 revela importantes elementos sobre a priorização orçamentária, o perfil da ação estatal e os desafios estruturais da política fiscal subnacional. Com um total de R\$ 10.081.688.431,17 em despesas liquidadas no período, observa-se um aumento nominal de aproximadamente 15,6% em relação ao mesmo bimestre de 2024, quando foram gastos R\$ 8.721.657.873,91. Tal crescimento ultrapassa significativamente a inflação acumulada no período, o que indica, ao menos em termos agregados, uma expansão real da despesa pública estadual.

As funções que concentraram os maiores volumes de despesa foram, em ordem decrescente: Previdência Social (R\$ 2.084.872.430,81), Educação (R\$ 1.644.942.051,55) e Saúde (R\$ 1.308.651.797,76). Juntas, essas três áreas representaram cerca de 50,2% do total das despesas no bimestre, reafirmando o papel central do Estado enquanto garantidor de direitos sociais e executor de políticas públicas de caráter redistributivo.

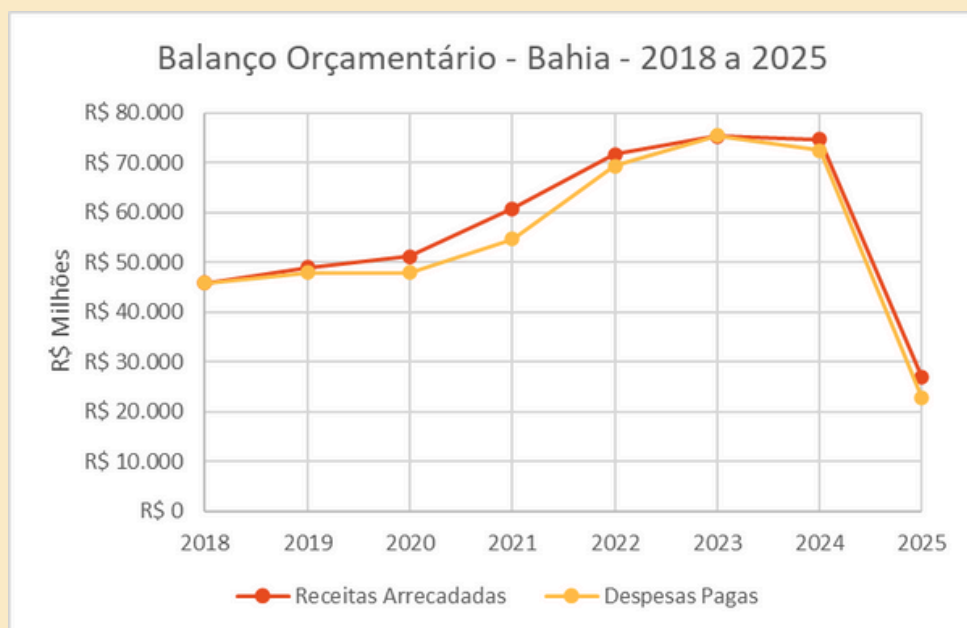
A Previdência Social, isoladamente, respondeu por 20,6% da despesa total, evidenciando o peso crescente das obrigações previdenciárias — em especial no contexto de uma população funcional em processo de envelhecimento e de rigidez orçamentária imposta por benefícios continuados.

A função Educação, por sua vez, apresentou um crescimento expressivo de R\$ 1.292.796.704,96 em 2024 para R\$ 1.644.942.051,55 em 2025 (aumento de 27,2%), o que sugere, preliminarmente, uma ampliação da alocação de recursos voltados à manutenção e desenvolvimento do ensino. A função Saúde também apresentou elevação relevante, de cerca de 20%, reforçando o compromisso institucional com políticas públicas essenciais, notadamente em um contexto de recuperação dos sistemas de saúde pós-pandemia e de reorganização das redes regionais de atenção.

Outros setores sociais relevantes, como Assistência Social (R\$ 118.822.899,18) e Segurança Pública (R\$ 305.176.565,95), também experimentaram elevações nominais, embora com menor magnitude proporcional. Em contrapartida, funções com menor expressão orçamentária, como Cultura (R\$ 37.621.186,29), Gestão Ambiental (R\$ 25.981.648,65) e Ciência e Tecnologia (R\$ 18.573.414,37), continuam figurando com participações orçamentárias marginais, o que denota a persistência de um modelo de alocação que favorece setores de impacto imediato e maior visibilidade política, em detrimento de áreas estruturantes e de médio e longo prazo.

A função Encargos Especiais, com R\$ 531.767.343,74, representa parcela significativa da despesa total e concentra, usualmente, pagamentos de dívidas, amortizações e encargos da administração pública — o que pode indicar pressões de natureza fiscal associadas ao endividamento do ente federativo. Ademais, os gastos intraorçamentários (R\$ 514.348.540,90) seguem compondo uma fatia relevante do total, correspondendo a movimentações internas do setor público estadual.

No que diz respeito a gastos com o setor econômico, a soma das despesas liquidadas em funções como Agricultura, Indústria, Comércio e Serviços, Energia e Transportes permanece bastante modesta em relação ao total, sugerindo a manutenção de uma atuação estatal mais centrada na provisão de bens e serviços públicos clássicos do que em políticas de desenvolvimento econômico direto. Isso pode ser interpretado como uma lacuna ou como resultado de limitações orçamentárias diante da rigidez das despesas obrigatórias.



Fonte: FIPLAN - SEFAZ/SAF

A análise dos dados sobre as receitas arrecadadas e despesas pagas pelo Estado da Bahia entre 2018 e 2025 revela um crescimento constante e equilibrado ao longo dos anos, demonstrando uma gestão orçamentária que acompanha o desenvolvimento econômico do estado.

Entre 2018 e 2024, observa-se uma expansão progressiva nas receitas arrecadadas, que passam de cerca de R\$ 45,9 bilhões em 2018 para aproximadamente R\$ 74,7 bilhões em 2024. As despesas seguem um padrão similar, aumentando de R\$ 45,8 bilhões para R\$ 72,5 bilhões no mesmo período. Esse crescimento paralelo evidencia um esforço em ampliar a capacidade de investimento público, garantindo a manutenção e expansão dos serviços públicos essenciais, ao mesmo tempo em que as receitas acompanham o ritmo das despesas, o que é um sinal positivo de equilíbrio fiscal.

Os dados referentes a 2025 representam apenas o primeiro trimestre do ano, indicam que pode haver um grande crescimento das receitas para o ano atual, já que, nos três meses de 2025 já foram arrecadados quase 27 bilhões de reais.

O comprometimento com a questão fiscal é crucial para o Estado da Bahia, pois assegura a sustentabilidade das finanças públicas e a continuidade dos investimentos em áreas prioritárias, como saúde, educação e infraestrutura. Manter o equilíbrio entre receitas e despesas é fundamental para evitar déficits e endividamento excessivo, preservando a credibilidade financeira do estado e garantindo a eficiência na gestão dos recursos públicos.

Portanto, a trajetória apresentada indica um controle orçamentário responsável e um crescimento equilibrado que contribuem para o desenvolvimento econômico e social da Bahia, reforçando a importância da disciplina fiscal para a estabilidade e prosperidade do estado.

Referências

SEI - PIB Estadual Anual. Disponível em: <https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2096&Itemid=1139&lang=pt>. Acesso em: 21 maio. 2025.

SEI - PIB Estadual Trimestral. Disponível em: <https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=141&Itemid=1140&lang=pt>. Acesso em: 21 maio. 2025.

Transparência Bahia - Dados Socioeconômicos - Demografia. Disponível em: <<https://www.transparencia.ba.gov.br/DadosSocioEconomicos/Demografia>>. Acesso em: 21 maio. 2025.

Relatórios Bimestrais | Sefaz BA. Disponível em: <<https://www.sefaz.ba.gov.br/financas-publicas/relatorios-bimestrais/>>. Acesso em: 21 maio. 2025.

Transparência Bahia - Receitas - Painel. Disponível em: <<https://www.transparencia.ba.gov.br/Receita/Painel>>. Acesso em: 21 maio. 2025.

Transparência Bahia - Despesas - Painel. Disponível em: <<https://www.transparencia.ba.gov.br/Despesa/Painel>>. Acesso em: 21 maio. 2025.

3 Commodities

3

Commodities | Pietro Costa

A conjuntura da agricultura baiana no primeiro trimestre de 2025 foi condicionada por uma combinação de fatores climáticos extremos e desiguais por regiões do estado, pelas variações dos custos logísticos e por um cenário externo repleto de incertezas no mercado internacional. A avaliação técnica que se segue contempla os principais produtos da pauta agrícola estadual, com base em quatro variáveis fundamentais: produção física, área plantada, rendimento médio e preço recebido pelos produtores, comparando-se com o mesmo período de 2024. O foco está na identificação das causas da variação observada em cada variável, considerando exclusivamente o que ocorreu no trimestre, analisando fatores climáticos, variações sazonais e dinâmicas de mercado locais, sem extrapolar para cenários futuros ou contextos nacionais e internacionais.

Tabela 1 - Produção física, Áreas plantadas e o Rendimento dos principais produtos da Bahia – 1T2024/2025

Produção física, Áreas plantadas e o Rendimento dos principais produtos da Bahia – 1T2024/2025									
Produto	Produção Física (Tol)			Área Plantada (Ha)			Rendimento (Tol/ha)		
	1T2024	1T2025	Var (%)	1T2024	1T2025	Var (%)	1T2024	1T2025	Var (%)
Grãos	35562229	38421510	8,04%	3510200	3605650	2,72%	58527	57541	-1,68%
Algodão herbáceo	5372415	5345100	-0,51%	379000	382000	0,79%	14175	13992	-1,29%
Feijão Safras	704620	668400	-5,14%	417000	385000	-7,67%	3445	3515	2,03%
Milho Safras	7233804	6979500	-3,52%	583000	600000	2,92%	25146	23861	-5,11%
Soja	21825420	24999570	14,54%	2041050	2143500	5,02%	11213	11664	4,02%
Sorgo	425970	428940	0,70%	90150	95150	5,55%	4548	4509	-0,86%
Mamona	88800	108810	22,53%	49000	50000	2,04%	1788	2175	21,64%
Banana	2761026	2717184	-1,59%	69000	69000	0,00%	42807	42126	-1,59%
Cacau	369909	357189	-3,44%	445050	449100	0,91%	831	795	-4,33%
Café total	809592	797760	-1,46%	130000	133000	2,31%	13707	13326	-2,78%
Cana-de-açúcar	16632270	16464825	-1,01%	80000	79000	-1,25%	207903	208416	0,25%
Mandioca	2775861	2719944	-2,01%	123000	123000	0,00%	25467	24954	-2,01%
Tomate	546951	548097	0,21%	4240	4240	0,00%	128997	129267	0,21%
Uva	186096	182529	-1,92%	2069	2069	0,00%	99570	97662	-1,92%
Total	59732734	62317848	4,33%	4412559	4515059	2,32%	579597	576262	-0,58%

A Tabela 1, apresenta um panorama detalhado do desempenho dos principais produtos agrícolas na Bahia no primeiro trimestre de 2025, em comparação com o mesmo período de 2024. Nela, podem ser observados os valores de Produção Física (quantidade total colhida), Área Plantada (extensão de terra utilizada para o cultivo) e Rendimento (produtividade por hectare) para cada cultura, juntamente com suas respectivas variações percentuais.

A Tabela 1, apresenta um panorama detalhado do desempenho dos principais produtos agrícolas na Bahia no primeiro trimestre de 2025, em comparação com o mesmo período de 2024. Nela, podem ser observados os valores de Produção Física (quantidade total colhida), Área Plantada (extensão de terra utilizada para o cultivo) e Rendimento (produtividade por hectare) para cada cultura, juntamente com suas respectivas variações percentuais.

Para o cálculo do trimestre, foram somados os resultados de cada mês (janeiro, fevereiro e março) do ano anterior. O mesmo foi feito com os dados de cada mês de 2025. Esses dados obtidos são do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) disponibilizados pelo IBGE.

Condições Climáticas no Período 1T2025

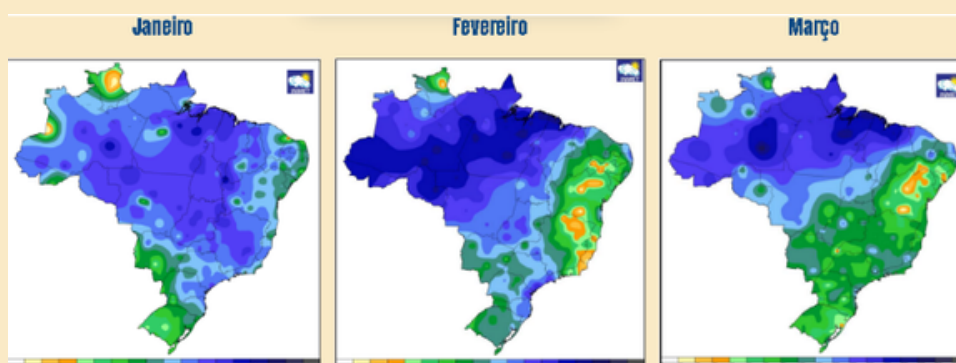
As condições climáticas desempenharam um papel crucial na dinâmica da produção agrícola baiana no primeiro trimestre de 2025. Conforme observado na Figura 1 (Mapa de Precipitação Acumulada - 1T2025) e na Figura 2 (Mapa de Armazenamento Hídrico - 1T2025), a distribuição das chuvas e o nível de umidade do solo apresentaram variações significativas, impactando diretamente o desempenho das culturas.

Precipitação Acumulada (Figura 1): Evidencia-se que algumas regiões da Bahia, particularmente no Oeste, receberam um volume de chuvas favorável, enquanto áreas no centro e norte do estado registraram volumes insuficientes ou com distribuição irregular.

Em janeiro os acumulados de chuva foram acima de 150 mm (tons azuis na Figura 1), principalmente no extremo oeste da Bahia onde em algumas cidades foi verificado acumulados acima 250 mm. Valor que ultrapassou a última média histórica registrada em 5 anos. Esses níveis extremos elevaram o nível de água no solo nessas áreas. Porém, é possível perceber que as regiões centrais tiveram menos de 120 mm (tons verdes figura 1).

Já em fevereiro e março, mostrou uma continuidade de chuvas regulares no Oeste, consolidando o bom cenário para a safra de grãos. No entanto, houve uma intensificação da escassez hídrica em partes do Centro e Norte, onde os déficits de precipitação se agravaram, chegando a menos de 40mm (Tons laranja na figura 1) resultando em níveis críticos de umidade do solo do semiárido baiano. Morro do Chapéu (BA), por exemplo, o volume total de chuva no mês foi de somente 8,0 mm, indicando redução de 90% em relação à média histórica. Essa condição reflete a seca prolongada observada no centro-norte da Bahia, acarretando em baixos índices de umidade no solo (Figura 2). (Boletim INMET)

Figura 1 - Precipitação Acumulada nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março no Brasil.

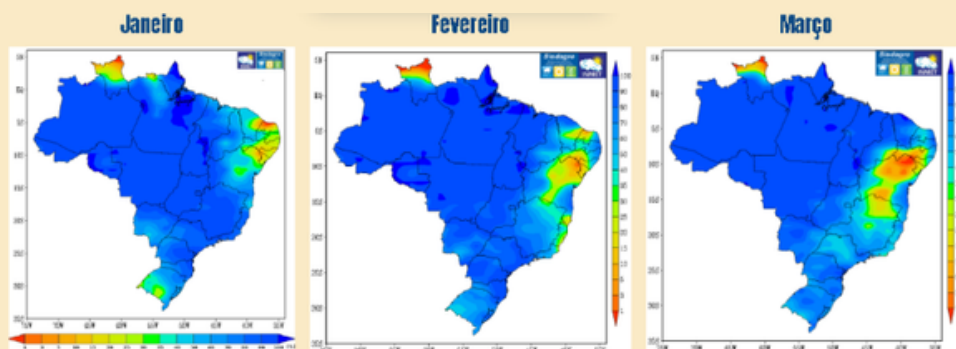


Fonte: SISDAGRO/INMET, Boletim Agro climatológico 2025.

Armazenamento Hídrico (Figura 2): Complementando a precipitação, os mapas de armazenamento hídrico mostram níveis que variam de bons a críticos em diferentes microrregiões, o que teve implicações diretas na disponibilidade de água para as lavouras.

O boletim da SEI de março de 2025 reiterou a preocupação com o milho e feijão, atribuindo a queda da produção às adversidades climáticas. Este padrão de precipitação e armazenamento hídrico foi um fator determinante para produtividade de diversas culturas, culminando na conjuntura observada no trimestre.

Figura 2 - Armazenamento hídrico do solo nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março no Brasil.

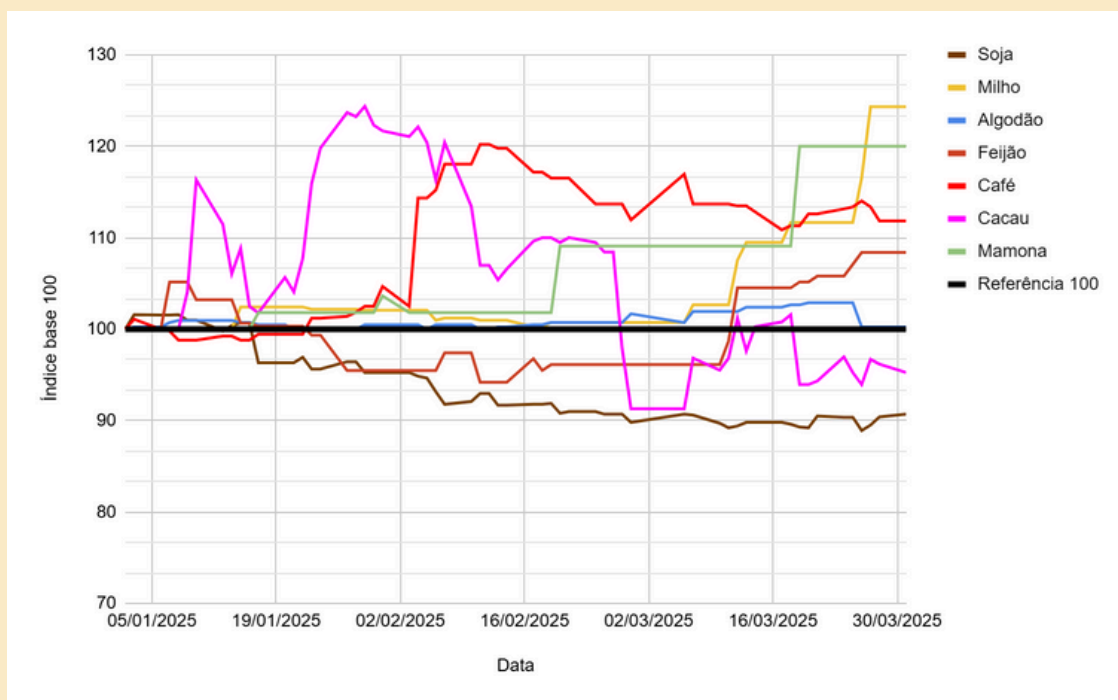


Fonte: SISDAGRO/INMET, Boletim Agro climatológico 2025.

Gráfico de Evolução dos preços 1T2025 (Base 100)

Para uma compreensão abrangente da dinâmica do mercado interno baiano no primeiro trimestre de 2025, a Figura 3 (Gráfico de Evolução dos Preços Internos - Base 100 - 1T2025) apresenta o comportamento relativo dos preços dos principais produtos agrícolas analisados. Este gráfico, construído com um índice base 100 para o início do período, permite comparar visualmente a magnitude e a direção das variações de preço de todas as culturas em uma mesma escala, facilitando a identificação de tendências gerais e particularidades. A linha preta em 100 é a referência, linhas ascendentes indicam valorização em relação ao ponto de partida, enquanto linhas descendentes sinalizam desvalorização. A inclinação de cada linha reflete a intensidade dessa variação.

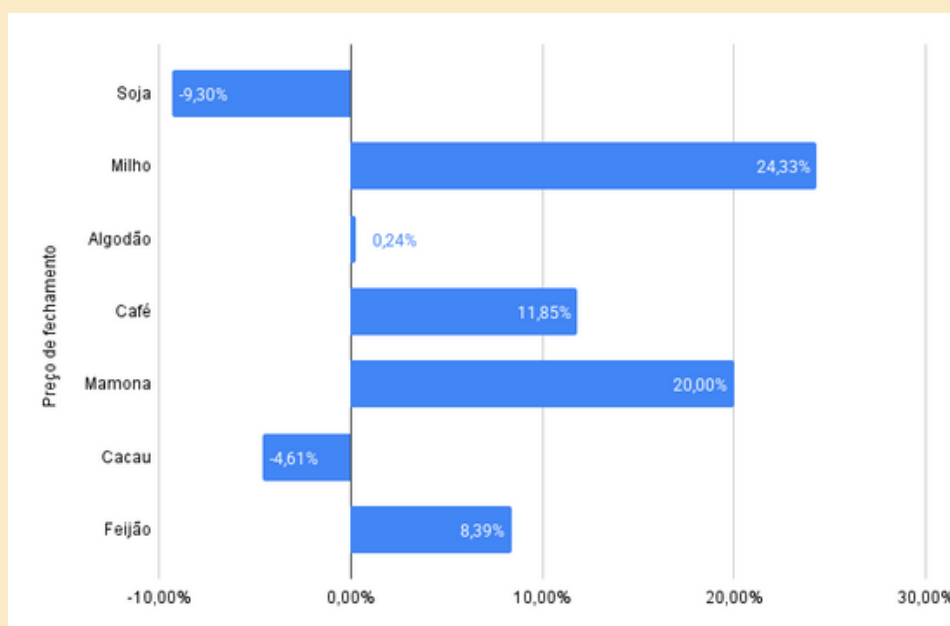
Figura 3: Gráfico de preços na base 100



Fonte: SISDAGRO/INMET, Boletim Agro climatológico 2025.

Variação Percentual dos Preços

Complementando a visão da evolução temporal dos preços na Figura 3, a Figura 4 (Gráfico de Variação do Preço - 1T2025 vs. 1T2024) apresenta a variação percentual total dos preços de cada produto no primeiro trimestre de 2025 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Este gráfico fornece um resumo direto e quantitativo do impacto final no preço interno de cada cultura. Barras positivas indicam valorização, enquanto barras negativas representam desvalorização. A magnitude das barras ilustra a intensidade dessa mudança. Essa informação é crucial para compreender o impacto econômico direto da conjuntura de oferta e demanda na rentabilidade dos produtores e no custo de aquisição dos produtos no mercado local.

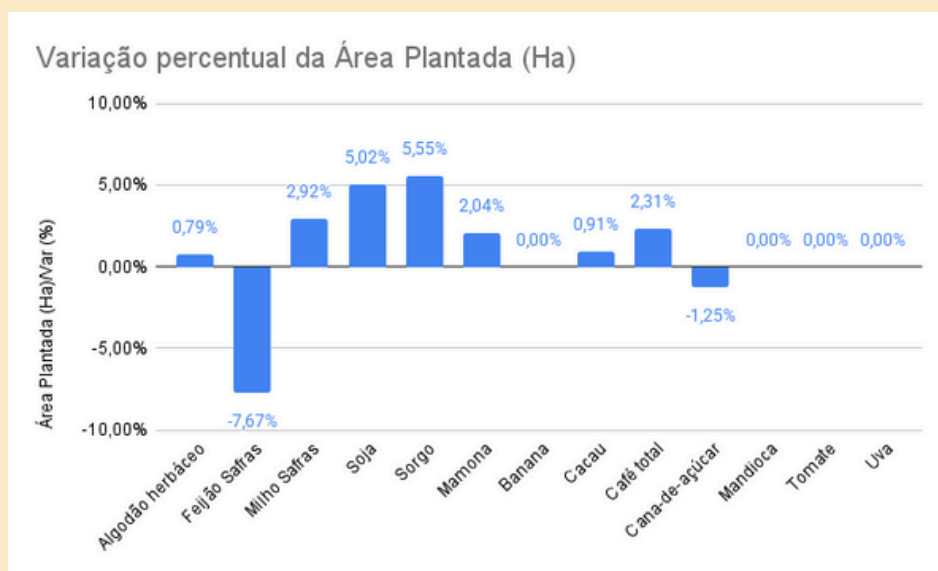


Panorama completo da Variação da Área Plantada e Rendimento

Para complementar a análise da produção física e dos preços internos, a Figura 5 (Gráfico de Variação da Área Plantada - 1T2025 vs 1T2024) e a Figura 6 (Gráfico de Variação do Rendimento - 1T2025 vs. 1T2024) oferecem uma perspectiva visual sobre as decisões de alocação de terras e a eficiência produtiva das culturas.

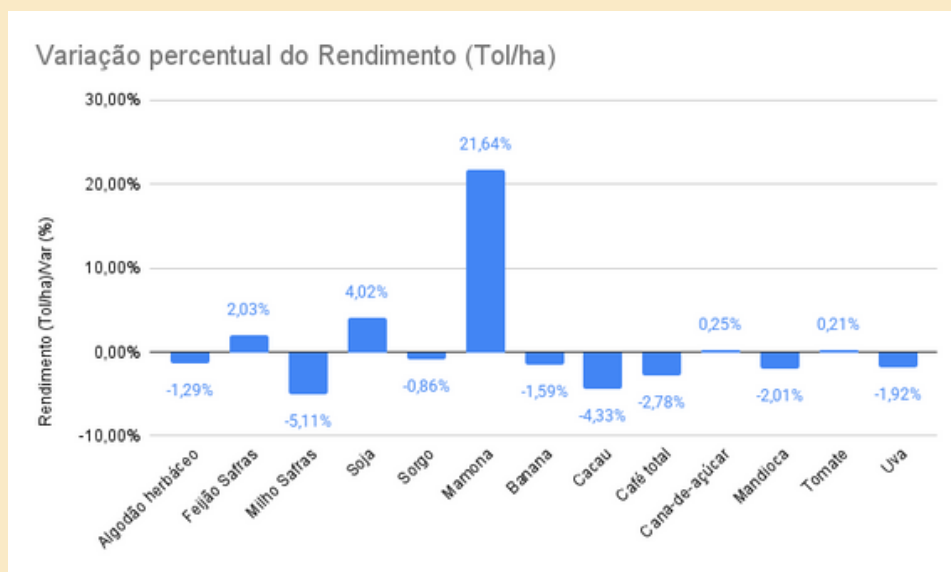
A Figura 5 ilustra a variação percentual na área destinada ao plantio de cada produto no primeiro trimestre de 2025 em comparação com o mesmo período do ano anterior. Este gráfico é essencial para entender as decisões estratégicas dos produtores, que são influenciadas por fatores como expectativas de preço, custos de produção, e condições climáticas favoráveis ou desfavoráveis para a semeadura. Um aumento na área plantada pode indicar otimismo e expansão do cultivo, enquanto uma redução pode sugerir desestímulo ou restrições

Figura 5: Variação da Área Plantada - 1T2025 vs 1T2024



Por sua vez, a Figura 6 detalha a variação percentual no rendimento (produtividade por hectare) de cada cultura no mesmo período. Este gráfico é um indicador-chave da eficiência da produção agrícola e do impacto de fatores como o manejo das lavouras, a adoção de tecnologias e, principalmente, as condições climáticas. Um rendimento positivo reflete melhores práticas ou um ambiente mais propício ao desenvolvimento da cultura, enquanto um rendimento negativo aponta para desafios como seca, pragas, doenças ou manejo inadequado que afetaram a produtividade.

Figura 6: Gráfico de Variação do Rendimento - 1T2025 vs. 1T2024



Análise por Produto

• Algodão

O algodão é um dos principais produtos do setor agrícola na Bahia, ele figura como o 4º produto de maior participação na cadeia produtiva do estado. A maior concentração de produção e área plantada, fica localizada na região oeste, onde completou seu ciclo de colheitas que foi finalizado no mês de março. Neste trimestre, a fibra representou quedas na produção (-0,51%) e de rendimento (-1,29%). Essas variações negativas foram ocasionadas devido a danos provocados por cigarrinhas, lagartas e doenças de colmo nas lavouras nos meses de janeiro. Também as condições climáticas irregulares em fevereiro, sobretudo em regiões de transição do Oeste baiano impactaram as lavouras, e os custos de manejo se elevaram em algumas propriedades.

Porém, houve aumento da área plantada (0,79%) evidenciando uma maior expectativa por parte dos produtores. Isso foi muito puxado pela diminuição da produção e área plantada nos EUA. Entretanto, os preços se mantiveram estáveis (0,24%) , e sua variação foi mínima (2,90%). Isso mostra que não há grandes pressões no mercado, indicando equilíbrio entre oferta e demanda. Podemos concluir que os grandes produtores do oeste querem se posicionar para atender o gap de oferta estadunidense, já que estes produtores atuam como grande exportador.

• Feijão (1ª e 2ª safra)

A safra de feijão teve resultados negativos, pois a escassez, ou até ausência de chuvas principalmente nas áreas centrais do estado, limitaram não só a realização do plantio, como prejudicaram a evolução fenológica das lavouras, reduzindo drasticamente o potencial produtivo a partir de fevereiro (-5,14%) em relação ao ano anterior.

Apesar disso, o rendimento aumentou (2,03%), reflexo de melhor manejo em áreas irrigadas e estabilidade climática pontual nas regiões do extremo oeste.

Houve também queda na área plantada (-7,97%) indicando menor interesse na cultura pelos produtores. A queda da oferta total resultante da menor área cultivada contribuiu para a elevação dos preços internos (8,39%) ao longo do trimestre, que saiu de uma queda em janeiro e foi elevado em março. Comportamento também reforçado pelo aumento da demanda no mercado de consumo interno.

- **Milho (1ª e 2ª safra)**

Ao longo do primeiro trimestre de 2025, a produção e o mercado do milho na Bahia foram influenciados por uma combinação de fatores econômicos, fitossanitários e climáticos. No início do período, em janeiro, observou-se um cenário favorável à cultura: a demanda interna aquecida, especialmente para as cadeias de produção de etanol e carnes, aliada à valorização do dólar, sustentaram os preços nacionais em patamar estável, mesmo diante das incertezas do mercado global.

Condicionado pela baixa precipitação e acúmulo de água no solo da região do semiárido, o milho apresentou resultados de queda na produção da primeira e segunda safra que se perdurou durante todo o trimestre (-3,52%). Já especialmente na região oeste os resultados foram mais satisfatórios. Às áreas de milho verão, já estavam em fase final de ciclo desde fevereiro, e obtiveram desempenho regular.

O resultado de condições climáticas menos favoráveis e incidência elevada de pragas, como a lagarta-do-cartucho e o aumento populacional da cigarrinha-do-milho em algumas microrregiões, afetaram significativamente o rendimento em -5,11%. Esses fatores exigiram maior intervenção fitossanitária, elevando os custos de produção em algumas áreas.

Já em março, mesmo com as adversidades do mês anterior, a área plantada do milho foi elevada (3,66%), e a oferta permaneceu ajustada à demanda, o que manteve os preços do milho em patamares elevados a partir do início de março. A perspectiva de entrada tardia da segunda safra nacional também contribuiu para a firmeza do mercado. Embora observam-se oscilações pontuais, o balanço do trimestre revela que os preços seguiram valorizados com uma alta de 24,33%, influenciados por uma combinação de oferta limitada e manutenção da demanda doméstica. Além disso, tensões comerciais envolvendo os Estados Unidos reforçaram a possibilidade de redirecionamento de parte da demanda internacional para a produção brasileira, o que ajudou a evitar um recuo mais expressivo das cotações no final do trimestre.

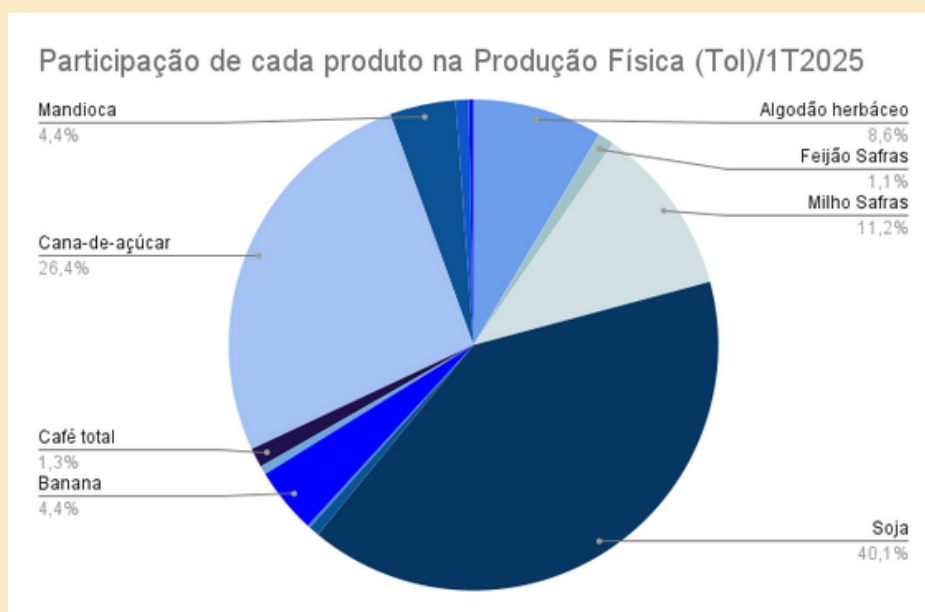
- **Soja**

A soja é o principal produto no setor de commodities agrícolas no estado da Bahia. Ela representa o maior nível de produção (25M de toneladas - tabela 1), representando cerca de 40% na participação dos principais produtos (Figura 7). Maior área plantada (cerca de 2M Ha - tabela 1) e maior valor comercializado. O estado é um dos maiores produtores de soja do Brasil, com grande destaque para a região Oeste, que responde por mais de 99% da produção.

Durante o primeiro trimestre de 2025, a cultura da soja na Bahia foi beneficiada por condições climáticas favoráveis, sobretudo no mês de janeiro, com chuvas bem distribuídas no Oeste baiano, principal região produtora. Esse ambiente permitiu bom desenvolvimento vegetativo e fisiológico das lavouras, refletindo-se em ganhos significativos de produtividade.

A produção de soja na Bahia registrou um aumento expressivo de 14,54% no primeiro trimestre de 2025 em relação ao mesmo período de 2024, atingindo aproximadamente 25 milhões de toneladas. Tal desempenho foi impulsionado pela expansão da área plantada, que subiu 5,02%, refletindo as decisões dos produtores em ampliar o cultivo devido a uma boa expectativa de mercado diante das tensões entre EUA x China.

Figura 7:



Complementarmente, o rendimento também apresentou um ganho de 4,02%. Este incremento de produtividade é resultado direto da alta tecnologia e condições climáticas majoritariamente favoráveis no Oeste da Bahia, que receberam volumes de chuvas bem distribuídos e mantiveram bons níveis de armazenamento hídrico ao longo de janeiro, fevereiro e março (vide Figuras 1 a 2).

Os preços internos apresentaram retração, principalmente a partir de fevereiro, quando a oferta começou a se intensificar no mercado. A ampliação da colheita somada à estabilidade da demanda interna contribuiu para a pressão negativa nos preços, que fecharam o trimestre em queda.

• Sorgo

O desempenho do sorgo na Bahia tem sido positivo, o estado é um dos principais produtores de sorgo no Brasil, e a cultura tem apresentado crescimento nas últimas safras. O sorgo tem se mostrado uma alternativa promissora para o Semiárido baiano. A cultura é mais resistente à seca do que o milho, e tem sido utilizada por produtores da região como uma opção para a alimentação animal.

Neste trimestre, a cultura do sorgo apresentou um leve aumento na produção (0,70%), mesmo com a manutenção da área plantada que cresceu cerca de 5,55%. Entretanto, o rendimento teve queda de -0,86%. Essa retração está associada principalmente por estiagens prolongadas no centro norte, e manejo menos tecnificado em algumas regiões produtoras. O sorgo, normalmente cultivado em condições mais adversas e com menor investimento em insumos, sentiu os efeitos de chuvas irregulares e temperaturas elevadas.

- **Mamona**

A Bahia lidera a produção de mamona no Brasil, onde o cultivo está concentrado principalmente na região centro-norte do estado, com destaque para os municípios de Irecê, Canarana, Ibititá, Barro Alto e Mulungu do Morro. A mamona é produzida por pequenos produtores. Ela é um vegetal bastante resistente e tem sido uma ótima alternativa para os produtores da região, devido às condições climáticas no semiárido.

A cultura da mamona na Bahia demonstrou um notável crescimento no primeiro trimestre de 2025. A produção física teve um aumento expressivo de 22,53% em relação ao 1T2024. Este robusto desempenho foi impulsionado tanto pela expansão da área plantada, que cresceu 2,04%, quanto por um significativo incremento no rendimento, que atingiu 21,64%.

Os preços internos da mamona, como pode ser visto na Figura 4, apresentaram uma tendência de alta, chegando a uma valorização de 20%. Esse aumento foi impulsionado pela crescente demanda do setor de cosméticos, óleos industriais e biodiesel (políticas de descarbonização). Pois, a mamona, tem sido objeto de estudo da EMBRAPA, que tem mostrado através de pesquisas a versatilidade dos benefícios deste produto.

- **Cacau**

O Brasil ocupa a sexta posição global, com 4,6% da produção total, e a Bahia se destaca como a maior produtora e exportadora, com 46,9% da produção nacional em 2024 e 54,4% das exportações totais (tanto em quantidade e valor) em 2024.

O cacau na Bahia registrou uma leve queda na produção no primeiro trimestre de 2025. A produção física diminuiu 3,44% em relação ao 1T2024. A cultura do cacau foi impactada negativamente pela estiagem nas regiões Sul e Extremo Sul da Bahia, especialmente em fevereiro e março. As chuvas escassas e os baixos níveis de umidade do solo comprometeram o desenvolvimento dos frutos, levando à redução da produtividade e consequente queda na produção total do trimestre.

A área plantada teve um leve aumento, com variação de 0,91%. Assim, a queda na produção é explicada pela redução de 4,33% no rendimento. Isso pode sugerir a influência de fatores como pragas e doenças, ou condições climáticas (como períodos de menor umidade ou chuvas irregulares) desfavoráveis para a cultura nesse período, que afetaram a produtividade das lavouras cacaueiras.

O mercado respondeu com retração de preços (-4,61), influenciado pela menor qualidade da safra colhida e pela menor liquidez do produto nos canais de comercialização locais. Ao mesmo tempo observa-se uma alta volatilidade (36,21%) no mercado. Essa oscilação está sendo justificada pela perspectiva futura de queda na produção, aumento dos estoques e as negociações no mercado futuro nas bolsas de valores.

No Brasil, diferente de outros mercados produtores de cacau ao redor do mundo, paga-se um ágio pelo nosso cacau há algum tempo. O “Bahia Superior” era considerado um cacau com mais qualidade e por isso sempre houve esse diferencial pago por aqui. Recentemente estamos vendo o movimento destes grandes compradores criando tabelas diferentes para bonificar marginalmente a entrega de um cacau de melhor qualidade, além dos já antigos parâmetros de diferenciais aplicados, como: se o pagamento se dá a Pessoa Física ou Jurídica, se o cacau será entregue ou retirado, ou ainda se o cacau é orgânico.

- **Café**

O café na Bahia apresentou um cenário de leve retração na produção no primeiro trimestre de 2025. A produção física registrou uma queda de 1,46% em comparação com o 1T2024.

Comparando com a safra de 2024, que foi marcada por desafios climáticos como estiagens e altas temperaturas, a safra de 2025 apresenta uma leve recuperação.

Apesar disso, a área plantada teve um leve aumento de 2,31%, indicando continuidade no investimento na cultura. A principal causa da queda na produção foi a redução de 2,78% no rendimento. Esta diminuição da produtividade pode estar relacionada a fatores como o ciclo de bienalidade da cultura do café arábica (um ano de safra "baixa" após um ano de safra "alta") ou a condições climáticas específicas que afetaram a floração e o enchimento dos grãos em algumas regiões produtoras. Os preços internos do café, conforme a Figura 3, exibiram um ciclo de alta a partir do início de fevereiro.

Essa valorização do grão no mercado internacional ocorreu, devido a alta no consumo, condições climáticas adversas que reduziram a oferta global e as tarifas de importação dos EUA (maior consumidor de café do mundo) a países que os abastecem, como por exemplo Canadá. Porém, essas tarifas também impactaram países asiáticos produtores de café. O que torna o mercado mais concorrido.

- **Cana-de-Açúcar**

No primeiro trimestre de 2025, a cana-de-açúcar na Bahia apresentou uma conjuntura de leve retração. A produção física registrou uma queda de 1,01% em comparação com o 1T2024. Essa diminuição foi reflexo direto de uma redução de 1,25% na área plantada, indicando decisões dos produtores de ajustar ou diminuir o plantio ou replantio.

Apesar da menor área, o rendimento apresentou um leve aumento de 0,25%, o que sugere um esforço de otimização da produtividade por hectare nas áreas cultivadas, talvez por meio de melhor manejo ou condições específicas nas microrregiões produtoras. Os principais influenciadores no cenário pela dinâmica são o açúcar e o etanol.

- **Mandioca**

A mandioca na Bahia registrou uma conjuntura de leve retração no primeiro trimestre de 2025. A produção física diminuiu 2,01% em relação ao 1T2024. A área plantada manteve-se praticamente estável, com variação de 0,00%, o que indica uma estabilidade na alocação de terras para a cultura.

A queda na produção é, portanto, diretamente atribuída a uma redução de 2,01% no rendimento. Esta diminuição de produtividade por hectare pode ser reflexo de condições de manejo específicas ou de fatores climáticos pontuais nas áreas de cultivo que afetaram o desenvolvimento das plantas.

Fruticultura (Banana, Uva, Tomate) – Avaliação Conjuntural do 1º Trimestre de 2025

A Bahia é um importante produtor da fruticultura, onde possui pólos consolidados para a produção de frutas, com destaque para a região Norte (região irrigada). Especialmente no Vale do São Francisco, com destaque na produção de banana e uva.

As culturas da banana, tomate e uva apresentaram variações leves, sem grandes oscilações estruturais. A banana registrou crescimento estável em produção e preço, favorecida por condições hídricas no Vale do São Francisco. O tomate apresentou redução na produção devido à menor área plantada, mas com alta de preço decorrente da menor oferta. A uva manteve estabilidade produtiva e leve valorização no mercado, puxada pela qualidade da safra irrigada.

A iminente entrada em vigor do acordo Mercosul-UE representa uma oportunidade significativa para o Brasil aumentar sua competitividade no mercado europeu. A queda imediata de 11,5% para 0% tornará o produto brasileiro ainda mais competitivo. Os dois principais fornecedores, já possuem tarifa zero para os seus carregamentos, condição que será alcançada pelo produto do Brasil. Ainda, é interessante notar que o nosso produto ficará em considerável vantagem tarifária quando comparado com outro grande fornecedor do bloco.

O setor enfrenta desafios, como as mudanças climáticas e o controle de pragas e doenças, mas também possui grandes oportunidades, como a diversificação da produção, a adoção de tecnologias e o acesso a mercados em crescimento.

Conclusão por Regiões da Bahia:

A análise do Primeiro Trimestre de 2025 revela uma conjuntura agrícola multifacetada na

Bahia, com desempenhos variados entre as culturas e as regiões, fortemente influenciados pelas condições climáticas de precipitação e armazenamento hídrico ao longo dos meses de janeiro, fevereiro e março.

Região Oeste

Os índices de distribuição pluviométrica até o momento são satisfatórios nas principais zonas de produção do Oeste da Bahia. O mês de janeiro apresentou volumes de chuva acima da média dos últimos cinco anos. Acumulados de chuva, com valores superiores a 150 mm, foram observados em grande parte da região.

O desenvolvimento fisiológico das lavouras mais tardias foi influenciado pela distribuição pluviométrica em diversas microrregiões produtivas, algumas das quais registraram precipitações bem acima do esperado.

Entretanto, fevereiro registrou volumes de chuva abaixo da média dos últimos cinco anos, impactando pontualmente os cultivos tardios de soja e as áreas de semeadura tardia de algodão. Enquanto isso, a colheita da safra de soja segue em ritmo acelerado graças às boas condições climáticas.

Já em Março houve chuvas abaixo da média climatológica (Figura 1). Entretanto, um menor volume de chuvas permitiu o avanço da finalização da colheita de grãos.

Região Sul

A região Sul, tradicionalmente produtora de culturas como cacau e café, apresentou um cenário de estabilidade ou leve retração para esses produtos. Embora a área plantada de café tenha aumentado, a queda no rendimento resultou em uma leve diminuição da produção total, o que pode ser explicado por fatores inerentes ao ciclo da cultura ou por condições climáticas específicas que afetaram a produtividade em certas fases, apesar de um cenário hídrico geralmente mais favorável que o norte. O cacau também mostrou uma leve queda na produção, com estabilidade na área, mas redução no rendimento.

Região Centro e Norte (Semiárido)

As culturas de subsistência e grãos como milho e feijão foram as mais impactadas, especialmente nas regiões central e norte. A análise detalhada dos mapas de precipitação acumulada e armazenamento hídrico (Figuras de 1 a 2) indica que essas áreas sofreram com a escassez ou irregularidade das chuvas de janeiro a março, com déficits hídricos significativos. Isso resultou em quedas acentuadas no rendimento dessas culturas, apesar do aumento da área plantada para o milho e redução para o feijão. A baixa produtividade nessas culturas foi o fator determinante para a redução da produção geral, evidenciando a vulnerabilidade a eventos climáticos adversos nessas regiões.

Conclusão

Em resumo, o primeiro trimestre de 2025 na Bahia foi marcado por um cenário de contraste: enquanto o Oeste obteve resultados positivos impulsionados pela soja e por condições climáticas favoráveis para o cultivo de grãos, as regiões central e norte enfrentam desafios significativos, com a seca impactando negativamente a produtividade de culturas essenciais como milho e feijão. A dinâmica de preços internos, conforme detalhado nas análises individuais de cada produto, teve um papel crucial na rentabilidade dos produtores e nas decisões de plantio, mas as condições climáticas, observadas mês a mês, foram o principal vetor das variações de rendimento e, consequentemente, da produção total.

Referências

IBGE. Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9201-levantamento-sistematico-da-producao-agricola.html?edicao=43088>. Acesso em: 18 maio 2025.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento. Informações Agropecuárias. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias>. Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Comex Stat – Comércio Exterior. 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: 20 maio 2025.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI/BA. 2025. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1459&Itemid=1050&lang=pt. Acesso em: 17 maio 2025.

CEASA/BA. Cotações de Produtos Agrícolas. 2025. Disponível em: http://www.seagri.ba.gov.br/cotacaopage=8&produto=504&praca=&tipo=368&data_inicio=01/01/2025&data_final=31/03/2025. Acesso em: 19 maio 2025.

AIBA – Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia. Relatórios e Informações Técnicas. 2025. Disponível em: <https://aiba.org.br>. Acesso em: 20 maio 2025.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Publicações e Informações Técnicas. 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 23 maio 2025.

FAEB – Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia. Indicadores de Preços Agropecuários. 2025. Disponível em: <https://faeb.org.br>. Acesso em: 22 maio 2025.

4

Indústria

4

Indústria| Luiza Souza Brandão

A indústria baiana, que foi impulsionada por setores como petroquímico e metalúrgico, principalmente a partir da década de 1970, com a instalação do Polo Petroquímico de Camaçari, vem enfrentando uma nova fase marcada por desafios internos e externos. Nesse contexto, apesar da política de industrialização baseada na criação de distritos industriais, do financiamento estatal estratégico e da articulação dos projetos baianos com as iniciativas do governo federal, a indústria baiana — que se mostrava promissora à época — acabou não prosperando. Isso se deve, em grande medida, à priorização dos projetos localizados no Sudeste por parte do governo federal (Spinola, 2004), e à negligência da estrutura produtiva da Bahia, que manteve o estado em uma posição de dependência. Nesse prisma, a aglomeração espacial se tornou um elemento chave para a compreensão da dinâmica industrial baiana, seja no plano nacional, com o beneficiamento das indústrias sudestinas, ou assimetrias internas do estado, com um forte agrupamento na Região Metropolitana de Salvador (RMS) (Silva; Lima, 2019).

Historicamente, a economia baiana desenvolveu uma pauta produtiva pouco diversificada e sempre esteve dependente das oscilações exógenas, com uma forte concentração territorial das atividades, acaba por se inserir na matriz industrial brasileira a partir da ‘especialização regional’, com a exportação de produtos intermediários para os setores de bens finais instalados no eixo Sul/Sudeste (Pessoti; Pessoti, 2010). Nesse cenário, a reorganização internacional afetou diretamente a economia brasileira, que promoveu uma transformação nas condições de concorrência no comércio mundial, cuja mudança obrigou uma reestruturação dos parques produtivos superior às necessidades de reposição de capital, que provocou o acúmulo da dívida pública externa e interna, elevação dos custos sociais em função da própria política de estabilização e a agudização da dívida social antiga.

Atualmente, a participação industrial se encontra fortemente fragilizada, e jamais retornou ao mesmo patamar da década de 1980, o que impactou diretamente na perda de relevância da Bahia, tanto em nível regional quanto nacional. E, apesar de iniciativas pontuais, como a expansão de alguns segmentos industriais, a contribuição da indústria ao PIB estadual permaneceu abaixo dos patamares históricos, refletindo um cenário de estagnação que enfraqueceu a competitividade econômica do estado frente a outras regiões do país.

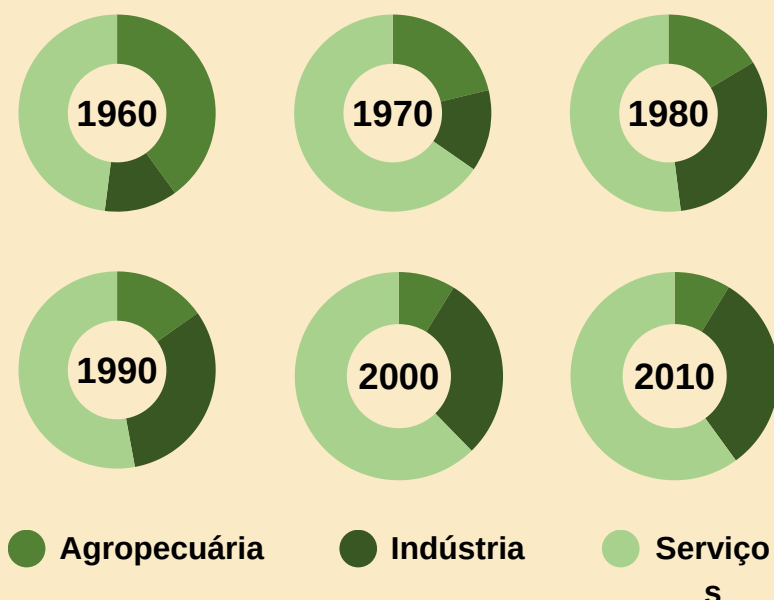
O objetivo deste texto, então, é compreender os efeitos da crescente reprimarização da pauta produtiva - que evidencia um movimento de regressão na complexidade econômica (Andrade; Oliveira, 2024) - bem como a concentração da produção industrial e investimentos em determinadas regiões e setores específicos, o que limita a diversificação territorial e setorial da atividade econômica baiana. Além disso, será realizada uma análise conjuntural da economia baiana no último ano, com foco nas dinâmicas mais recentes que vêm moldando o perfil produtivo do estado. Dessa maneira, pretende-se contribuir para o aprofundamento do entendimento sobre a economia baiana, especialmente no que diz respeito aos desafios contemporâneos que limitam seu desenvolvimento.

Indicadores contextuais

O estado da Bahia tem enfrentado um processo crítico de desindustrialização, caracterizado pela perda de participação relativa do setor industrial, principalmente quando comparado à agropecuária, como consequência da redução da contribuição da indústria de transformação no Valor Adicionado e na produtividade do estado (Oliveira, 2024). Nesse contexto, o processo de acumulação capitalista voltada para a exploração e exportação marcada pela divisão internacional do trabalho e das vantagens comparativas aprofunda a problemática apresentada e acorrenta o crescimento da economia baiana ao modelo agroexportador. Como consequência, a Bahia permanece em um ciclo de dependência de commodities agrícolas, que a torna mais vulnerável a oscilações do mercado internacional e das políticas econômicas externas, e dificulta a geração de valor agregado e limitando o potencial de inovação e expansão do estado (Andrade; Oliveira, 2024).

O Gráfico 1 ilustra o processo anteriormente descrito, evidenciando a tendência de redução da participação do setor industrial no Valor Agregado do estado a partir da década de 1980, que, nesse período, estava concentrada nos segmentos químico e petroquímico. Nesse contexto, destaca-se a criação do Polo Petroquímico de Camaçari, que deve ser considerado o maior empreendimento econômico da história da Bahia, dado o impacto significativo na economia do estado, que quase triplicou sua participação na economia nacional entre os anos 1970 e 1980. Contudo, apesar das políticas industriais implementadas nas décadas seguintes, a participação da indústria no PIB da Bahia nunca mais alcançou os níveis registrados nos anos 1990, com a participação de 31,9% do valor agregado (Pessoti, Pessoti, 2020).

Gráfico 1:

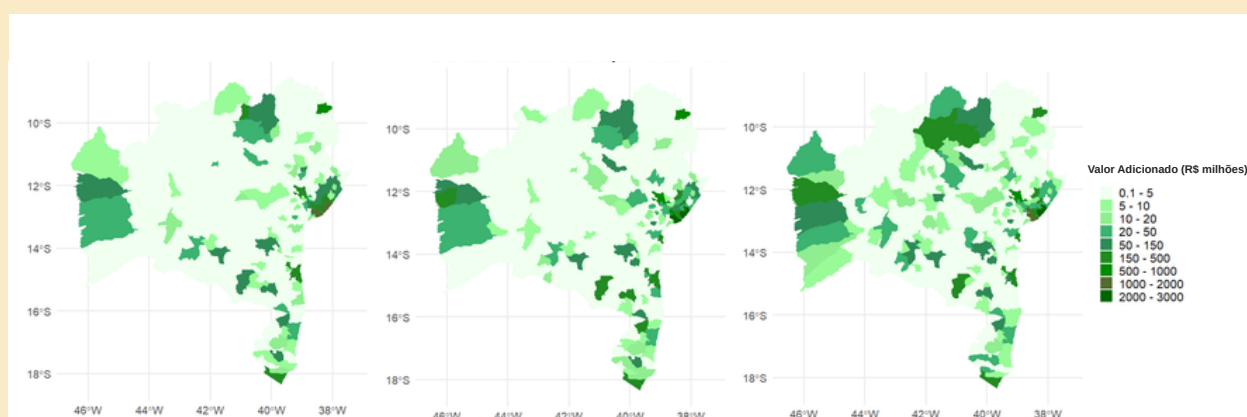


Fonte: SEI/Coordenação de Contas Regionais (Elaboração própria)

Nota: Participação dos grupos de atividades no Valor Adicionado Bruto da Bahia, 1960 - 2010

No entanto, esse desenvolvimento industrial não ocorreu de maneira uniforme entre as regiões do território do estado, favorecendo o crescimento de zonas industriais de maior modernização e dinamização produtiva, em contraste com áreas marginalizadas, que ficaram à margem desse processo de crescimento. Sob essa perspectiva, o Gráfico 2 revela a persistente concentração espacial da indústria baiana na Região Metropolitana de Salvador (Silva; Lima, 2019), contudo evidencia uma dupla tendência no período 2002-2021: a desaceleração do processo de aglomeração metropolitana e a redução dos vácuos produtivos no centro do estado. Esse padrão pode ser explicado pelo surgimento de um novo eixo dinâmico, especialmente no oeste baiano, onde a agroindústria reconfigurou a geografia econômica regional. Um fator chave que explica essa tendência é a formação de cadeias integradas de produção, beneficiamento e distribuição, conforme descrito por Alencar et al. (2001), que conectou o agronegócio à indústria de transformação, e a consequente multiplicação de atividades complementares (logística, máquinas agrícolas) em torno dos polos agroindustriais.

Gráfico 2:

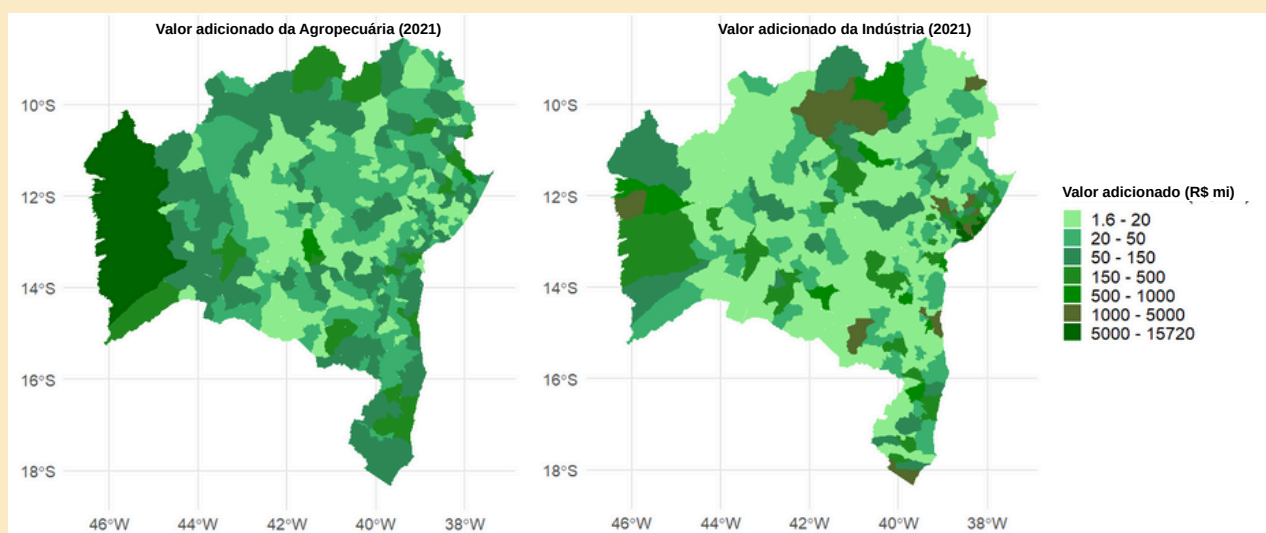


Fonte: SEI/IBGE (Elaboração própria)

Nota: Valor Adicionado Bruto do setor industrial nos municípios da Bahia, deflacionados com base no ano de 2002.

A concentração territorial da produção industrial, que tende a se alinhar aos polos hegemônicos da produção agropecuária, principalmente a região do Extremo Oeste, pode ser evidenciada através do Gráfico 3. Sob essa perspectiva, o modelo econômico da agricultura baiana cria um complexo agroindustrial que se expandiu a partir da modernização tecnológica do setor agropecuário (Costa, 1999), e passa a ocupar o mesmo espaço que a produção agrícola. Além do Extremo Oeste, sobressaem as regiões do Vale do São Francisco — notável pelas vitivinícolas — e o Sul Baiano, com destaque para o cultivo de cacau e cana-de-açúcar. No Centro-Sul, as cidades de Mucugê e Ibicoara também ganharam relevância nacional pela produção de batata-inglesa. Esse movimento revela que a expansão da agropecuária, impulsionada pela inserção da Bahia no mercado internacional enquanto exportadora de commodities, apresenta uma distribuição territorial relativamente mais ampla, alcançando diferentes regiões do estado com vocações produtivas distintas.

Gráfico 3:



Fonte: IBGE (Elaboração própria)

Nota: Valor Adicionado da indústria e agropecuária a preços correntes nos municípios da Bahia (2021)

Em relação à relevância da produção industrial nessas localidades, tem-se uma indústria química expressiva na região do Extremo Oeste, ligada à produção de fertilizantes, e estruturas de refinamento dos insumos agrícolas. Ademais, o projeto da Inpasa da construção de uma usina de biorrefinaria em Luís Eduardo Magalhães, que surge como estratégia para superar as dificuldades relacionadas ao preço do combustível e a disponibilidade de energia na região adquire, também, importância para o beneficiamento da soja e o adensamento da cadeia de valor. No que se refere ao Vale Sanfranciscano, destaca-se a cidade de Paulo Afonso, principal centro urbano da região, notável pelo aproveitamento do potencial hidrelétrico local, sob responsabilidade da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF). Esses exemplos demonstram que, embora existam iniciativas industriais relevantes em diferentes regiões do estado, a expansão industrial se mantém densificada, reforçando a lógica de aglomeração produtiva e a persistência de assimetrias regionais no processo de industrialização baiana.

Sob essa perspectiva, a análise da Tabela 1 marca essa tentativa de extensão da capacidade industrial, refletindo tanto as mudanças na estrutura produtiva e a transformação de novas áreas industriais fora da RMS, com um foco maior em setores como energia e agronegócio no interior. Observando as primeiras posições, nota-se que Camaçari e Salvador se mantiveram relevantes em 2002 e 2010, mas a partir de 2021, São Francisco do Conde, devido à expansão de indústrias associadas ao petróleo, gás e energia, ganha destaque no cenário estadual. Além disso, houve um aumento na presença de municípios do interior, como Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, com o aumento das atividades no agronegócio e na produção de grãos no Oeste Baiano. Desse modo, ainda que a Região Metropolitana de Salvador se conserve enquanto centro industrial do estado, com oito entre os vinte municípios mais industrializados, a tabela demonstra que as regiões do Centro-Norte e Extremo Oeste têm, de fato, ganhado expressividade. Entretanto, essa organização sugere que, em vez de marcar uma contribuição decisiva para uma descentralização da indústria baiana, o modelo incita a formação de novos polos hegemônicos, ligados ao agronegócio.

Tabela 1:

Posição	2002	2010	2021
1	Camaçari	Salvador	Camaçari
2	Salvador	Camaçari	São Francisco Do Conde
3	Paulo Afonso	São Francisco Do Conde	Salvador
4	Simões Filho	Feira De Santana	Feira De Santana
5	Candeias	Paulo Afonso	Candeias
6	Mucuri	Dias D'ávila	Paulo Afonso
7	São Francisco Do Conde	Simões Filho	Simões Filho
8	Feira De Santana	Cairu	Dias D'ávila
9	Ilhéus	Candeias	Luís Eduardo Magalhães
10	Dias D'ávila	Lauro De Freitas	Ilhéus
11	Lauro De Freitas	Mucuri	Campo Formoso
12	Sobradinho	Ilhéus	Mucuri
13	Mata De São João	Vitória Da Conquista	Vitória Da Conquista

14	Pojuca	Alagoinhas	Sento Sé
15	Itabuna	Pojuca	Lauro De Freitas
16	Alagoinhas	Itapetinga	Alagoinhas
17	Luís Eduardo Magalhães	Itabuna	Conceição Do Jacuípe
18	Vitória Da Conquista	Luís Eduardo Magalhães	Pojuca
19	Esplanada	Eunápolis	Barreiras
20	Catu	Conceição Do Jacuípe	Cairu

Legenda:

Centro Norte Baiano
Centro Sul Baiano
Extremo Oeste Baiano
Metropolitana de Salvador
Nordeste Baiano
Sul Baiano
Vale Sanfranciscano da Bahia

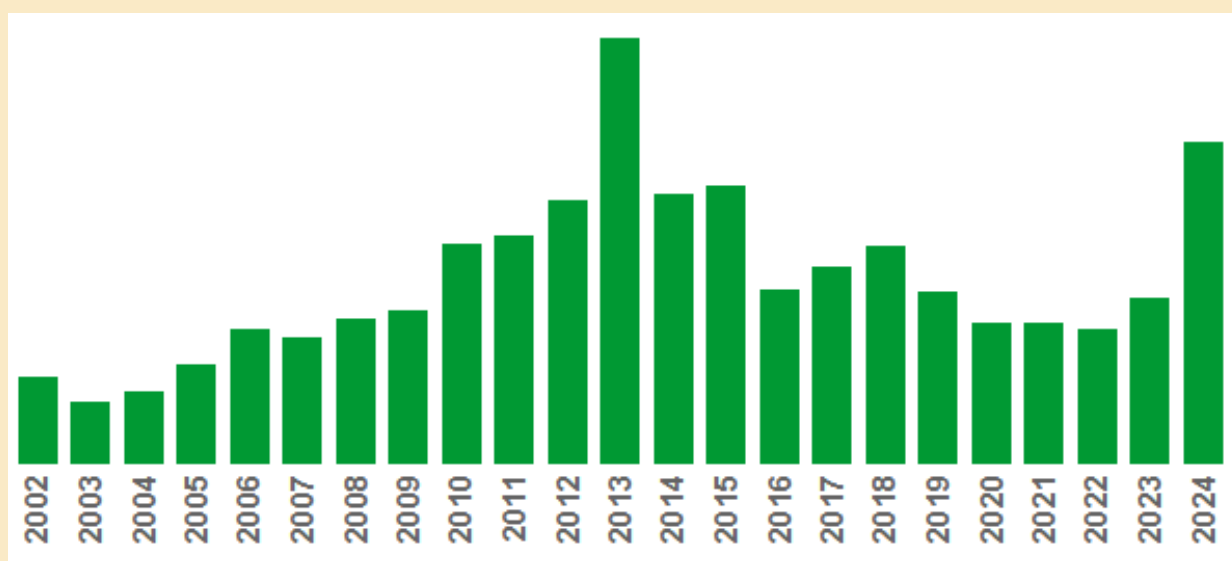
Fonte: Sei/ IBGE (Elaboração própria)

Nota: Análise do Valor Adicionado Bruto da indústria nos 20 principais municípios baianos, segmentados por mesorregião.

Entretanto, se torna evidente que essa tendência teve de ser sustentada por algum mecanismo que pudesse expandir as fronteiras dos clusters tradicionais e propiciar uma reformulação do mapa produtivo baiano. Nesse contexto, é possível relacionar as despesas do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) com o processo de desindustrialização, o que parece contraditório à primeira análise, visto que, é esperado que setores industriais com características de difusores de progresso técnico expressem uma maior participação nos desembolsos, uma vez que são peças centrais para a ampliação da competitividade econômica (Silva, et al, 2020). Entretanto, tal redirecionamento estratégico dos financiamentos é um pilar fundamental para a compreensão transformação produtiva da Bahia no que tange ao crescimento sem igual do agronegócio, que se reflete a partir da construção de uma pauta agroexportadora.

A transposição da pauta produtiva baiana é sustentada pela reorientação dos investimentos industriais em direção ao setor agropecuário, cujo movimento serve por consolidar a ascensão do setor primário com o fortalecimento da agricultura empresarial-capitalista, em contraste com a prévia redução de sua participação frente à indústria (Perpetua et. al, 2022). Assim, as despesas do BNDES refletem o crescimento do agronegócio como realocação dos financiamentos, antes destinados ao desenvolvimento industrial, agora voltados para a consolidação da agropecuária como setor estratégico do estado. Nesse contexto, embora tenha havido um aumento no volume total das despesas do sistema BNDES — conforme demonstrado no Gráfico 4 — a distribuição setorial desses desembolsos confirma a mudança discutida.

Gráfico 4:

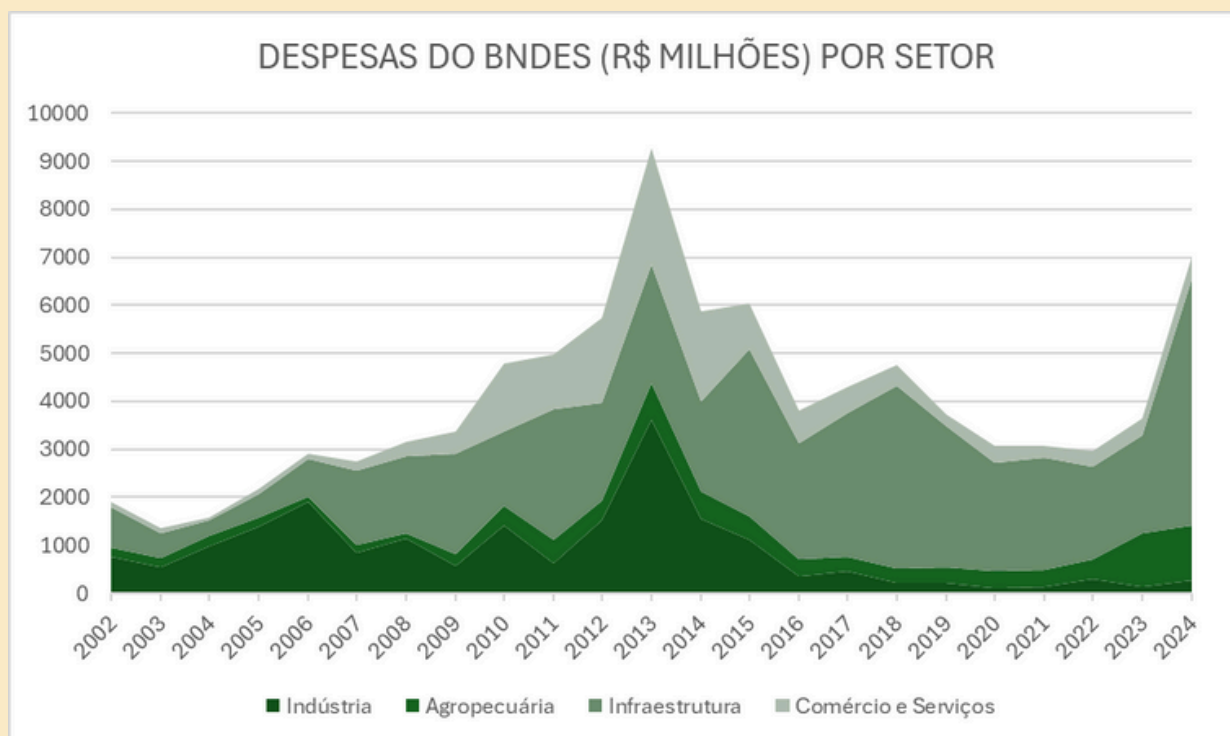


Fonte: BNDES

Nota: Desembolsos do BNDES no estado da Bahia entre 2002 e 2024

A participação do setor agropecuário, por exemplo, passou de 9,75% em 2002, com desembolsos de R\$186 milhões, para 16,18% em 2024, alcançando R\$1.135 milhões, e seguindo a tendência de crescimento, que pode ser observada no Gráfico 5. Em contrapartida, o setor industrial não acompanhou essa trajetória de crescimento: sua participação caiu de 40,62% em 2002, quando recebeu R\$775 milhões, para apenas 3,96% em 2024, com desembolsos reduzidos a R\$278 milhões. Ainda assim, houve um destaque pontual entre 2012 e 2015, período em que a indústria concentrou investimentos significativos no segmento de papel e celulose. Ressalta-se, também, o aumento substancial dos investimentos no setor de infraestrutura, especialmente a partir de 2007, que passou a concentrar a maior parcela dos recursos destinados ao desenvolvimento econômico, voltados, especialmente, para o segmento de Energia Elétrica.

Gráfico 5:



Fonte: BNDES (Elaboração própria)

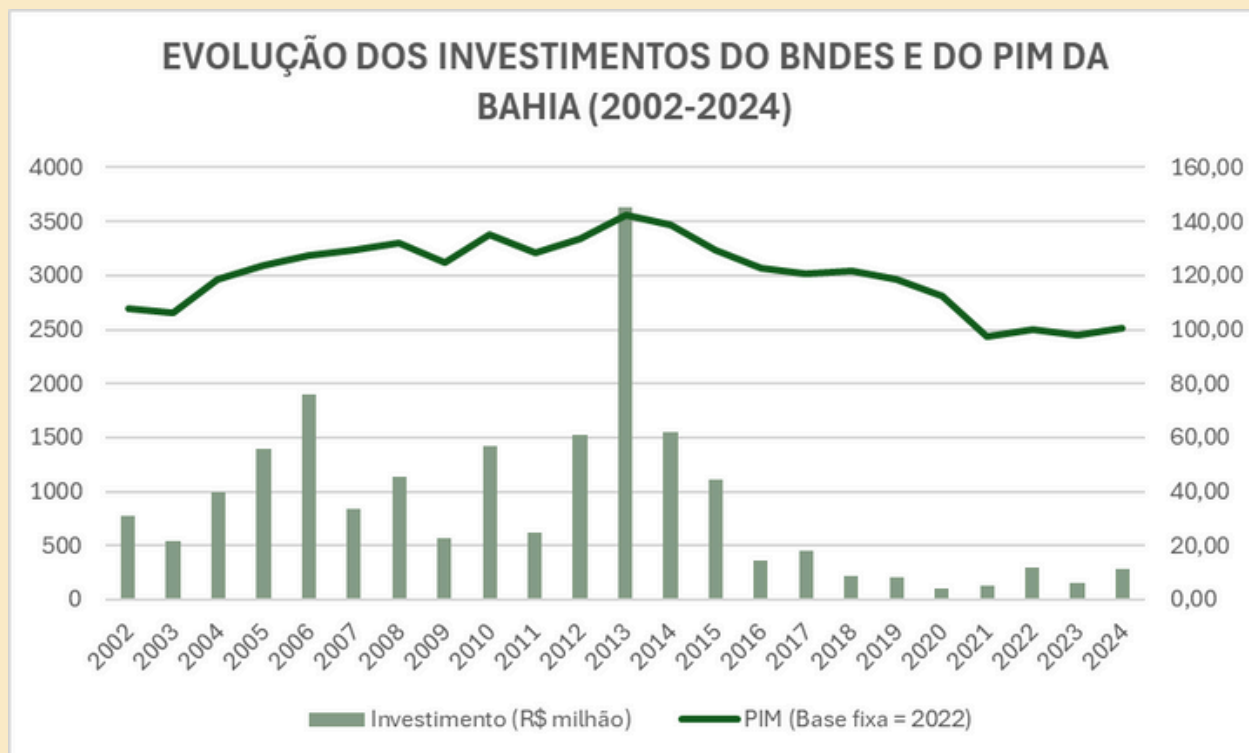
Nota: Desembolsos do BNDES nos setores da indústria e agropecuária no estado da Bahia entre 2002 e 2024

Dessa forma, o Estado se coloca enquanto promotor e viabilizador de uma política industrial, mediante ações de cunho fiscal ou financeiro, que promovam a redução das desigualdades espaciais e a desconcentração do desenvolvimento (Quaglio; Paiva, 2017). No Brasil, entre as décadas de 1950 e 1980, a intervenção estatal foi fundamental para a modernização produtiva e a superação do modelo agroexportador, embora essa modernização tenha se distribuído de forma desigual e seletiva pelo território nacional (Silva, et al, 2020). E, nesse contexto, o BNDES desempenha um papel estratégico no fomento à produção industrial no território, impulsionando o crescimento equilibrado entre regiões. No entanto, como foi mencionado, a redução das despesas direcionadas ao setor industrial impacta diretamente na produtividade e, em última instância, contribui para o aprofundamento das disparidades interestaduais.

A relação entre os investimentos do BNDES e a trajetória da produção industrial baiana, evidenciada no Gráfico 6, demonstra como os recursos do banco influenciaram o desempenho do setor no período analisado. Os dados demonstram uma forte relação positiva ($r = 0,71$) entre os investimentos do BNDES e o desempenho industrial baiano. Esse efeito fica evidente ao observar que o pico produtivo ocorreu em 2013, quando o PIM atingiu 142,58 pontos - ano que também registrou o maior volume de recursos aplicados pelo banco desde 2002, totalizando R\$3,63 bilhões. Adicionalmente, observa-se uma queda acentuada nos investimentos do BNDES a partir de 2016, com redução média anual de 19,27% no período (2016-2024), o que coincidiu e acelerou o processo de desindustrialização regional. Os dados indicam que o volume de recursos alocados ao setor industrial baiano em 2024

representa apenas 7,66% do valor histórico máximo de 2013, aprofundando os desafios estruturais da economia estadual.

Gráfico 6:

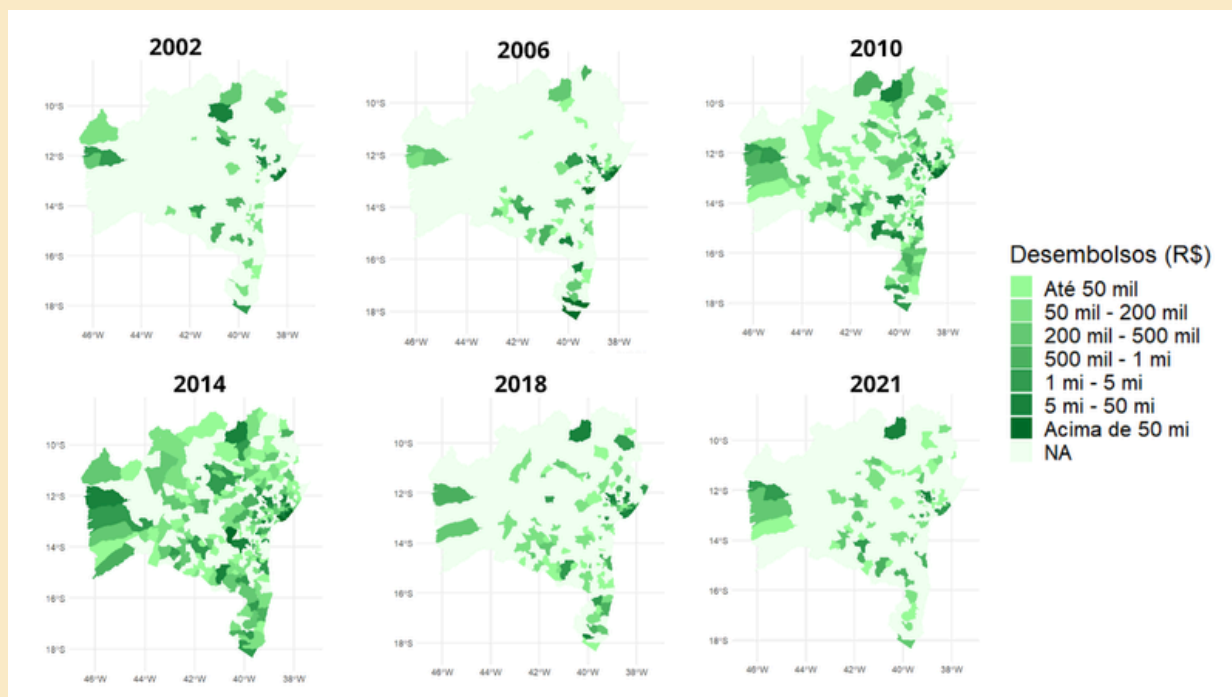


Fonte: BNDES, IBGE/SEI (Elaboração própria)

Nota: Evolução dos desembolsos do BNDES para o setor industrial e Produto Industrial (base fixa = 2022) na Bahia, entre 2002 e 2024

Sob a perspectiva da concentração territorial da atividade industrial, observa-se no Gráfico 7, que a lógica da concentração produtiva espacial se mantém na esfera dos investimentos, visto que o financiamento industrial continua a privilegiar determinadas regiões do estado, em detrimento da expansão da fronteira do desenvolvimento. Ademais, observa-se uma subversão ainda incipiente nos anos de 2010 e 2014, quando houve uma leve ampliação na diversidade dos municípios contemplados pelos financiamentos, indicando um esforço pontual de descentralização do suporte estatal. Entretanto, essa investida não teve continuidade e, já em 2018, identifica-se uma convergência dos financiamentos para regiões previamente privilegiadas, similar ao mapa de 2002.

Gráfico 7:



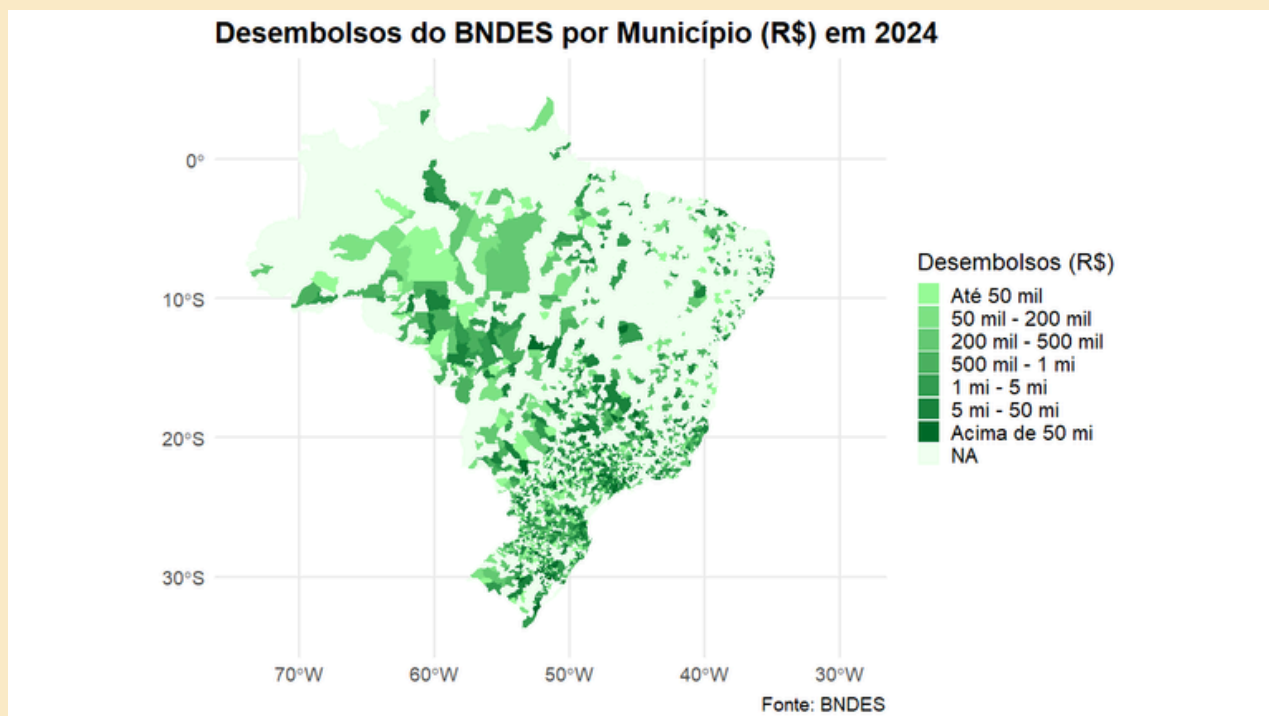
Fonte: BNDES (Elaboração Própria)

Nota: Desembolsos do BNDES por Município da Bahia entre 2002 e 2021

Nesse sentido, deriva-se que os desequilíbrios regionais de produto e renda resultam do próprio processo de acumulação capitalista e da divisão internacional do trabalho, que favoreceram o progresso de regiões como o Sudeste brasileiro. Sob uma perspectiva histórica, tem-se que o processo de industrialização da Bahia foi possibilitado graças a um planejamento que direcionou financiamentos para o estado entre as décadas de 1960 e 1980. Entretanto, com o esgotamento do prazo dos benefícios concedidos, os investimentos voltaram a se concentrar no eixo Sudeste-Sul, o que acaba por aprofundar as disparidades inter-regionais no território nacional (Spinola, 2004).

Atualmente, a redução dos investimentos no setor industrial da Bahia reflete uma dinâmica marcada por assimetrias interestaduais, na qual o eixo Centro-Sul se beneficia diretamente do vácuo deixado pela menor aplicação de recursos na região Nordeste, evidenciado no Gráfico 8. Além disso, esses estados apresentam uma maior dispersão dos desembolsos entre os municípios, o que demonstra uma maior capacidade de integração regional e geração de valor agregado num ordenamento estadual, enquanto, na Bahia, predomina um direcionamento convergente de recursos. Como apontam Arrighi (1997) e Wallerstein (1988), o desenvolvimento, longe de ser uma possibilidade universal, é uma construção desigual baseada em dinâmicas de exploração e exclusão, em que a riqueza de regiões centrais — como o Sudeste brasileiro — depende da reprodução sistemática da pobreza em outras regiões, e essa marginalização se torna muito evidente nesta análise.

Gráfico 8:



Fonte: BNDES (Elaboração Própria)

Nota: Distribuição dos desembolsos do BNDES no setor industrial entre os municípios brasileiros em 2024.

A análise apresentada evidencia um processo complexo e plural da reestruturação produtiva na Bahia, marcado por uma crescente marginalização da indústria frente ao avanço do agronegócio. A partir da década de 1980, observa-se uma trajetória de perda de relevância da indústria no Valor Agregado estadual, mesmo diante de esforços de política industrial e investimentos públicos. A expansão industrial, embora tenha alcançado novas regiões, manteve-se concentrada em polos específicos, sobretudo ligados à dinâmica agroexportadora, o que limitou seu potencial de desconcentração territorial e de diversificação econômica.

A reorientação dos financiamentos do BNDES, anteriormente direcionados ao setor industrial e progressivamente canalizados para o agronegócio e infraestrutura, foi determinante na consolidação dessa nova pauta produtiva. Esse redirecionamento não apenas acentuou a desindustrialização, como também reforçou padrões históricos de desigualdade regional, evidenciando que os recursos públicos continuam a reproduzir assimetrias espaciais e setoriais. Assim, longe de representar uma transição equilibrada e inclusiva, o modelo produtivo atual da Bahia revela um crescimento seletivo, concentrado e vulnerável, fortemente condicionado por fatores exógenos e pela lógica de inserção subordinada nas cadeias globais de valor. Nesse cenário, torna-se urgente repensar as estratégias de desenvolvimento regional e industrial, priorizando políticas que articulem inovação, diversificação produtiva e redução das desigualdades estruturais do território baiano.

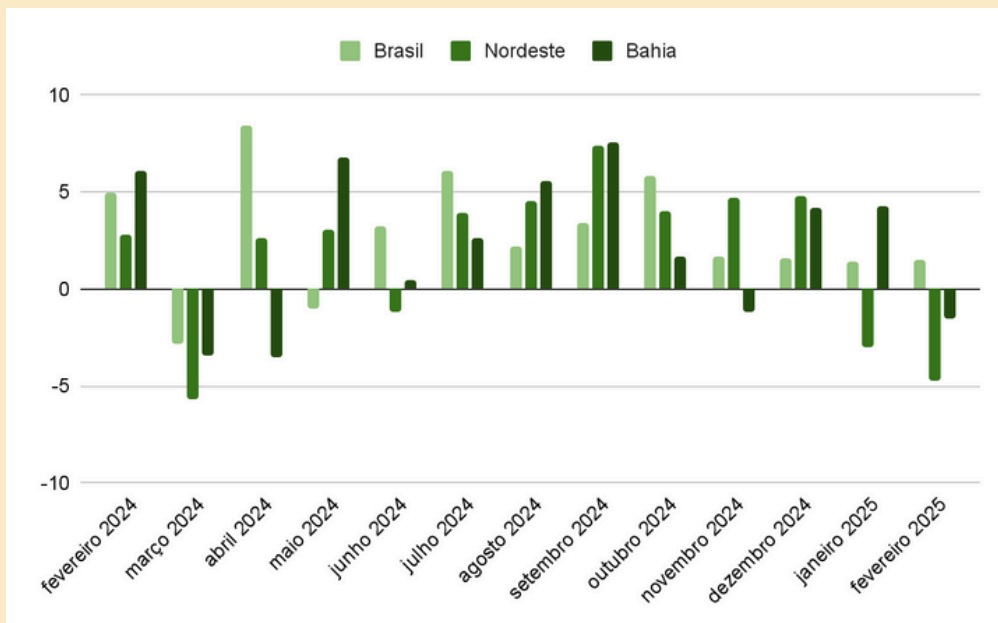
A partir do que foi exposto, será realizada uma análise conjuntural da economia baiana no último ano, buscando compreender as dinâmicas mais recentes que têm moldado o perfil produtivo do estado. Este exame incluirá uma avaliação dos principais setores econômicos que vêm ganhando relevância, as mudanças no ambiente de investimentos, e a adaptação da indústria local às novas demandas globais. Pretende-se, assim, que o diagnóstico permita identificar tendências emergentes e os desafios que o estado enfrenta para diversificar sua base econômica e possibilitar seu desenvolvimento.

Dados conjunturais

A dinâmica industrial recente da Bahia revela um cenário de contrastes, marcado por desempenhos setoriais heterogêneos e volatilidade nos indicadores produtivos. A análise dos dados de produção física industrial entre abril de 2024 e fevereiro de 2025 demonstra tanto a resiliência de segmentos modernizados - como os de máquinas elétricas e plásticos - quanto as dificuldades persistentes em setores tradicionais como metalurgia e extrativismo. Este estudo busca examinar os principais padrões e oscilações da atividade industrial baiana no período, a partir de uma avaliação comparativa com os indicadores nacionais e regionais, pretende-se identificar os desafios para a consolidação de um desenvolvimento industrial mais equilibrado e sustentável no estado, capaz de superar as atuais assimetrias setoriais e inserir a Bahia em cadeias produtivas de maior valor agregado.

O Gráfico 9 mostra a variação percentual mensal da produção física da indústria geral no Brasil, Nordeste e Bahia, comparando cada mês com o mesmo período do ano anterior. Ao longo do período, observa-se desempenho irregular, com altas e quedas alternadas. O Brasil teve crescimento significativo em abril/2024 (8,4%) e julho/2024 (6,1%), mas registrou quedas em março/2024 (-2,8%) e maio/2024 (-1%). O Nordeste apresentou forte expansão em setembro/2024 (7,4%), porém recuos em março/2024 (-5,7%) e fevereiro/2025 (-4,7%). Já a Bahia teve oscilações mais acentuadas, com destaque para altas em maio/2024 (6,8%) e setembro/2024 (7,6%), mas quedas em abril/2024 (-3,5%) e fevereiro/2025 (-1,5%). Os dados indicam que, apesar de algumas recuperações, a indústria geral enfrentou instabilidade, com diferenças marcantes entre as regiões.

Gráfico 9:

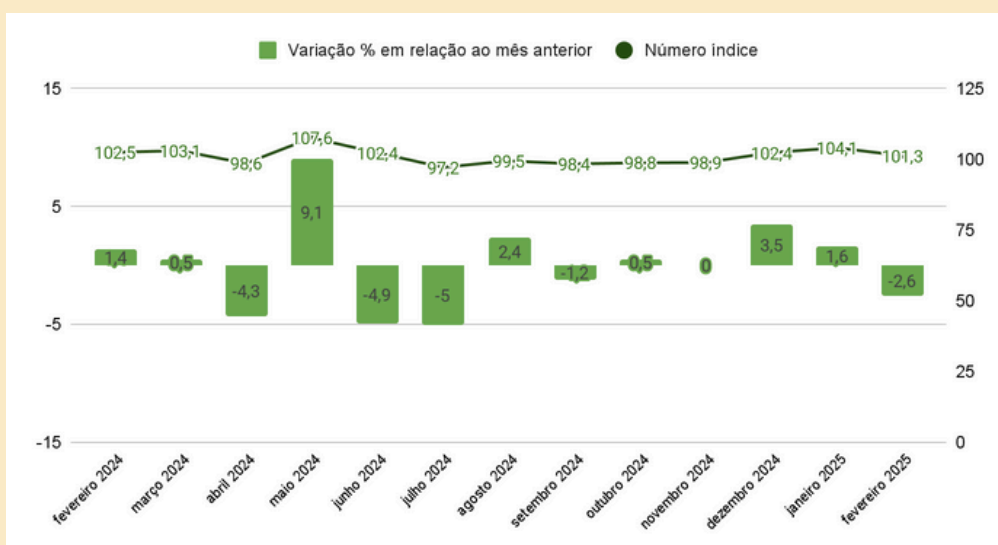


Fonte: IBGE/SEI (Elaboração Própria)

Nota: Taxa de crescimento mensal da produção física industrial (variação percentual do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior) – Brasil, Nordeste e Bahia (fev. 2024 - fev.2025)

Partindo da análise do indicador da Produção Industrial Mensal (PIM), é possível perceber, em fevereiro de 2025, uma queda de 2,6% da produção em comparação ao mês exatamente anterior, que segue de um crescimento de 1,6% em janeiro do mesmo ano, e 3,5% em dezembro de 2024, fechando o ciclo de crescimento iniciado no mês de novembro. Além disso, o maior destaque do período analisado foi do mês de maio de 2024, que apresentou uma variação positiva de 9,1% em relação ao mês anterior, que havia fechado em uma queda de -4,3%. Nessa perspectiva, destacam-se negativamente os meses de abril, junho e julho de 2024, que apresentaram uma decréscimo notável.

Gráfico 10:



Fonte: IBGE/SEI

Nota: Evolução da Produção Física da Indústria Geral na Bahia (Série com Ajuste Sazonal) – Fevereiro de 2024 a Fevereiro de 2025

Tabela 2:

	Máquina	Prod. de B	Bebidas	Extrativ	Aliment	Couro	Celulose e	Químico	Não-metál	Petróleo	Metalurgia
fev...	2,6	14,9	8,5	54,6	6,7	15,1	1,8	2	-12	7,9	-25,8
ma...	-8,6	4,7	-15,9	27,7	4,6	-20,4	32,4	-0,3	-9,6	-6,4	-31,9
abr...	65,8	13	11,3	11,1	8,2	7,7	-1,1	-2,2	-6,3	11,4	-33,8
ma...	13,7	6,6	12,2	-11,4	3,4	-7,3	16,2	-0,5	-9,8	20,3	-20,6
jun...	35,6	7,5	10,2	-16,5	-5,7	-16,5	2,2	9,1	-6,2	1,9	-5,7
jul. ...	55	15,6	14,9	-12,5	0,3	1	-3,5	7,5	-4,1	-1	12,2
ag...	41,4	13,1	8,4	-13	-8,3	-8,3	-5,9	21,5	-4,6	12,3	-2,1
set....	16,3	17,2	2,1	2,5	-1,8	-11,4	3,4	15,5	3,9	11,6	2,7
out...	37	10,9	-0,1	-20,2	-0,3	-12,4	2,9	8,9	12,1	1,4	-2,3
no...	31,8	7,7	-1,4	-15,5	1,4	-22,6	-9,5	14,4	8	-4,1	-5,5
dez...	26,1	10,1	5,8	-1,7	0,1	-9,1	2,9	6,4	-2,8	4,2	-12,6
jan...	28,6	8,8	2,7	-4,1	-2,9	8,7	2,3	4,2	12,8	9,9	-0,7
fev...	28,7	0	-2,6	-20,8	-8,2	-9,6	-19	-7,1	13,1	8,3	2
ESTOQUE:	380	110,5	63,5	-102,1	-13,8	-79,8	-9,1	77,7	16,1	76,2	-66,4

Fonte: IBGE/SEI (Elaboração Própria)

Nota: Produção por segmentos da indústria geral (%) (variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior.) – Bahia (fev. 2024 - fev. 2025)

A análise dos dados industriais revela um cenário marcado por volatilidade e contrastes regionais e setoriais na Bahia e no Brasil. Enquanto a indústria nacional apresentou recuperação intermitente, com picos como os 8,4% de crescimento em abril/2024, a Bahia demonstrou oscilações mais acentuadas, alternando entre desempenhos robustos (como o crescimento de 7,6% em setembro/2024) e quedas significativas (como -3,5% em abril/2024). A produção industrial baiana, em particular, destacou-se pela dualidade entre setores dinâmicos — como máquinas elétricas e borracha/plástico, que lideraram o crescimento com altas expressivas — e segmentos tradicionais em declínio, como metalurgia e extrativismo, que enfrentaram desafios persistentes.

O comportamento da Produção Industrial Mensal (PIM) reforça essa instabilidade, com ciclos de crescimento seguidos por recuos abruptos, como a queda de 2,6% em fevereiro/2025 após meses de recuperação. Essa inconsistência reflete tanto fatores externos — como oscilações na demanda global e nos preços de commodities — quanto

desafios internos, como a necessidade de modernização de setores tradicionais e a diversificação da base industrial.

Em síntese, os dados indicam que, embora a Bahia tenha setores com potencial de crescimento e resiliência, a consolidação de uma trajetória sustentável depende da superação de gargalos estruturais, da atração de investimentos em setores inovadores e da adaptação às novas demandas do mercado. O caminho para o desenvolvimento industrial passa, portanto, por políticas que incentivem a diversificação produtiva, a integração regional e a transição para atividades de maior valor agregado, reduzindo a dependência de setores vulneráveis a choques externos.

Referências

ALENCAR, E. et al. *Complexos agroindustriais, cooperativas e gestão*. Organizações Rurais e Agroindustriais, Lavras, v. 3, n. 2, 2001.

ANDRADE, Sarah; OLIVEIRA, Kaiza. *Evolução do padrão de reprodução do capital no Brasil e as verticalidades no território*. Bahia: Revista de Desenvolvimento Econômico, 2024.

BAHIA. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura. *Bahia já é o quarto maior estado produtor de batata-inglesa do Brasil, atesta pesquisa do IBGE*. 2021. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/noticias/2021/10/07/bahia-já-é-o-quarto-maior-estado-produtor-de-batata-inglesa-do-brasil-atesta>. Acesso em: 11 maio 2025.

COSTA, T. V. A. M. *Integração regional e seus efeitos sobre as exportações brasileiras da carne avícola*. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

INPASA. *Inpasa anuncia a construção da sua primeira usina na Bahia*. 2023. Disponível em: <https://www.inpasa.com.br/sala-de-imprensa/inpasa-anuncia-construcao-da-sua-primeira-usina-na-bahia/821528>. Acesso em: 11 maio 2025.

OLIVEIRA, Kaiza. *Análise Da Dinâmica De Desenvolvimento Regional: Uma Aplicação Do Método Shift-Share Para As Mesorregiões Do Estado Da Bahia No Período 2010-2021*. Bahia: Conjuntura & Planejamento, 2024.

PERPETUA, Guilherme Marini; THOMAZ JÚNIOR, Antonio; GARVEY, Brian. Reprimarização e expansão territorial das commodities agrícolas no Brasil: dinâmicas, fatores, escalas e implicações. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2022.

PESSOTTI, Fernanda; PESSOTTI, Gustavo. *Panorama Econômico da Bahia no Século XXI*. Bahia: Publicações SEI, 2020.

SILVA, Gesner; LIMA, José Raimundo. Industrialização, competitividade e agroindústria: uma breve análise do complexo agroindustrial do Recôncavo Sul da Bahia. Bahia: Bahia Análise & Dados, 2019

SILVA, Raphael de Oliveira; MARQUES, Mabel Diz; MATA, Henrique Tomé da Costa. Atuação do BNDES e disparidades regionais: evidências da indústria de transformação entre 2000-2018. Geosul, Florianópolis, v. 35, n. 74, p. 132-162, jan./abr. 2020.

SPINOLA, Noelio. A Economia Baiana: Os Condicionantes da Dependência. Bahia: RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico, 2004.

5 Comércio Exterior

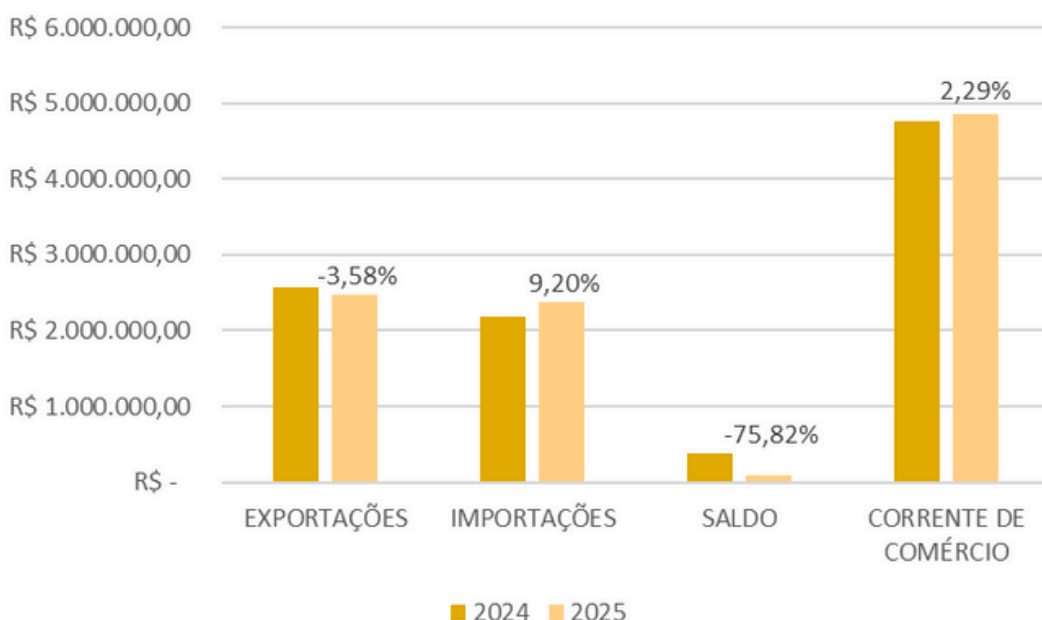
Comércio Exterior| Ana Carolina Freixo e Douglas Mota

Balança Comercial Bahia e Brasil

Ao compararmos o primeiro trimestre de 2025 com o mesmo período de 2024, observamos que as exportações da Bahia registraram uma queda de 3,58%, enquanto as importações aumentaram 9%. Como resultado, o saldo da balança comercial baiana apresentou uma variação negativa superior a 75%. Contudo, esse cenário não é exclusivo da Bahia, mas reflete uma tendência nacional. A balança comercial brasileira no mesmo período também apresentou queda nas exportações (0,5%) e aumento nas importações (13%), resultando em um saldo 46% menor.

Essa redução nas exportações baianas fez com que o estado passasse a ocupar a 11^a posição entre os maiores exportadores do país, perdendo duas posições em relação ao terceiro trimestre de 2024, quando ocupava o 9º lugar. Isso evidencia uma perda de espaço da Bahia no cenário nacional.

Balança Comercial da Bahia



Fonte: SEI

Exportações por Municípios Baianos

Analisando as exportações por municípios, destacam-se São Francisco do Conde e Luís Eduardo Magalhães, que apresentaram quedas expressivas de 32% e 22%, respectivamente. Por outro lado, o município de Camaçari registrou um crescimento de 36% nas exportações. Juntos, esses três municípios representam quase 50% das exportações do estado, o que torna as quedas ainda mais impactantes para o desempenho baiano.

Apesar do cenário predominantemente negativo, é importante ressaltar o crescimento significativo das exportações de Barreiras (115%) e São Desidério (92%). No entanto, esses municípios possuem menor participação no total exportado pela Bahia, ocupando, respectivamente, as 9ª e 17ª posições no ranking estadual.

Principais Municípios Exportadores

Municípios	Peso (ton)		Variação	Participação
	2024	2025	%	
São Francisco do Conde	741.036	497.853	-32.82	19,99
Luís Eduardo Magalhães	523.877	403.570	-22.96	16.20
Camaçari	211.186	289.285	36.98	11.62
Mucuri	191.420	170.804	-10.77	6.86
Jacobina	126.240	94.802	-24.90	3.81
Ilhéus	119.948	44.047	-63.28	1.77
Eunápolis	104.932	95.917	-8.59	3.85
Jaguarari	83.558	61.534	-26.36	2.47
Barreiras	75.203	162.264	115.77	6.52
Candeias	53.757	52.480	-2.38	2.11
Pojuca	45.021	50.251	11.62	2,02
Itagibá	39.130	54.603	39.54	2.19
Santaluz	37.858	21.450	-43.34	0.86
Barrocas	37.657	32.178	-14.55	1.29
Demais Produtos	367.005	459.525	-56.80	-45.885
Total*	2.757.828	2.490.563	-9,69	100,00

Fonte: SEI

Principais produtos exportados

Ao analisarmos os principais produtos exportados pela Bahia, é possível entender com mais clareza os fatores que influenciaram a queda nas exportações estaduais no primeiro trimestre de 2025. Entre os destaques, estão a soja e o petróleo, que juntos têm grande peso na balança comercial baiana.

A soja, principal produto exportado pelo estado, registrou uma redução de 8% em volume (peso em tonelada) e de 21% em valores (US\$ 1.000 FOB) em comparação ao mesmo período do ano anterior. Essa queda impactou diretamente o desempenho do estado no cenário nacional. Apesar da safra de soja ter sido recorde no período, impulsionada por fatores como o aumento da área plantada, esse crescimento produtivo não se refletiu nas exportações.

A retração nas exportações de soja foi causada, principalmente, pela queda dos preços internacionais, o que levou muitos produtores a reterem a produção na expectativa de uma valorização futura no mercado global. Em janeiro, segundo dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), as exportações de soja chegaram a cair 81% em relação ao mesmo mês de 2024. Esse cenário comprometeu a competitividade da soja brasileira, impactando de forma significativa os resultados baianos.

Situação semelhante foi observada no setor de petróleo. A Bahia registrou aumento na produção da commodity, impulsionado principalmente pelo desempenho da PetroReconcavo — maior empresa do setor no estado — que vem expandindo suas operações desde o final de 2024. Em março de 2025, a companhia atingiu uma produção média diária de 27,7 mil barris. No primeiro trimestre, foram realizados 17 projetos de workover (intervenções para aumento da produtividade dos poços) e três perfurações, das quais duas foram concluídas no período.

Apesar do aumento na produção, as exportações de petróleo baiano apresentaram queda de aproximadamente 20%, tanto em volume quanto em valor. Essa redução decorre das condições desfavoráveis do mercado internacional, impactado pela decisão da OPEP de ampliar a oferta global da commodity, o que levou à queda do preço do barril de cerca de US\$80 para US\$60. Essa desvalorização reduziu a competitividade do petróleo brasileiro e, conseqüentemente, afetou negativamente as exportações do estado.

Logo em terceiro lugar entre os principais produtos exportados pela Bahia, o papel e a celulose registraram um aumento de cerca de 1% em volume (toneladas) e quase 8% em valores. Esse desempenho é reflexo do crescimento da produção do segmento, que, segundo a SEI, apresentou um aumento de 9,3% em março, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Além disso, a valorização cambial e a paralisação de uma indústria chinesa geraram uma demanda adicional de celulose, sustentando a alta dos preços dessa commodity.

O algodão registrou um aumento de 30% no volume exportado e 11% em valores, resultado do crescimento de 20% na área plantada na Bahia em relação ao ano anterior. Além disso, o avanço tecnológico aplicado ao cultivo, especialmente no monitoramento e manejo de pragas, contribuiu para esse aumento, o que poderia explicar o porquê do crescimento em volume ter sido maior do que em valores.

o analisarmos o desempenho do cacau e seus derivados, observamos um salto significativo nas exportações do segmento. O volume exportado registrou um aumento de quase 50%, enquanto o valor das exportações teve uma impressionante variação positiva de 174%, isso é resultado de alguns fatores.

O primeiro deles é a valorização do cacau no mercado internacional, ao longo do ano passado a cotação do cacau chegou a registrar US\$ 12 mil a tonelada, esses valores foram resultados de uma queda da oferta global devido a problemas climáticos causados pelo El Niño e fitossanitários em grandes exportadores desse segmento no mundo.

Além disso, a demanda global pelo segmento aumentou, com destaque para os mercados emergentes — especialmente na Ásia — que têm registrado um aumento expressivo no consumo. Além disso, a preferência crescente por produtos premium e de alta qualidade tem estimulado o mercado, elevando a procura por cacau de alta qualidade. Esses fatores combinados exercem uma pressão crescente sobre a oferta global da commodity, refletindo no aumento das exportações e nos preços internacionais.

O aumento da demanda mundial por cacau está diretamente ligado ao crescimento do consumo em mercados emergentes, especialmente na Ásia, onde a expansão da classe média e o aumento da renda disponível têm impulsionado o consumo de produtos à base de cacau. Além disso, a preferência crescente por produtos premium e de alta qualidade tem estimulado o mercado, elevando a procura por cacau fino e especialidades. Esses fatores combinados exercem uma pressão crescente sobre a oferta global da commodity, refletindo no aumento das exportações e nos preços internacionais.

E o segundo deles é o aumento da produção, a Bahia é atualmente o maior produtor de cacau no país após ultrapassar o Pará no ano passado ao em 2023, a produzir 139.011 toneladas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre os principais polos produtores do estado, destacam-se municípios localizados nas regiões do Sul do estado, como Ilhéus, Wenceslau Guimarães e Ibirapitanga — que ocupam, respectivamente, a quarta, quinta e sexta posições entre os maiores produtores do país, ficando atrás apenas de três municípios paraenses.

Em seguida, destaca-se o desempenho do café, cuja produção aumentou significativamente, posicionando a Bahia como o maior estado produtor da região Nordeste. Paralelamente, o mercado internacional de café passou por uma valorização expressiva, impulsionada tanto pelo aumento da demanda quanto pela redução da oferta global, causada por problemas climáticos em importantes regiões produtoras.

Esse cenário favorável resultou em um aumento de 47% nas exportações baianas de café e especiarias em volume e de impressionantes 165% em valores, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Embora o café tenha sido o principal responsável por esse desempenho, vale destacar a contribuição, ainda que menos expressiva, do setor de especiarias — como a pimenta-do-reino e o cravo-da-índia — que também registraram variações significativas. A pimenta apresentou crescimento de 90% em volume e 204% em valores, enquanto o cravo-da-índia surpreendeu com um salto de 2.000% no volume exportado e 1.400% em valores.

A Bahia tem se destacado também, na produção de cafés gourmet — grãos de alta qualidade, cultivados em regiões com clima e solo ideais. A crescente demanda internacional por esse tipo de café tem contribuído para o fortalecimento da posição do estado no mercado global.

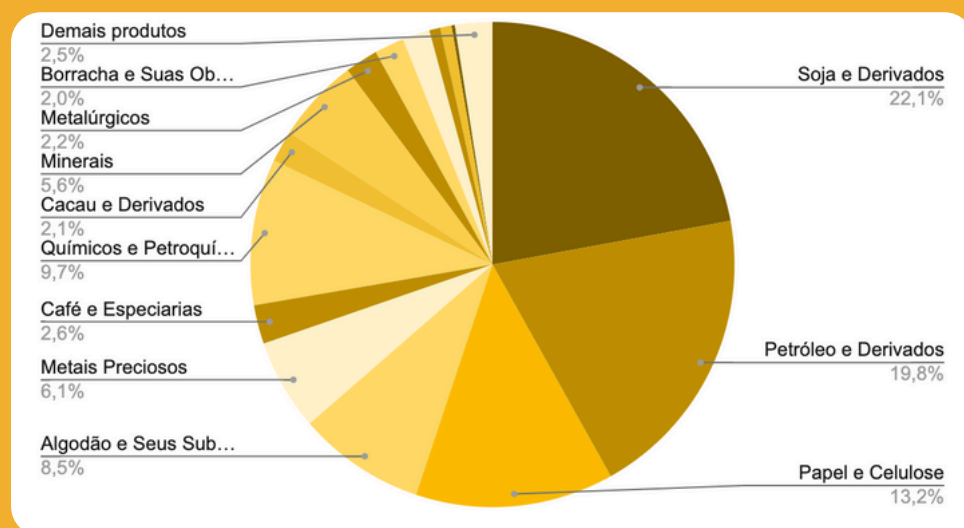
O milho apresentou uma variação expressiva de mais de 200% tanto em volume quanto em valores exportados no primeiro trimestre de 2025. Esse desempenho surpreendente é resultado de uma combinação de fatores. A primeira safra do ano registrou um crescimento de 2,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionado por um aumento de 5% na área plantada, o que contribuiu diretamente para o maior volume exportado pela Bahia.

Além disso, o preço da saca de milho (60 kg) também teve uma valorização significativa, passando de R\$62,62 no ano passado para R\$72,94 neste ano — um aumento de cerca de 16%. As perspectivas para os próximos meses apontam para valores ainda mais altos, podendo alcançar entre R\$85 e R\$90 por saca.

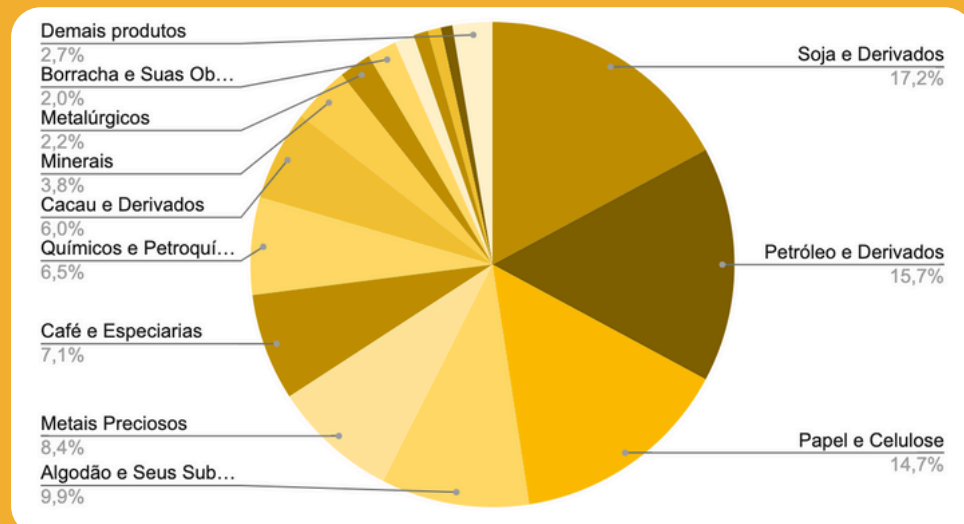
Esse cenário foi favorecido por dois fatores principais: o aumento da demanda internacional por milho brasileiro — especialmente por parte da China — e a desvalorização do real frente ao dólar, o que tornou as exportações mais atrativas para os produtores em comparação com as vendas no mercado interno.

Ao analisarmos esses segmentos fica mais claro o porquê dos municípios São Francisco do Conde e Luís Eduardo Magalhães (grandes produtores de soja) apresentarem uma variação negativa e outros municípios como Barreiras e São Desidério (produtores de milho e algodão) apresentarem uma variação positiva de 115% e 96% respectivamente.

2024



2025



Fonte: SEI

Países e Blocos Econômicos

As exportações totais da Bahia para a China registraram uma queda de 26% em volume e 30% em valores no primeiro trimestre de 2025. Essa retração se deve, principalmente, à forte redução nas exportações de soja — principal produto enviado ao país asiático que reduziu a exportação de soja em 25%. Além da soja, a China também importa da Bahia commodities como algodão, cacau e celulose, que, apesar de terem se valorizado nos últimos trimestres, não impediram a queda no volume exportado, — na verdade esses produtos tiveram retração de 53% tanto em volume quanto em valores. A exemplo da Pasta química de madeira semi branqueada — celulose utilizada na fabricação de papel — que apresentou um recuo de 21%. Isso pode ser explicado pelo atual cenário de desaceleração da economia chinesa, que tem impactado negativamente a demanda por esses produtos e, consequentemente, o desempenho das exportações baianas para esse destino.

Por outro lado, as exportações totais para os Estados Unidos apresentaram um aumento de 30% em volume e de apenas 1% em valores. Isso se deve à maior demanda por pasta química de madeira semi branqueada — o país importou 127% a mais se comparado com o mesmo período no ano passado — cuja produção cresceu no estado. No entanto, apesar do aumento no volume exportado, os preços da commodity se mantiveram estáveis, o que explica a variação modesta no valor das exportações. Além da celulose, o país também importa da Bahia soja, cacau, café e derivados de petróleo, como é o caso do fuel-oil e o gásóleo (diesel) — que juntos tiveram um aumento de 21% em volume porém um aumento de 210% em valores — além de importar pneumático, pneus, que apesar da contração nas exportações — de aproximadamente 35% — desse produto, ajuda a explicar a variação positiva nas exportações do município de camaçari por se apresentar como um polo industrial produtor do segmento.

Além dos grandes, cabe destacar a participação de outros países, como é o caso da Argentina, Países Baixos (Holanda), Alemanha, Paquistão e Tailândia.

A Argentina se destaca devido ao seu aumento de 74% em volume e 50% em valores, a Argentina tem importando majoritariamente derivados do cacau a exemplo da manteiga de cacau e o cacau em pó, o país importou, respectivamente, 14% a mais em volume o que equivale a 274% em valores e 70% em volume de cacau em pó o equivalente a 248%. A Argentina também importa outras commodities que no primeiro trimestre de 2025 sofreu uma retração em volume de 21% entretanto houve uma alta nos valores de 164%. Esses resultados indicam que, embora a Argentina tenha reduzido o volume de importações, tem priorizado a compra de produtos atualmente valorizados no mercado, como é o caso do café, que também é exportado para o país.

Seguindo o rumo do café, Países Baixos e a Alemanha que se encontram respectivamente em 6 e 7 lugar entre os maiores importadores da Bahia, aumentaram as suas importações de café. Os Países Baixos (Holanda) 139% em volume consequentemente 351% em valores e a Alemanha teve uma variação positiva de quase 50% em volume e 144% em valores, além de também, ambos importarem a pasta química de madeira semi branqueada, celulose, e a soja, no caso da Holanda, especificamente se importa em maior quantidade o bagaços de soja.

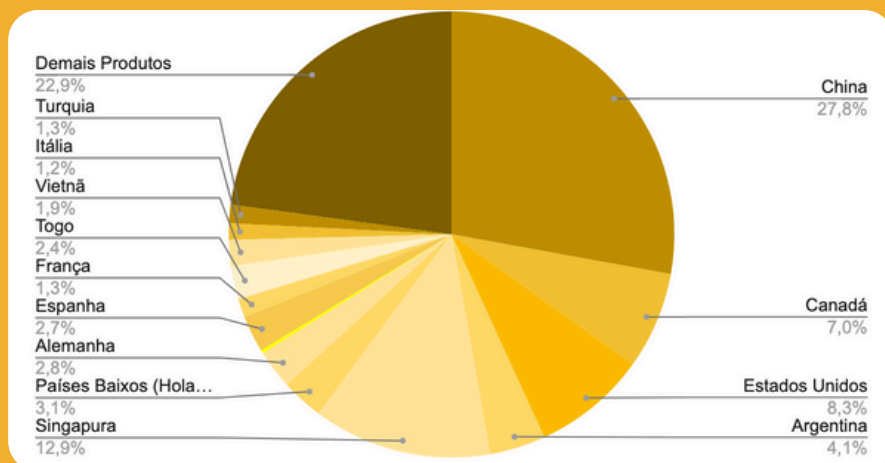
Cabe destacar o Paquistão e a Tailândia que apesar de não estarem entre os primeiros importadores baianos, apresentaram uma variação positiva de aproximadamente 2000% e 1000%, respectivamente, durante esse período.

Ao falar do Paquistão a sua variação é resultado predominantemente do algodão, sendo um dos maiores produtores do mundo e um dos maiores consumidores, em 2021 sendo o terceiro maior consumidor de algodão do mundo, com isso a Bahia ao aumentar a área plantada e a demanda por essa commodity, o estado se tornou uma referência, com isso o número das exportações aumentaram o que acarretou no aumento dos valores exportados do algodão pela Bahia.

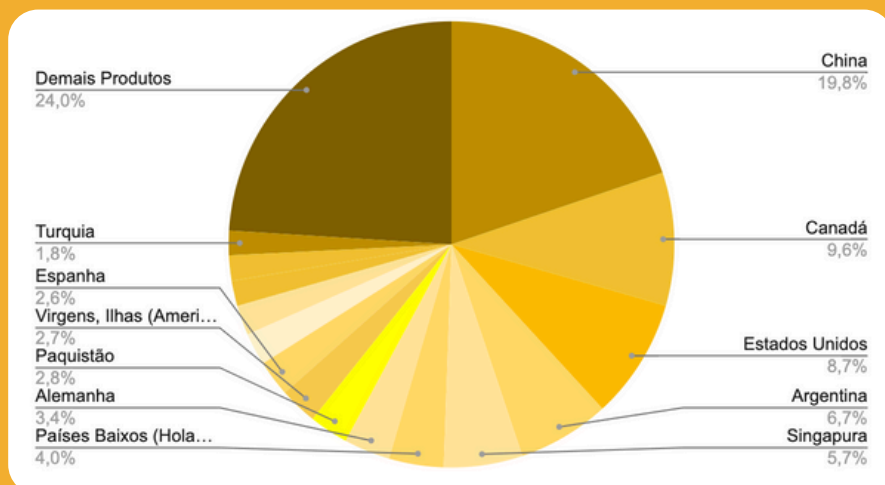
A Tailândia, em contramão às projeções, registrou um aumento significativo das suas importações advindas da Bahia, cerca de 2000% em valores e 8000% em peso. Os produtos que a Bahia exporta para o país asiático são, majoritariamente, soja e seus derivados, que no agregado registraram déficits. Todavia, em relação à Tailândia, a soja e seus derivados registraram uma elevação, que pode ser visualizada pela elevação das exportações baianas para o país.

Diante desse cenário, ao analisar os blocos econômicos a Ásia apresenta uma variação negativa de 22% e a América do Norte uma variação positiva de 6% devido a um aumento pouco expressivo dos valores das commodities exportada por esse bloco. Logo depois, a União Europeia com uma participação predominantemente oriunda das importações de produtos baianos pelos Países Baixos e Alemanha ao comprar, principalmente, café e cacau apresenta uma variação positiva de valores de 14%.

2024



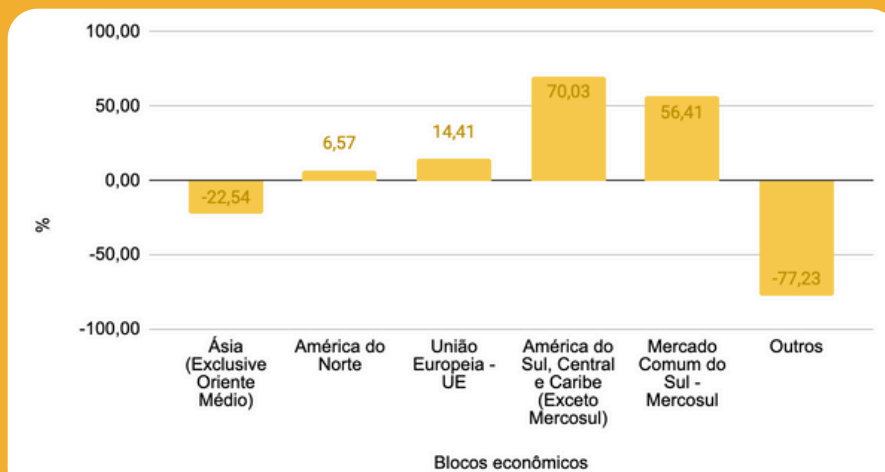
2025



Fonte: SEI

Blocos Econômicos

Variação de Valores



Fonte: SEI

Importações

No primeiro trimestre de 2025, a Bahia registrou queda das importações, em comparação ao mesmo período de 2022. De acordo com o Relatório de Acompanhamento do Comércio Exterior da Bahia (RACEB), publicado pela Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), a queda das importações totalizou cerca de US\$ 2,52 bilhões. Este resultado impactou diretamente o desempenho da indústria baiana, que depende das importações de insumos para a produção de setores como petroquímica, automotivo e metalurgia.

Nas importações, Camaçari influenciou o resultado negativo registrado pela Bahia, já que o município é o que mais importa, em razão da sua dependência de insumos importados para a sua produção industrial. Camaçari variou negativamente 4%, devido a fatores como as incertezas em relação à instalação da BYD, o impacto das tarifas comerciais globais e a desaceleração da economia global.

São Francisco do Conde registrou variações negativas de 29%. Fatores como a mudança na operação da RLAM, em uma economia como a do município, que é extremamente dependente do refino do petróleo, foram determinantes para esse resultado negativo. Com a descontinuidade da política de preços da Petrobras, que cobrava mais caro pelo petróleo a ser refinado em refinarias que não lhe pertenciam, a necessidade de importação de matérias-primas e insumos relacionados ao refino diminuiu, impactando, dessa forma, negativamente as importações do município.

Ilhéus, um dos maiores produtores de cacau no Brasil, tem sido destino das importações de cacau na Bahia, provenientes da Costa do Marfim. Devido à grande demanda de países como a Argentina, o estado tem importado o cacau in natura e o transformado em cacau em pó e manteiga de cacau, o que valoriza o bem final e lhe concede valor. Isso também ocorre em Itabuna — outro grande centro produtor de cacau — que possui uma grande indústria de transformação de cacau, agregando-lhe valor.

O aumento das importações candeenses no período estudado pode ser atribuído a inúmeros fatores econômicos e logísticos que impulsionaram a atividade industrial e portuária no município. O Porto de Aratu, localizado em Candeias, é um dos principais portos da Bahia, especializado no deslocamento de granéis líquidos, sólidos e gasosos. Organizações como a Braskem utilizam o porto para importar matérias-primas destinadas ao Polo Petroquímico de Camaçari. Em virtude da expansão do Porto de Aratu, houve um aumento das importações no município.

Também houve, em Candeias, a reativação do Terminal Portuário Miguel de Oliveira, antigamente utilizado pela Ford, mas que, em virtude da sua saída do estado da Bahia, estava paralisado. Entretanto, em razão da chegada da BYD, a reativação do porto foi necessária para atender à crescente demanda logística, especializada em automotores renováveis. Há uma expectativa de que a reativação do porto impulse ainda mais as importações do município e, conseqüentemente, do estado.

A Bahia registrou, como já foi salientado, um crescimento do setor industrial, que necessita de insumos importados para produzir. Como os portos de Candeias são a porta de entrada para muitos desses insumos, as importações registraram crescimento.

Além disso, Candeias tem importado principalmente matérias-primas para a indústria de fertilizantes. Tendo em vista que o município é uma referência na produção desse segmento, pode-se compreender outro motivo para a elevação das importações.

No caso de Conceição do Jacuípe e Morro do Chapéu, apesar de não se apresentarem como os maiores importadores do estado, esses municípios se tornam relevantes quando se observa a variação de um ano para o outro durante o mesmo período. Conceição do Jacuípe variou 123% e Morro do Chapéu, 47 mil%. Esses números são decorrentes do aumento na importação de células fotovoltaicas da China, que, por possuir uma grande reserva do produto, conta também com a isenção tarifária prevista para junho.

Ademais, Conceição do Jacuípe é uma das maiores produtoras de hortaliças da Bahia. Sendo esse setor extremamente dependente das importações, é compreensível a variação ocorrida.

Principais Municípios

Municípios	2024	2025	Variação
			%
Camaçari	830.835	792.470	-4,62
São Francisco do Conde	602.287	424.987	-29,44
Ilhéus	96.435	287.986	198,63
Candeias	98.067	206.552	110,62
Conceição do Jacuípe	55.195	123.494	123,74
Salvador	216.044	117.210	-45,75
Itabuna	21.089	88.744	320,80
Feira de Santana	44.115	76.864	74,23
Simões Filho	42.270	43.751	3,50
Várzea Nova	5	26.310	-
Alagoinhas	24.202	22.316	-7,79
João Dourado	0	19.560	-
Luís Eduardo Magalhães	42.550	16.078	-62,21
Morro do Chapéu	31	14.707	47.720,48
Lauro de Freitas	23.929	13.276	-44,52
Santo Antônio de Jesus	5.070	11.229	121,49
Demais Municípios	2.184.110	2.385.053	9,20
Total	2.184.110	2.385.053	9,20

Fonte: SEI

Segmento

As importações de naftas para petroquímica registraram uma leve queda, em virtude de a Braskem, a principal consumidora de nafta na Bahia, ter iniciado uma estratégia que visa diminuir a dependência desse insumo, substituindo a nafta por gás natural e etano, que são mais econômicos e competitivos. Além disso, a indústria petroquímica global está enfrentando um período prolongado de baixa, caracterizado por margens reduzidas e excesso de oferta global.

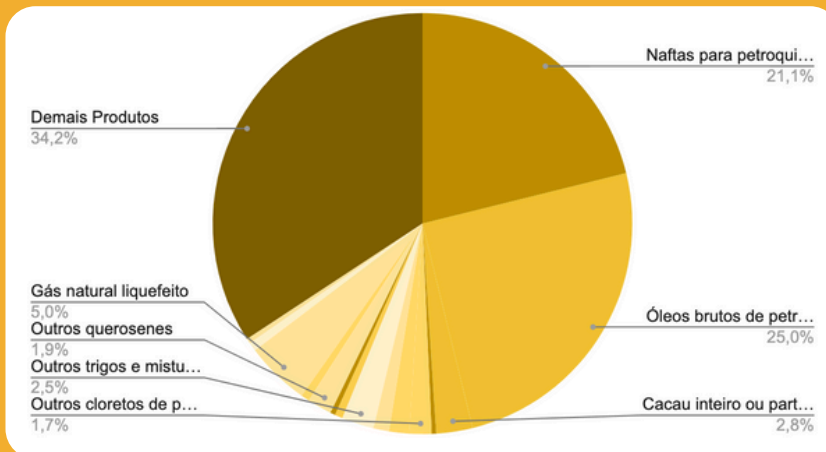
O mesmo cenário ocorre com os óleos brutos, que tiveram uma queda muito pequena, mas que ocorreu em decorrência da redução da demanda da indústria petroquímica, da substituição por matérias-primas alternativas e de um cenário global desfavorável.

A importação de cacau aumentou em 92% em volume e 360% em valores. Fatores como a produção cacaueira nacional, que enfrentou significativos desafios no início de 2025, contribuíram para esse resultado. Foi registrado o segundo menor volume no mesmo período dos últimos cinco anos. Apesar da diminuição da oferta, a demanda permaneceu alta, fazendo com que as empresas recorressem à importação para suprir a necessidade. Faz-se necessário salientar que, no trimestre analisado, ocorreu a Páscoa, época do ano em que a demanda por chocolate aumenta e, consequentemente, a de cacau. Todavia, em virtude da baixa oferta de cacau, precisou-se buscar alternativas no mercado internacional.

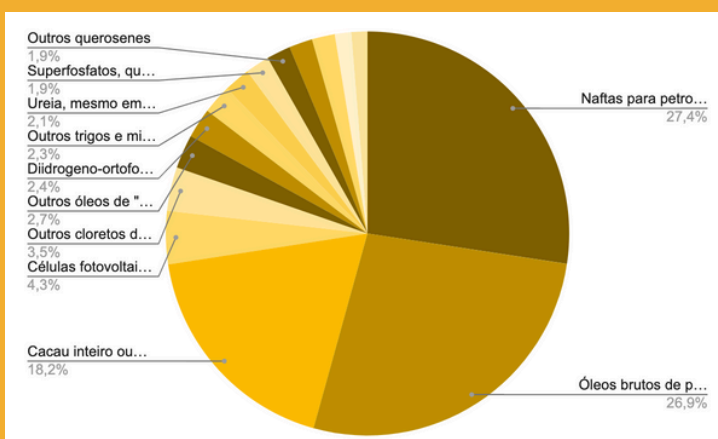
As células fotovoltaicas cresceram cerca de 1.000% em volume e 700% em valores. Esses resultados são fruto de diversos fatores. Entre eles, houve uma antecipação por parte do mercado diante da elevação do imposto de importação sobre esse produto. No final de 2024, o governo federal anunciou o aumento da alíquota de importação sobre células fotovoltaicas de 9,6% para 25%. As empresas, com o objetivo de evitar o aumento dos custos nos projetos de energia solar, decidiram se antecipar.

Outros componentes, como cloreto de potássio, di-hidrogênio de ortofosfato de amônio, ureia e superfosfatos, tiveram um aumento de quase 50%. No caso da ureia e dos superfosfatos, o crescimento foi superior a 100%, o que é coerente com o aumento das importações por Candeias, um grande produtor de fertilizantes.

2024



2025



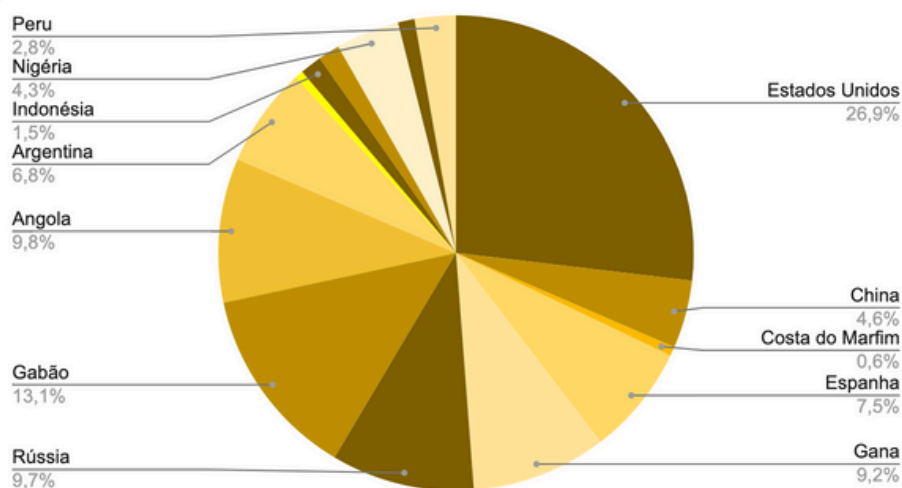
Fonte: SEI

Países e Blocos Econômicos

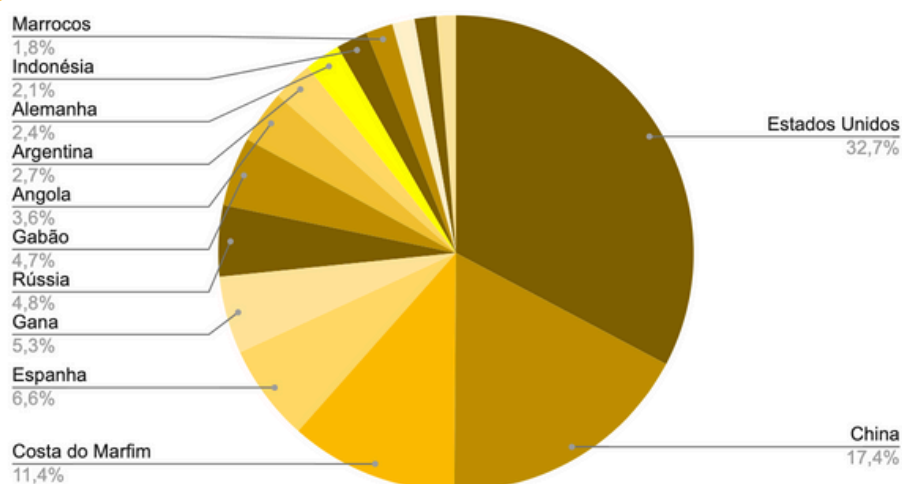
Estados Unidos e China continuam entre os países de origem das importações baianas, muito por conta da nafta. Entretanto, a ascensão da Costa do Marfim é um ponto que merece destaque, devido à grande importação de cacau, assim como o Marrocos, grande exportador de óleos brutos, embora este último assuma uma posição já minoritária se comparada à da Costa do Marfim. Esse é um fenômeno que também ocorreu com outros países africanos ao analisarmos as importações baianas.

Nesse sentido, ao analisarmos os blocos, a África perde espaço, enquanto a América do Norte e a Ásia continuam como primeiro e segundo colocados, com variações positivas de aproximadamente 40% e 60%, respectivamente.

2024

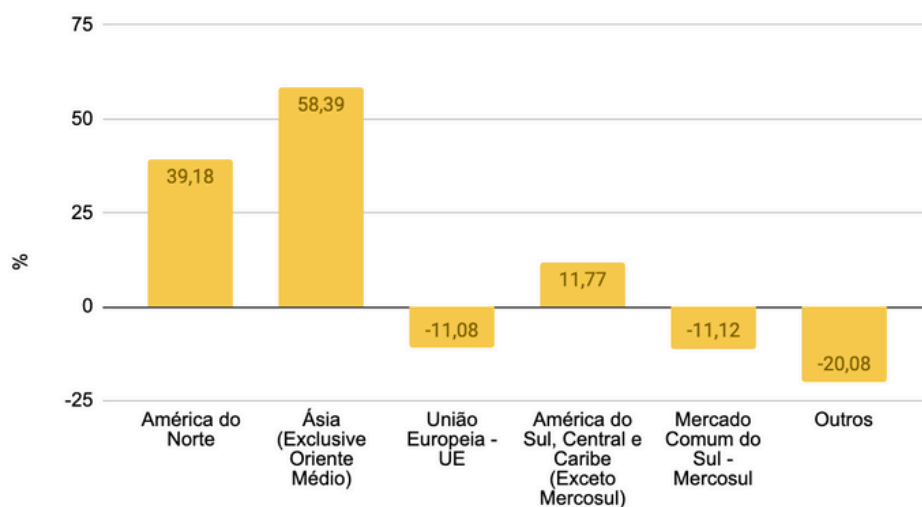


2025



Fonte: SEI

Blocos Econômicos Variação Valores



Fonte: SEI

Referencias:

SEI. Superintendencia de Estudos Economicos e Sociais da Bahia. Disponível em: <<https://sei.ba.gov.br/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 22 May 2025.

REUTERS. Exportação de Soja do Brasil Cairá em Janeiro, Mas Deve Ser Recorde no Ano, Prevê Anec. **Forbes Brasil**, 2025. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbesagro/2025/01/exportacao-de-soja-do-brasil-caira-em-janeiro-mas-deve-ser-recorde-no-ano-preve-anec/>>. Acesso em: 19 May 2025.

REDAÇÃO. **PetroReconcavo: Maior produção na Bahia compensa queda do Ativo Potiguar no 1o trimestre.** IstoÉ Dinheiro. Disponível em: <<https://istoedinheiro.com.br/petroreconcavo-maior-producao-na-bahia-compensa-queda-do-ativo-potiguar-no-1o-trimestre-2/>>. Acesso em: 19 May 2025.

FREIRE, Vinicius Torres. **Opinião - Vinicius Torres Freire: No Brasil petroleiro e do agro, preços menores aumentam desconforto econômico de 2025.** folha.uol.com.br. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniciustorres/2025/05/no-brasil-petroleiro-e-do-agro-precos-menores-aumentam-desconforto-economico-de-2025.shtml>>. Acesso em: 19 May 2025.

BAHIA, Redação do Jornal Grande. **Exportações baianas têm leve aumento de 0,68% em março de 2025.** Jornal Grande Bahia (JGB). Disponível em: <<https://jornalgrandebahia.com.br/2025/04/exportacoes-baianas-tem-leve-aumento-de-068-em-marco-de-2025/>>. Acesso em: 19 May 2025.

ba.gov.br - Plataforma de serviços e informações do Estado da Bahia. ba.gov.br - Plataforma de serviços e informações do Estado da Bahia. Disponível em: <<https://www.ba.gov.br/noticias/368705/producao-industrial-baiana-cresceu-24-no-primeiro-trimestre-de-2025>>. Acesso em: 19 May 2025.

MERLADETE, Agrolink - Aline. Bahia amplia área de algodão. **Portal Agrolink**, 2025. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/noticias/bahia-amplia-area-de-algodao_500644.html>. Acesso em: 19 May 2025.

Café: Estimativa de crescimento de 7,3% da safra/25 do robusta consolida baixas nos preços. Bahia Na Política. Disponível em: <<https://bahianapolitica.com.br/cafe-estimativa-de-crescimento-de-73-da-safra-25-do-robusta-consolida-baixas-nos-precos/>>. Acesso em: 19 May 2025.

Trabalho e Rendimento

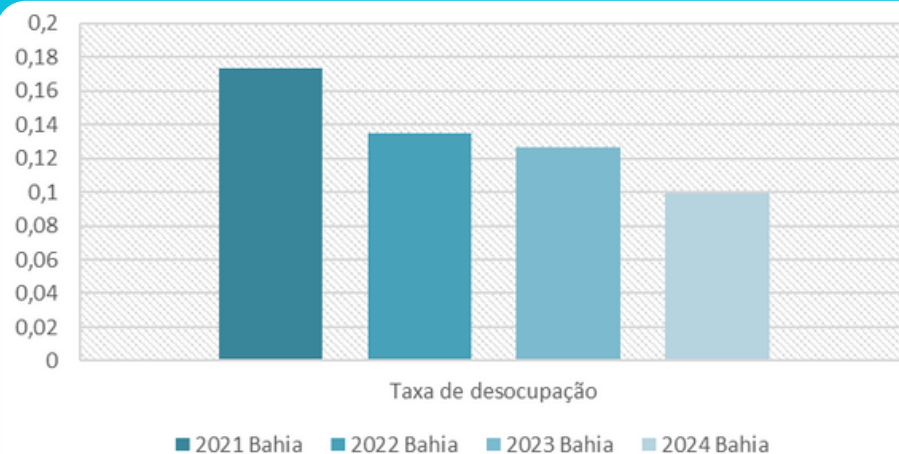


Trabalho e Rendimento | Abhel Abreu e Douglas Mota

O presente trabalho tem o intuito de analisar os dados do trabalho na Bahia, a partir de informações retiradas da PNAD Contínua, referentes ao quarto trimestre de 2024. Realizada pelo IBGE, a PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) é uma valiosa fonte de dados sobre o trabalho no Brasil. Nesta pesquisa, quatro indicadores serão analisados: a taxa de desocupação, a taxa de substituição, a taxa de informalidade e o índice de Gini. Estes indicadores serão apresentados, primeiro, num panorama geral da situação do estado da Bahia. Posteriormente, serão analisadas por regiões: Centro Norte, Centro Sul, Entorno Metropolitano, Litoral Norte e Recôncavo, Litoral Sul, Oeste e Vale do São Francisco. Ao final, analisar-se-á a capital do estado, Salvador.

Panorama estadual

Taxa de Desocupação na Bahia

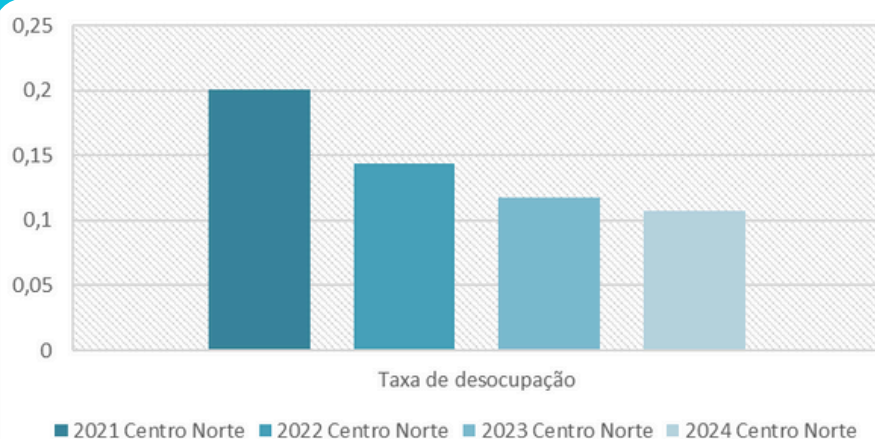


A Bahia, pelo terceiro ano consecutivo, registrou decréscimo da taxa de desocupação. Fatores como o aumento da ocupação em diversos setores — impulsionado pelo crescimento no número de trabalhadores celetistas no setor privado, no setor público, no comércio e no transporte —, investimentos em setores estratégicos, como o VLT, o Porto Sul, a Ferrovia de Integração Oeste-Leste e a chegada da BYD, o crescimento do turismo, alavancado por um volume de atividade turística acima da média nacional, e ações de fomento ao emprego, como os programas Microcrédito e Crede Bahia, contribuíram para essa redução.

Apesar de ter registrado queda, a Bahia apresentou uma das maiores taxas de desocupação do país, ficando atrás apenas de Pernambuco. Partindo para uma análise das regiões da Bahia, é possível concluir que os resultados encontrados no agregado são observados em todas as regiões do estado, indicando que os mesmos fatores que contribuíram para o decréscimo da taxa de desocupação estadual são encontrados nas regiões individualmente.

Panorama Centro Norte do estado

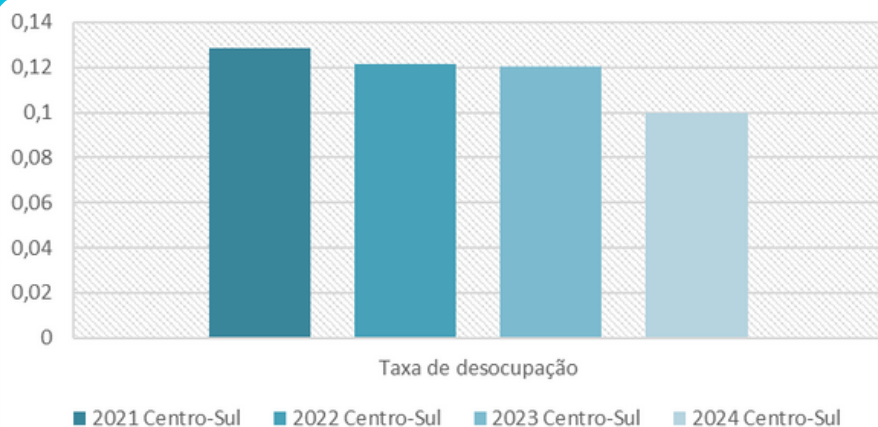
Taxa de Desocupação Centro Norte



O Centro-Norte, pelo terceiro ano consecutivo, registrou decréscimo da taxa de desocupação. Considerando que essa região tem municípios como Feira de Santana, Irecê e Jacobina, é possível constatar que os indicadores dessa região seguem a média estadual.

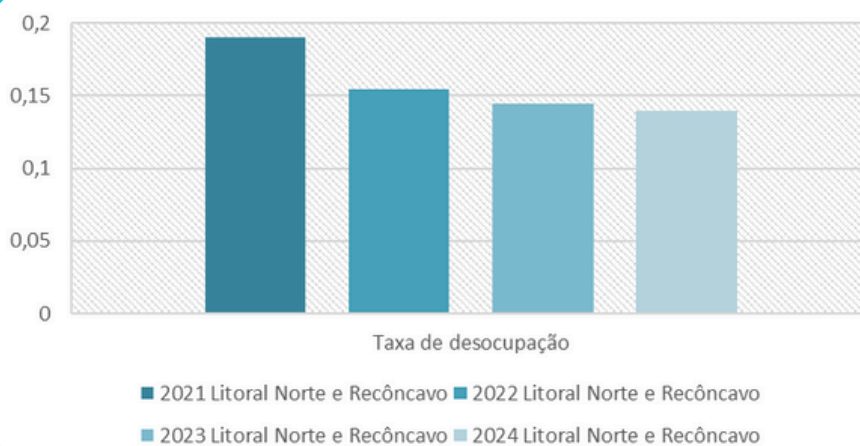
Panorama Centro Sul do estado

Taxa de Desocupação Centro Sul



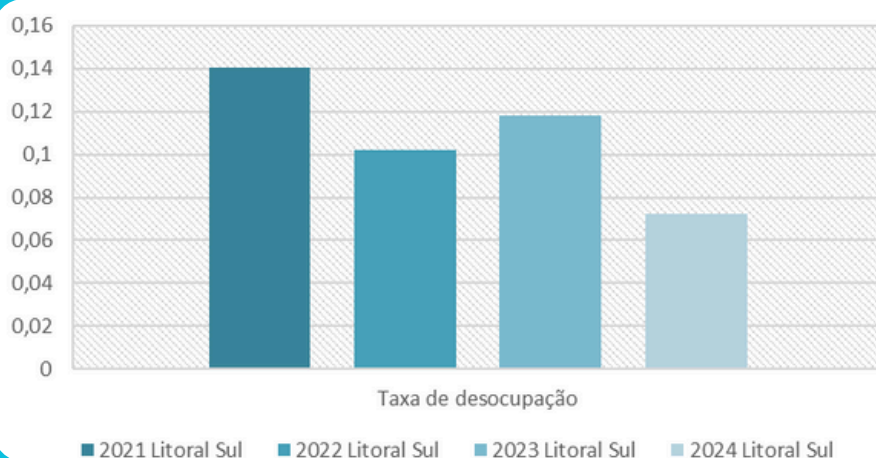
O Centro-Sul, diferentemente do Centro-Norte, que seguia um cenário de queda, apresentava um cenário de estabilidade da taxa de desocupação. Entretanto, no quarto trimestre de 2024, seguiu a tendência do estado e registrou uma taxa de desocupação abaixo dos 10%. Pode-se concluir, portanto, que, apesar de ter registrado números com leves diferenciações da média estadual, o Centro-Sul baiano, que inclui municípios como Vitória da Conquista, Itapetinga e Jequié, seguiu os indicadores estaduais, apesar de ter registrado variações específicas em razão das suas especificidades regionais.

Taxa de Desocupação



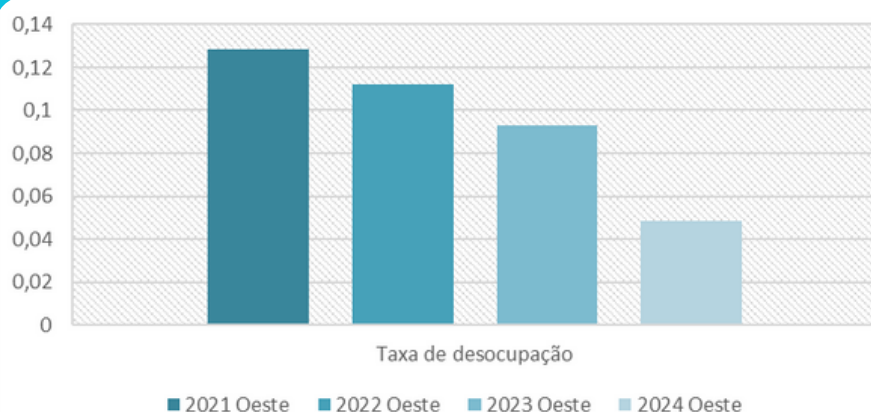
O Litoral Norte e Recôncavo, nos últimos três anos, seguem um panorama de queda da taxa de desocupação. Todavia, no último trimestre de 2024, a queda foi menos acentuada e a região registrou números acima da média estadual. Dessa forma, apesar de ter registrado queda, esta região mantém uma taxa de desocupação elevada.

Taxa de Desocupação



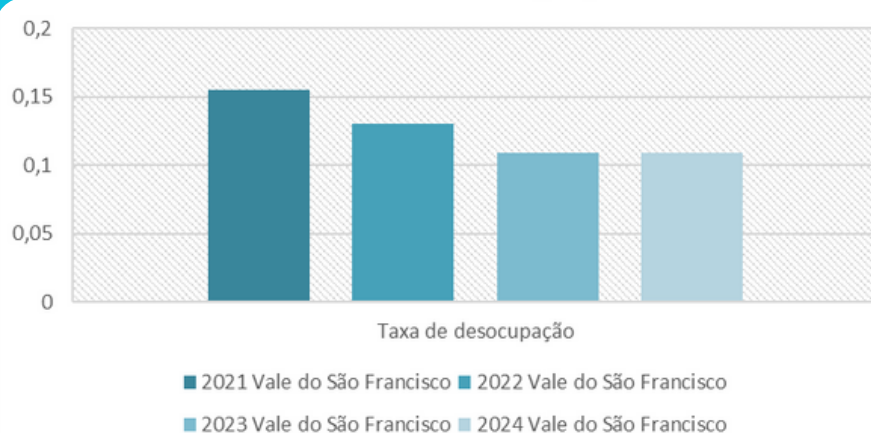
O Litoral Sul registrou uma taxa de desocupação de aproximadamente 7,2%, representando uma queda significativa em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, que havia sido de 11,8%, sugerindo, dessa forma, uma melhora no mercado de trabalho da região. Essa melhora é, possivelmente, associada ao aumento da taxa de participação, que se elevou para 62,8%, e à formalização do emprego, observada a partir da taxa de informalidade, que registrou redução.

Taxa de Desocupação



A região Oeste, nos últimos três anos, registrou quedas expressivas da taxa de desocupação; todavia, em 2024, registrou-se o menor número do período analisado, chegando a menos de 5%. Fatores como o aumento da taxa de participação podem estar relacionados ao número registrado.

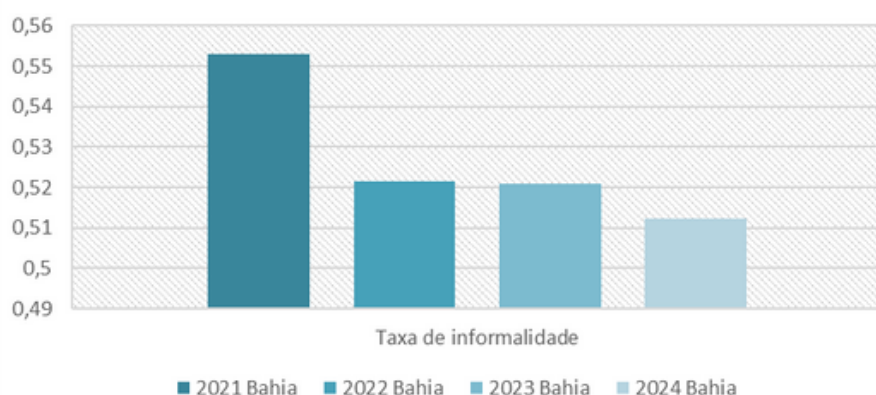
Taxa de Desocupação



A taxa de desocupação do Vale do São Francisco, apesar de ter registrado queda nos últimos anos analisados, em 2024 se manteve estabilizada em relação ao mesmo período do ano anterior, sugerindo, assim, a existência de fatores locais que não permitiram que a região seguisse a tendência estadual. Apesar disso, a taxa de participação registrou aumento, apontando que houve um engajamento popular no mercado de trabalho.

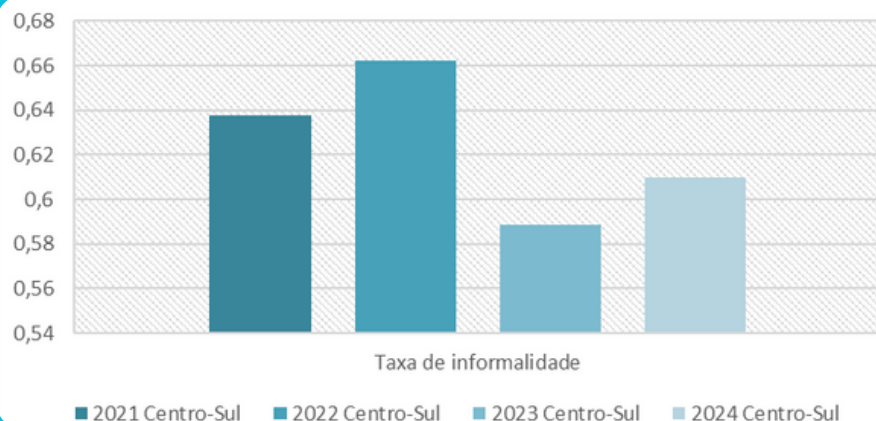
Outro indicador que, apesar de estar em queda, ainda apresenta um dos maiores índices nacionalmente é o da informalidade.

Taxa de Informalidade



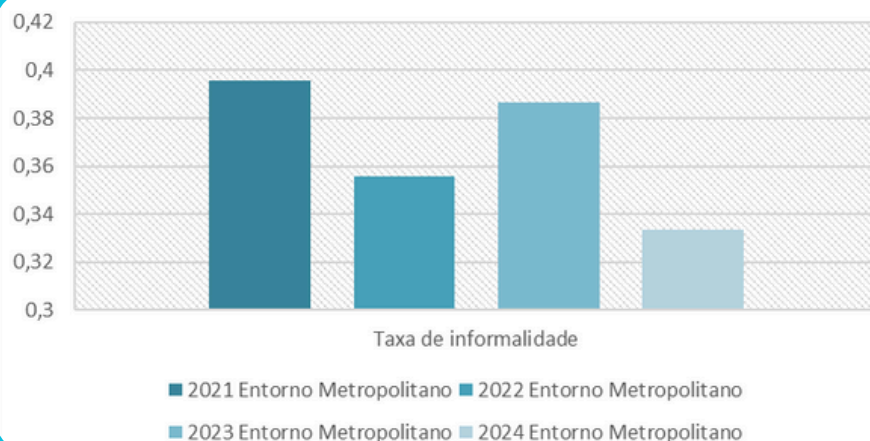
A taxa de informalidade baiana apresentou uma leve redução, variando de aproximadamente 52% para cerca de 51%. Fatores já abordados podem ter relação: o crescente número de trabalhos celetistas, a expansão do turismo, os investimentos em setores estratégicos, programas de fomento ao crédito e o aumento do trabalho por conta própria com CNPJ.

Taxa de Informalidade



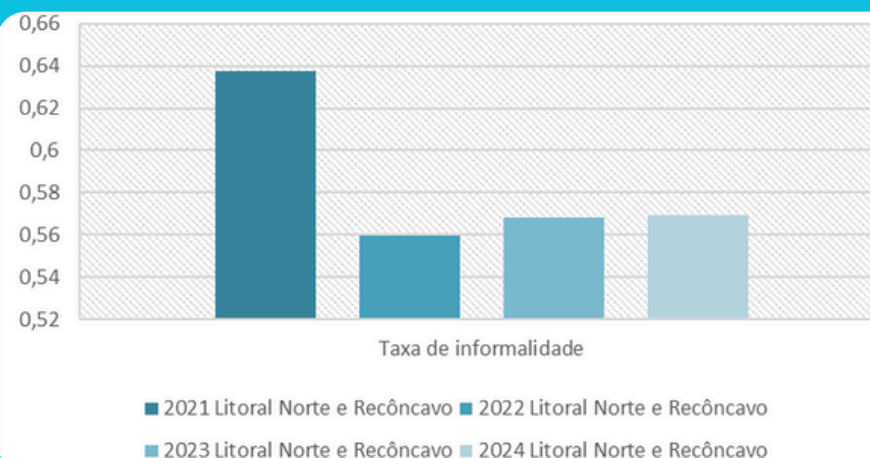
Apesar de ter registrado grandes avanços no combate à taxa de desocupação, a região Centro-Sul mantém uma taxa de informalidade acima dos 60%, indicando uma fragilidade do mercado de trabalho. A queda da taxa de desocupação, alinhada a uma elevada taxa de informalidade, aponta que os trabalhos criados não têm qualidade e são, na maior parte dos casos, informais. O crescimento pode estar relacionado a um encolhimento do setor formal e a um aumento da busca por ocupações alternativas.

Taxa de Informalidade



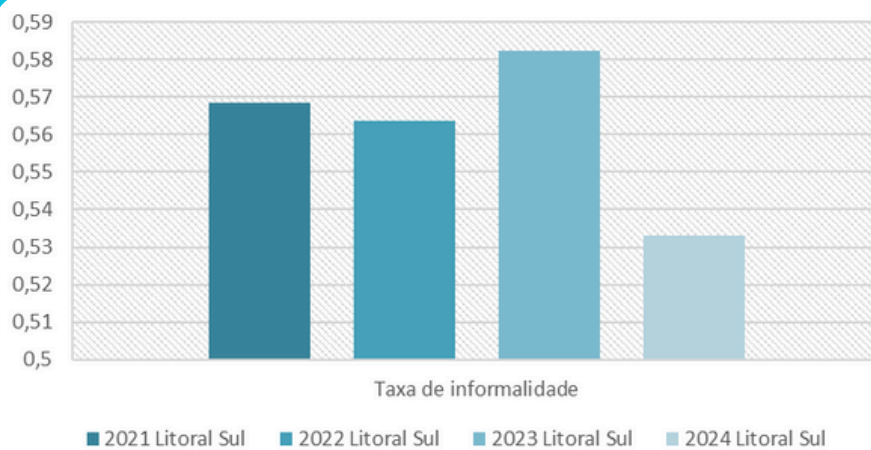
Apesar de ter registrado um leve aumento no quarto trimestre de 2024, a taxa de informalidade do Entorno Metropolitano aponta uma tendência geral de queda, que vem desde 2021. No último trimestre de 2024, a taxa de informalidade registrou seu menor número da série estudada, o que sugere uma melhora no mercado de trabalho e indica que a população está tendo acesso a mais trabalhos formais.

Taxa de Informalidade



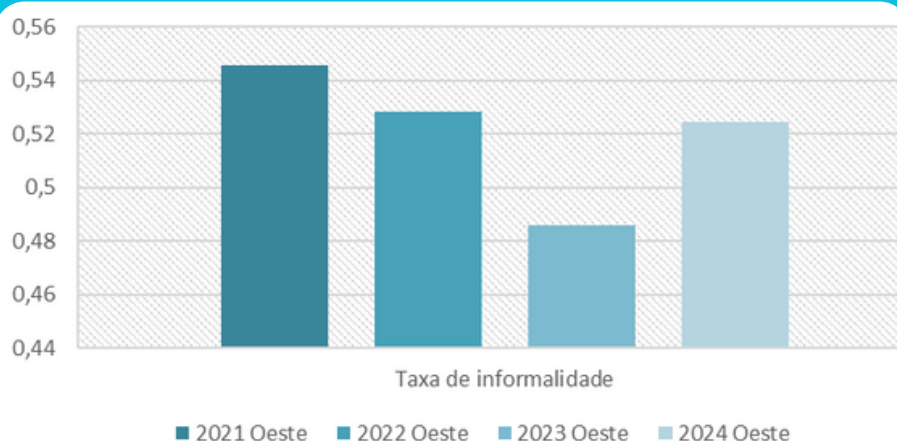
O Litoral Norte e Recôncavo apresentou uma queda significativa da taxa de informalidade do quarto trimestre de 2021 ao quarto trimestre de 2022; entretanto, no mesmo período dos anos de 2023 e 2024, a taxa permaneceu estável, havendo apenas uma variação de 1%. Este cenário sugere estagnação na criação de trabalhos formais após uma melhora inicial. Portanto, esta região apresenta alto desemprego e informalidade.

Taxa de Informalidade



O Litoral Sul registrou uma melhora acentuada da taxa de informalidade na comparação entre o quarto trimestre de 2023 e o quarto trimestre de 2024. Os dados disponíveis mostram que o resultado do último trimestre de 2024 é o melhor da série estudada, sugerindo uma melhora no mercado de trabalho formal e avanços na formalização da mão de obra.

Taxa de Informalidade



O Oeste baiano seguia uma tendência de queda da taxa de informalidade, que vinha registrando decréscimos desde o quarto trimestre de 2021; todavia, no quarto trimestre de 2024, a taxa de informalidade voltou a subir, indicando, assim, uma possível instabilidade do mercado de trabalho formal, provavelmente provocada por flutuações do agronegócio, que tem uma participação expressiva no Oeste da Bahia.

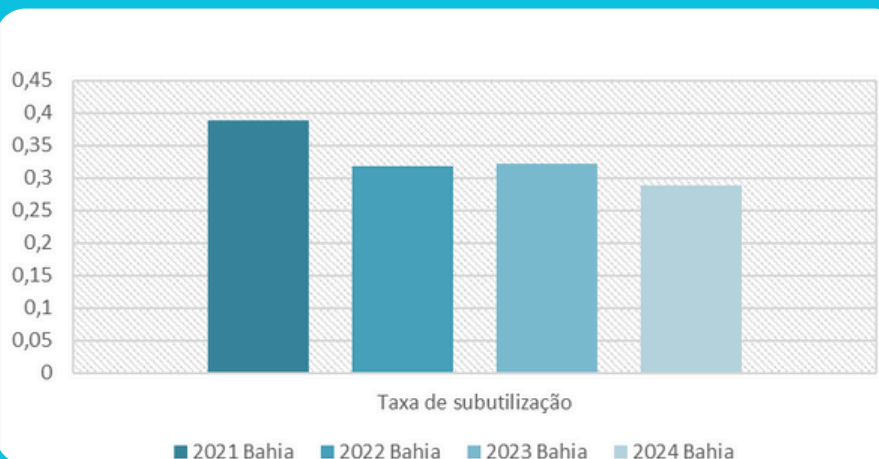
Taxa de Informalidade



Os dados disponíveis sobre a taxa de informalidade referentes à região do Vale do São Francisco mostram que a taxa segue caindo, apesar de ter registrado um leve aumento no quarto trimestre de 2023. Apesar dos decréscimos consistentes, mas lentos, dessa região, é necessário ressaltar que o nível segue extremamente alto, sendo um dos maiores do estado da Bahia.

A taxa de subutilização, seguindo os outros indicadores, também segue em um panorama de queda.

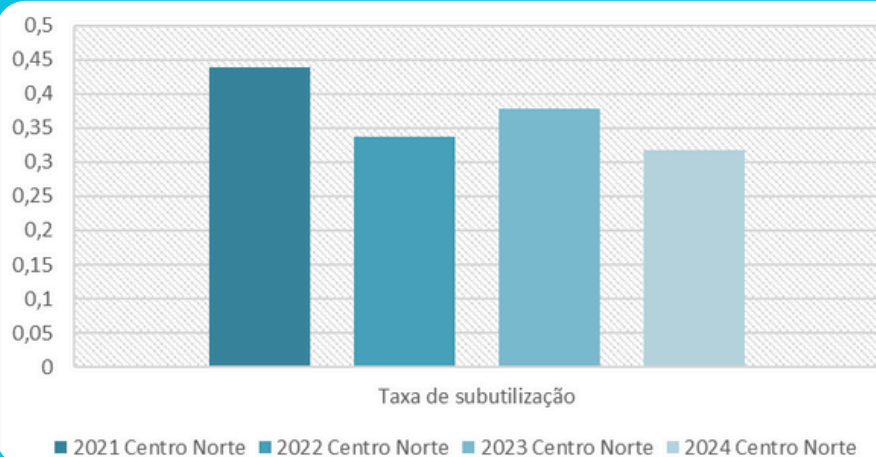
Taxa de Subutilização



Apesar de ter registrado queda, a taxa de subutilização da Bahia é a segunda maior do país, ficando atrás somente do Piauí. Fatores como o alto índice de desocupação, a subutilização por insuficiência de horas trabalhadas e a força de trabalho potencial elevada estão relacionados à alta taxa de subutilização baiana.

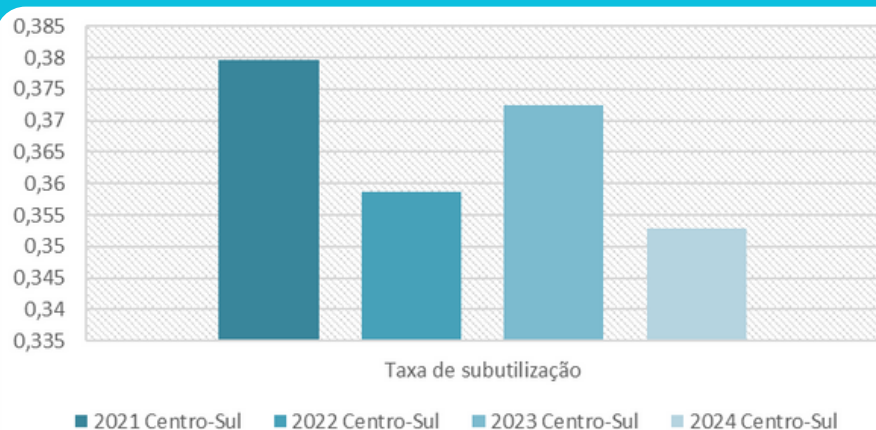
Observa-se, também, uma queda das desigualdades no mercado de trabalho. O índice de Gini da Bahia, comparativamente aos últimos três anos analisados, seguia uma tendência de elevação; todavia, no período analisado, pode-se constatar uma redução significativa, registrando o menor patamar do período estudado.

Taxa de Subutilização



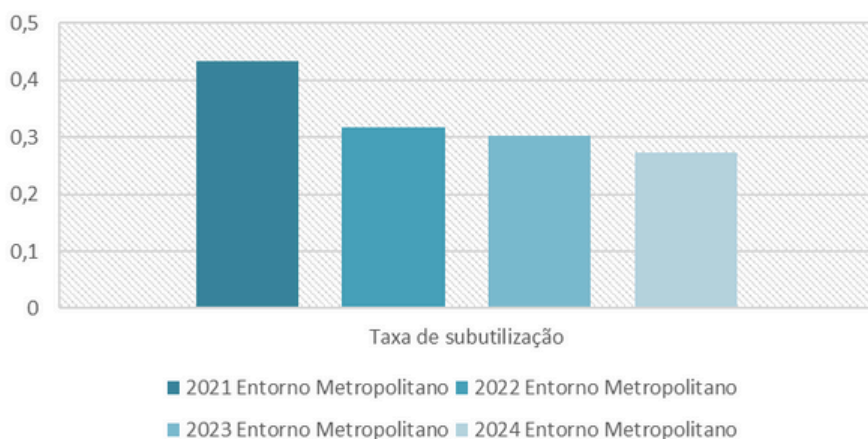
Segundo os dados disponíveis, a taxa de subutilização no Centro-Norte teve algumas variações. Observa-se no gráfico que o índice era elevado em 2021, por causa da situação pandêmica, aproximando-se dos 45%. Houve uma retração em 2022; porém, em 2023 a taxa voltou a crescer, indicando que a economia foi insuficiente para absorver a força de trabalho de forma consistente. Em 2024, é possível constatar outra retração da taxa, representando uma melhora nesse setor.

Taxa de Subutilização



No Centro-Sul, as variações da taxa de subutilização são mais acentuadas. Em 2021, o índice aproximava-se de 38%. Em 2022, decaiu para 36%, voltou a crescer em 2023, aproximando-se novamente dos 38%, e retraiu em 2024 para uma taxa de aproximadamente 35,5%. Essas variações ocorrem devido à sazonalidade agrícola, à informalidade no setor de trabalho, entre outros fatores.

Taxa de Subutilização



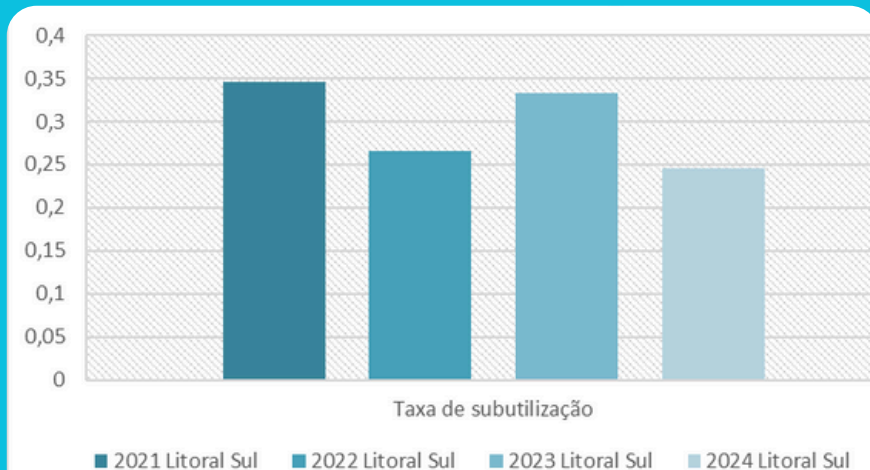
Observa-se que o índice de subutilização no Entorno Metropolitano está em processo constante de retração. Depois da pandemia, a taxa decresce continuamente devido a fatores e políticas que geraram maior empregabilidade. Entre eles está a chegada da montadora BYD em Camaçari, que ocupou o lugar da Ford, gerando maior empregabilidade para a população e, conseqüentemente, menor taxa de subutilização.

Taxa de Subutilização



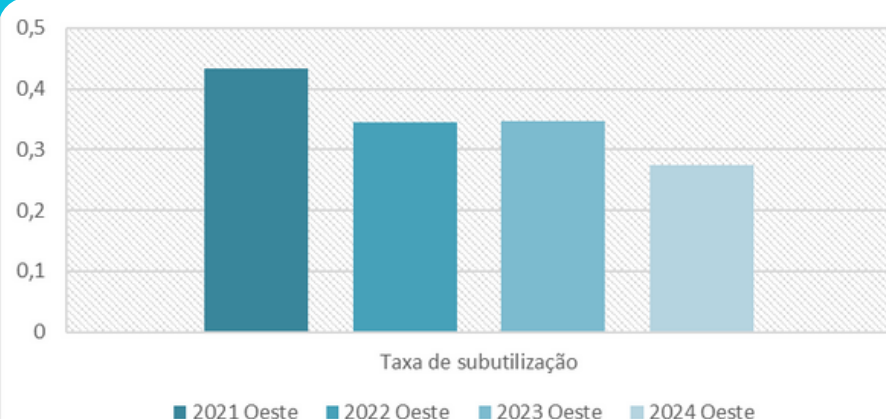
No Litoral-Norte, observa-se que o índice apresenta variações irregulares. Em 2021, apresentou uma taxa superior a 40%, provavelmente por causa da crise mundial, e decresceu nos anos posteriores. Em 2022, caiu para cerca de 35% e, em 2023, para aproximadamente 37%. Porém, em 2024 essa taxa voltou a crescer, evidenciando a necessidade de atenção aos aspectos sociais por parte do governo.

Taxa de Subutilização



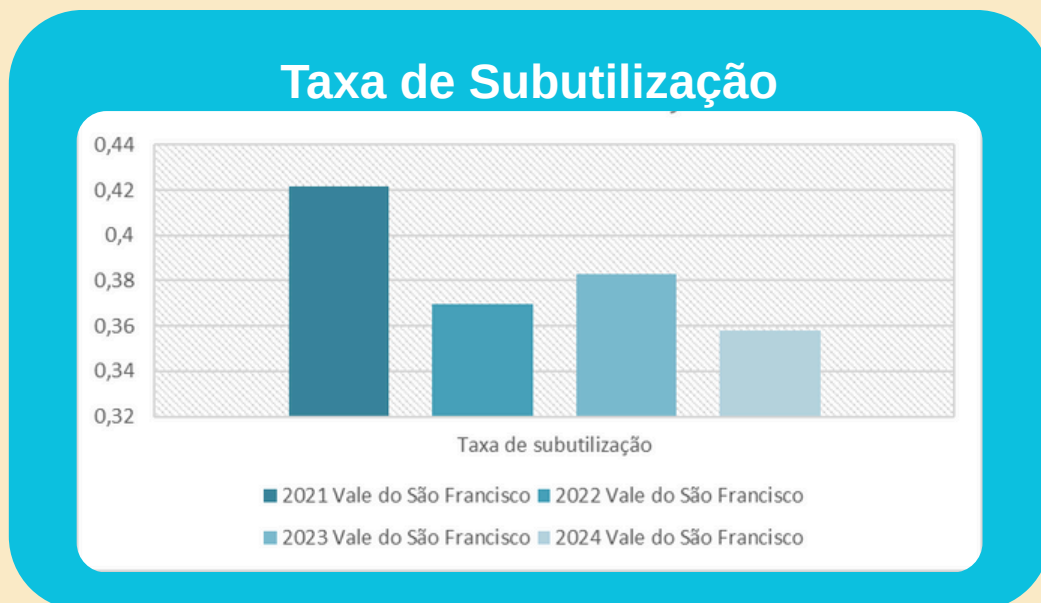
Os dados do Litoral-Sul indicam que, em 2021, havia uma elevada taxa de subutilização. Em 2022, a taxa retraiu em função da abertura da economia e por ser uma região dependente do turismo. Em 2023, essa taxa voltou a crescer, provavelmente por causa da informalidade no setor trabalhista, e, em 2024, decaiu para cerca de 24%, mostrando melhores níveis no índice de subutilização.

Taxa de Subutilização



Ao observar a taxa de Subutilização da região Oeste, observa-se que está em constante retrocesso. Cidades como Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, são importantes polos do agronegócio baiano e nacional, ocasionando também, uma maior oferta de emprego.

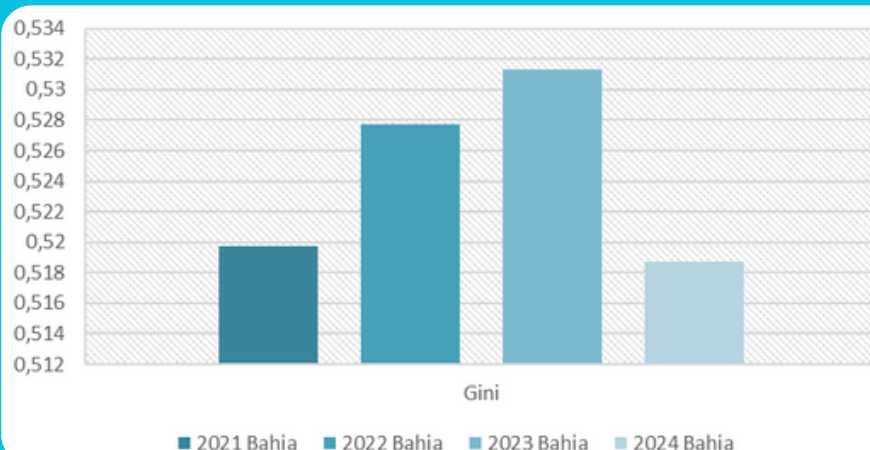
Em 2021 a taxa de subutilização aproximava de 0,4%, enquanto nos anos posteriores houve um retrocesso, chegando em 2024 em, aproximadamente, 0,3%, o que indica uma melhora na oferta e contratação de trabalhado.



Ao observar o Vale do São Francisco, é possível inferir que o índice de subutilização teve algumas variações. Em 2021, por causa da crise sanitária mundial, o índice apresentou seu maior pico, provavelmente em função da queda do comércio. Em 2022, esse índice caiu, porém voltou a crescer em 2023 e atingiu seu menor pico em 2024, com aproximadamente uma taxa de 36%.

Resumidamente, ao analisar a Bahia e suas macrorregiões, observa-se que o estado apresenta elevadas taxas de subutilização causadas, principalmente, pela informalidade exorbitante, a baixa remuneração do trabalho, os baixos investimentos e a escassez de mão de obra qualificada. Regiões como a capital e o Entorno Metropolitano, que possuem os maiores polos de investimento, indústria e mão de obra qualificada, são as partes que apresentam os menores índices, evidenciando a necessidade de ampliar os investimentos para todo o estado e descentralizar da região litorânea.

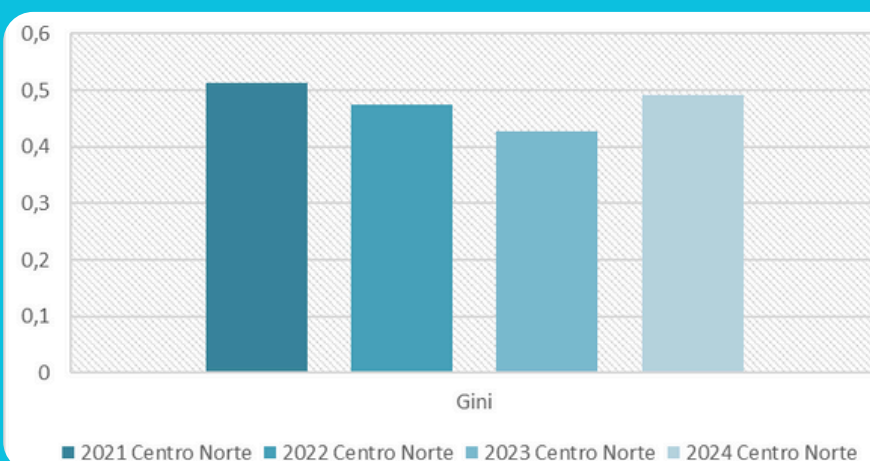
Índice de Gini



A acentuada queda do índice de Gini do mercado de trabalho está relacionada a fatores supracitados, como o aquecimento do mercado de trabalho, que aumentou a renda das camadas populares da população. Com isso, as camadas menos abastadas da população registraram rendimentos acima da média, contribuindo, assim, para a diminuição registrada da desigualdade. O aumento dos programas sociais, como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), a valorização do salário-mínimo e a redução da concentração de renda — na qual a diferença entre os rendimentos da parcela mais rica da população e dos mais pobres diminuiu — também contribuíram para esse cenário.

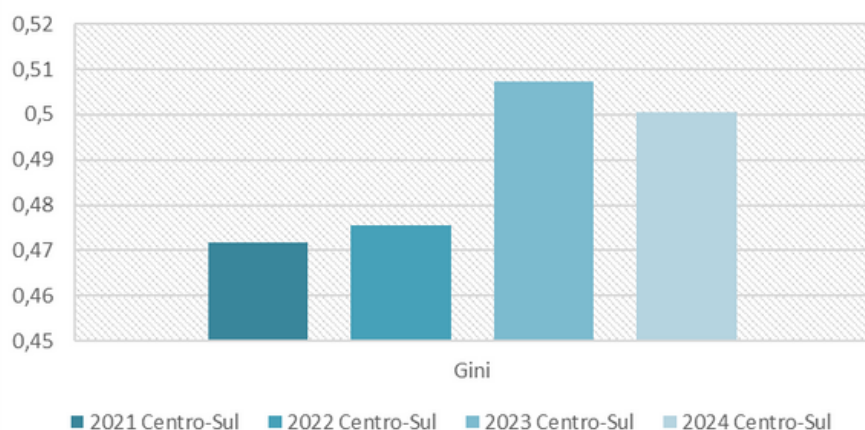
A partir dos dados analisados, pode-se constatar que o mercado de trabalho baiano tem registrado melhoras significativas, mas que, comparativamente às outras unidades federativas, os resultados não são satisfatórios.

Índice de Gini



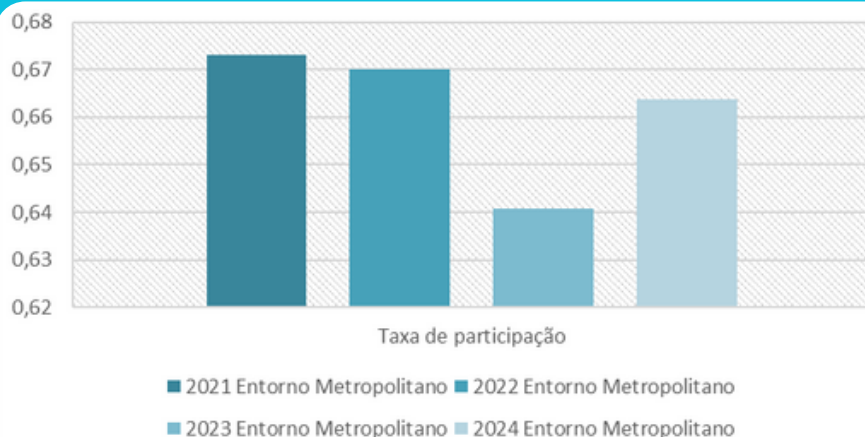
Na região Centro-Norte, em 2021, havia uma concentração de renda acentuada, apresentando, entre os anos analisados no gráfico, a maior taxa do índice. Em 2022 e 2023, houve uma retração do índice, evidenciando uma melhor distribuição de renda. Porém, em 2024, o índice voltou a crescer, evidenciando a necessidade de observar a distribuição de renda para garantir um melhor bem-estar populacional.

Índice de Gini



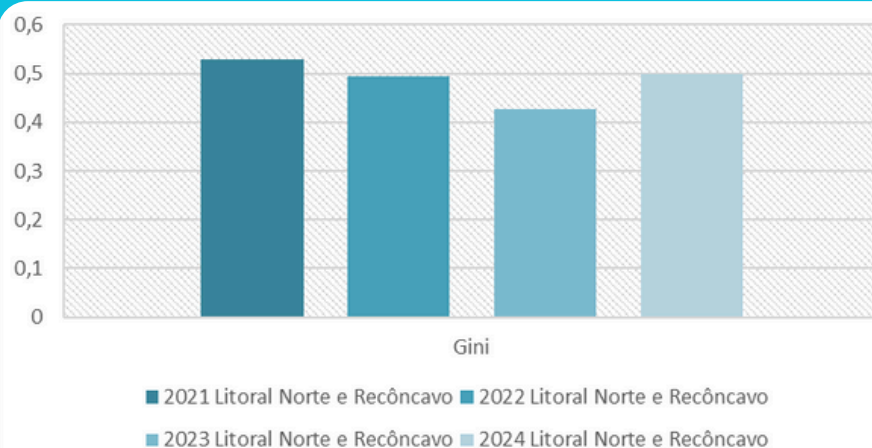
Analisando os dados do Centro-Sul, observa-se que apresenta uma taxa inversa à dos dois últimos gráficos. Em 2021, apresentou o menor valor dos anos observados, tendo crescido alguns pontos percentuais em 2022 e apresentado um crescimento abrupto em 2023, provavelmente por causa do elevado número de trabalho informal e das mudanças no mercado. Em 2024, apresenta uma pequena retração, mas ainda mantém uma alta taxa.

Índice de Gini



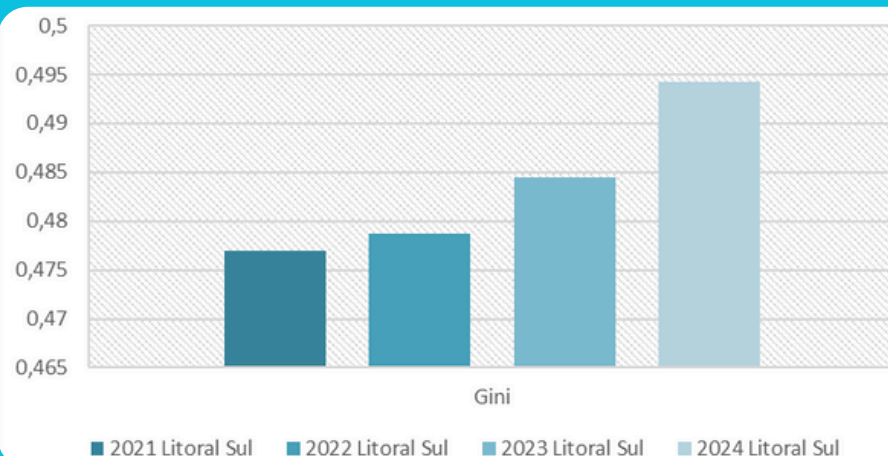
Ao analisar o Entorno Metropolitano, região do estado baiano que apresenta maior nível de empregos formais, comparada às outras, o índice de Gini apresenta elevadas taxas. Mantendo uma variação entre 0,4 e 0,5, o índice permite inferir a alta concentração de renda na população do entorno, evidenciando a necessidade de maior distribuição e descentralização da renda.

Índice de Gini



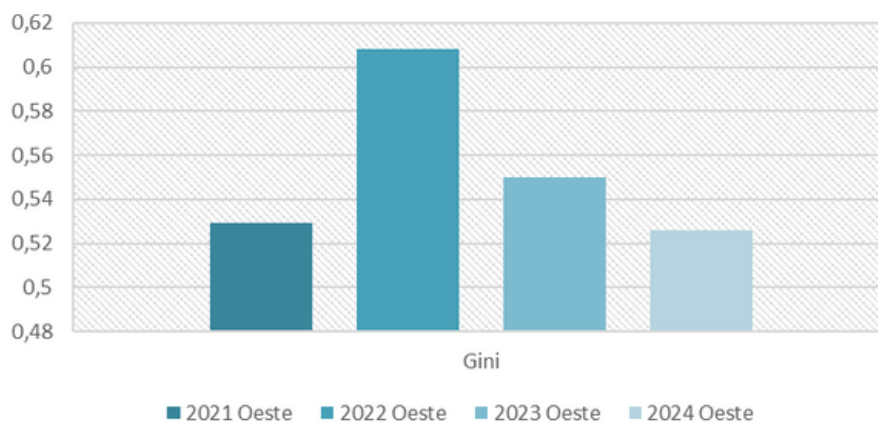
Observando os dados do Litoral Norte e Recôncavo, infere-se que, nos três primeiros anos analisados, houve uma retração do índice de Gini, evidenciando uma descentralização da renda na região. Porém, em 2024, essa taxa voltou a crescer, provavelmente em virtude do baixo acesso ao trabalho formal.

Índice de Gini



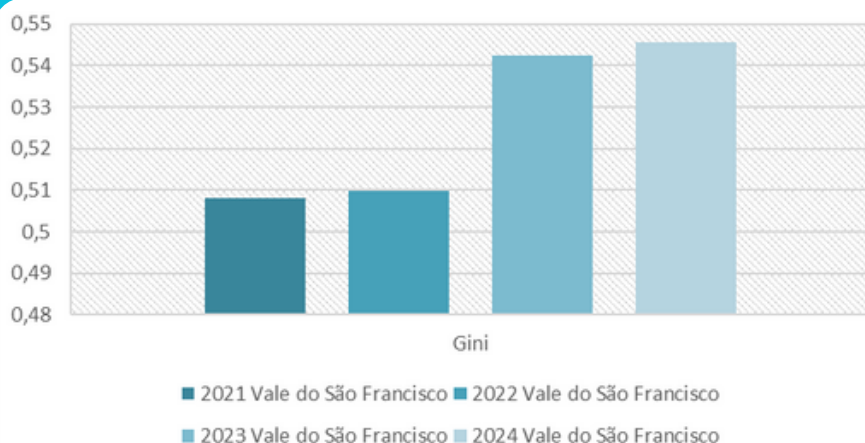
Ao observar o Índice de Gini do Litoral Sul, é possível analisar a evolução que o índice teve, revelando a piora na distribuição de renda da região. Essa piora aconteceu, provavelmente, por causa da informalidade do setor de trabalho, a baixa remuneração. Analisa-se no gráfico que, em 2021, o índice apresentava um taxa de, aproximadamente 0,475%, tendo crescido para, aproximadamente, 0,495% em 2024, o que permite inferir a necessidade de políticas públicas para combater essa piora.

Índice de Gini



Ao observar o gráfico acima, vê-se que o Índice de Gini apresenta algumas variações. Em 2021, o índice aproximava de 0,530 tendo alcançado um pico de aproximadamente 0,610 em 2022, uma grande variação dentro de um ano, representando a concentração de renda que tem na região, devido ao agronegócio exportador que possui a riqueza concentrada na mão de poucos. Em 2023 há uma redução considerável para 0,550 e em 2024 atinge o menor valor dentre os anos observados, com aproximadamente 0,530.

Índice de Gini



Ao analisar os dados da região do Vale de São Francisco, é possível observar que o Índice de Gini está em constante crescimento, evidenciando uma piora na distribuição de renda. Em 2021 o índice estava em torno de 0,507, tendo apresentado uma variação positiva durante os anos e, em 2024, apresentou uma taxa de, aproximadamente, 0,543. Essa variação foi, provavelmente, devido a instabilidade de emprego na região. Mesmo que tenha pessoas trabalhando, os contratos não são realizados para ter estabilidade, além de ser uma economia baseada na fruticultura irrigada, que tem baixo valor agregado no mercado.

CONCLUSÃO

Entre os anos de 2021 e 2024 a Bahia apresentou uma tendência preocupante no quesito de desigualdade, de acordo com os dados apresentados. Apesar da especificidade de cada região, o Estado como o todo passa por um processo preocupante de desigualdade de renda e trabalho.

Essa variação se dá, principalmente, em virtude do aumento do trabalho informal que vem crescendo cada dia mais, sobretudo nas franjas urbanas e nas cadeias produtivas com baixa proteção trabalhista. Mesmo com o aumento de trabalho, a qualidade dos mesmos deixa a desejar na qual, muitas pessoas trabalham em situações de vulnerabilidade, sem ter a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho formal.

Além disso, regiões do Estado que apresentou crescimento econômico puxadas pelo agronegócio apresentaram uma maior concentração de renda. As grandes fazendas exportadoras, mesmo com o potencial de produtividade alto, causa pouco efeito na geração de emprego, tendo em vista que a maior parte do processo produtivo é realizado por grandes máquinas, sem a necessidade de mão-de-obra humana.

A diminuição dos índices de desigualdade em algumas regiões específicas entre, pode representar respostas positivas das políticas públicas ou aquecimento de setores de emprego urbano e formal, mas ainda de forma insuficiente para reverter o quadro geral. Dessa forma, o panorama macrorregional da Bahia evidencia que o estado segue enfrentando grandes desafios na redução das desigualdades socioeconômicas, sendo urgente a implementação de políticas públicas articuladas que possam reduzir essas mazelas.

7

Considerações Finais

